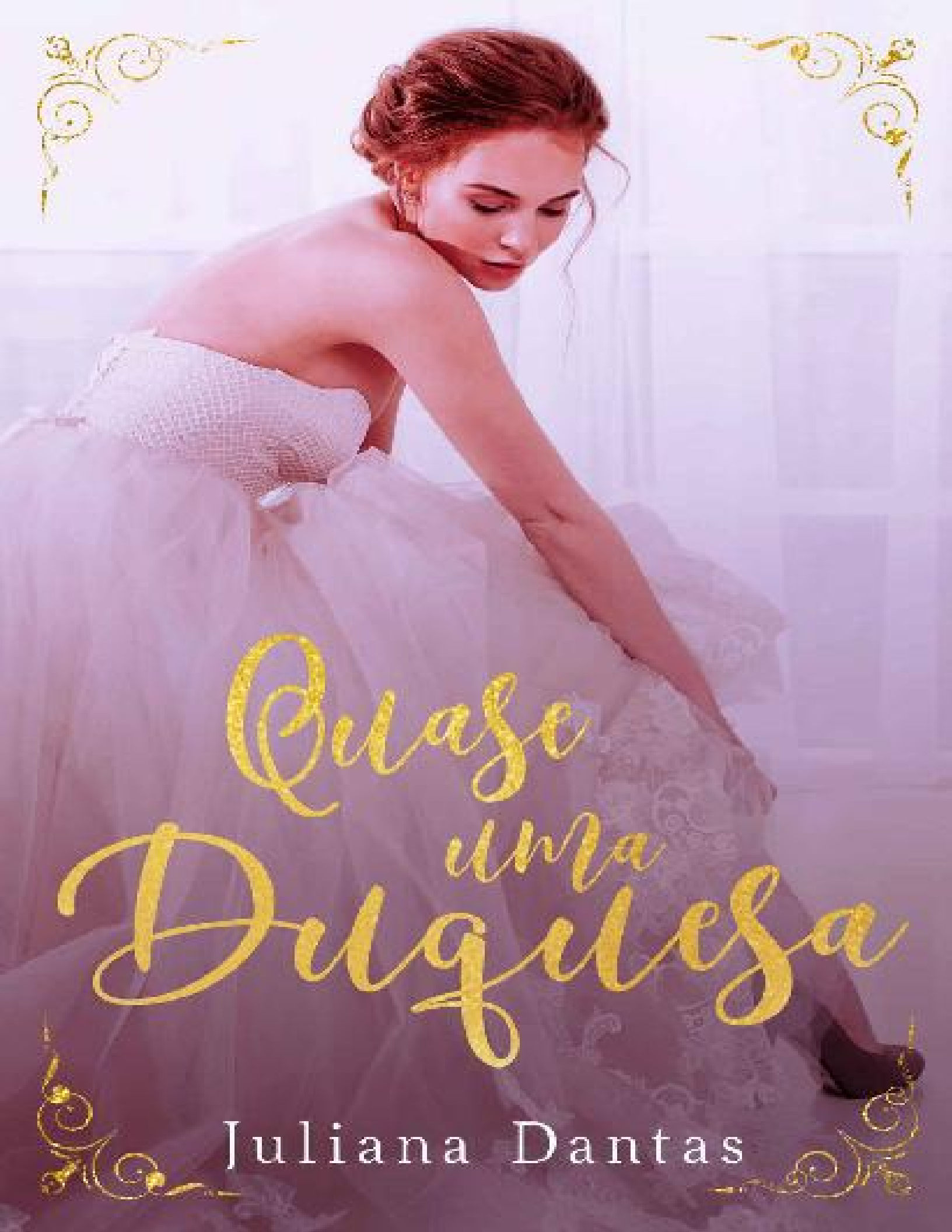




Quase
uma
Duquesa

Juliana Dantas





Quase
uma
Duquesa



Juliana Dantas



Copyright © 2019 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia.

Título Original: Quase uma duquesa

Capa: Jéssica Gomes

Revisão: Sheila Mendonça

Nota da autora

Este livro é o segundo volume da série Henry & Sophia e recomendo que leiam o livro anterior “Um sonho de Princesa”

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

Capítulo 1

Sophia

As donzelas dos contos de fadas são sempre acordadas por um beijo de um príncipe real. E os dois se apaixonam, o príncipe a leva para seu castelo, onde serão felizes para sempre.

Sonhei com um momento assim a vida inteira. Esperando que o príncipe em questão colocasse os olhos em mim e se apaixonasse à primeira vista, como eu já o amava, com a certeza do meu coração de que fomos predestinados.

É realmente inesperado agora que, quando acordo e vejo o Príncipe Harry pairando acima de mim com uma expressão preocupada, meus olhos se movam aflitos em busca de outro rosto.

O rosto de um duque.

Henry Cavendish.

Duque de Durham.

Oh. Meu. Deus.

Mesmo ainda tonta, depois de ter desmaiado no jardim real, quando Henry me confessou quem era, minha mente não esqueceu deste detalhe extraordinário.

Henry, o desleixado fotógrafo de Notting Hill que me salvou incontáveis vezes, enquanto eu me metia nas mais variadas enrascadas na minha busca incessante para encontrar meu príncipe, era, na verdade, um duque!

E eu estou completa e irrevogavelmente apaixonada por ele.

— Ela acordou — alguém diz.

E percebo que em volta de Harry estão alguns serviçais reais e até alguns convidados do baile.

— A senhorita está bem? — o príncipe indaga e meus olhos se voltam para ele.

Uau.

Quantas vezes sonhei com este momento?

Tê-lo tão próximo, tão ao meu alcance, me acordando com um beijo

real...

Opa. Não. Duvido que Harry tenha me acordado com um beijo real, embora, talvez, eu pudesse pedir um agora? Assim, só pra ver como é?

Não teria mal nenhum, teria?

— Sophia!

A voz de Henry se interpõe nos meus malucos devaneios e o vejo se aproximar enquanto Harry se afasta. E Henry agora está no lugar do príncipe, inclinado sobre mim.

— Porra, você me assustou!

— Onde estava? — questiono, confusa, porém feliz em vê-lo. — O que o príncipe estava fazendo aqui me acordando? — Abaixo a voz enquanto consigo me sentar olhando em volta e notando que o príncipe já se afasta, com as mãos apoiadas nas costas de sua noiva usurpadora. Quer dizer, não devo mais me referir a ela assim. Mas velhos hábitos são difíceis de mudar. — Ele me acordou com um beijo como nos contos de fadas?

— Que merda é essa? Nem bateu a cabeça para estar delirando assim! Você desmaiou no jardim e eu a trouxe para dentro.

Sim, reconheço que estamos na sala onde a família real estava reunida antes. Embora agora não veja nenhum membro da família real por perto.

— Eu a deixei sobre este sofá e fui pedir para chamarem um médico.

— Quanto tempo fiquei desmaiada?

— Alguns minutos apenas. Que diabos aconteceu? Em um minuto estávamos conversando e no outro você estava revirando os olhos e caindo.

— Não estávamos apenas conversando! Estava me contando que é um duque! Um duque! — Minha voz sai estridente. — Nossa, acho que posso desmaiar de novo só de pensar!

— Por favor, não desmaie.

— Vossa Excelência, a senhorita ainda vai precisar de um médico? — um serviçal questiona.

Caramba! Ele está tratando Henry como vossa excelência! Que emocionante!

A vossa excelência em questão poussa os olhos questionadores em mim e eu trato de acalmá-lo.

— Não preciso — respondo rápido. — Aliás, acho que já posso me levantar.

— Se é assim, vamos embora.

Henry me puxa para fora e, ainda meio tonta, eu o sigo, deixando Buckingham e o Príncipe Harry para trás.

Permito-me dar uma última olhada para toda a opulência do palácio, lembrando-me do momento que entrei por aquelas portas, achando que estava vivendo, finalmente, meu conto de fadas.

E quer saber?

Eu estou mesmo vivendo meu conto de fadas.

Ok, o príncipe já não é meu alvo, mas quem poderia imaginar que terminaria a noite com um legítimo duque, que está apaixonado por mim?

Eu sabia que algo incrível ia acontecer naquela noite.

Agora, um carro para a nossa frente e Henry abre a porta. Noto que não é o carro dele e que há um motorista uniformizado na direção.

— Este não é seu carro... — murmuro confusa, mas Henry já me empurra para dentro. — Ei, o que está acontecendo? Não vai comigo?

— Preciso achar Lexi. Eu te encontro em casa, está bem?

E sem mais, fecha a porta do carro e o motorista arranca.

Sério?

Eu preciso falar com Henry agora! Têm tantas perguntas rondando minha mente que acho que vou explodir! Subitamente cansada me recosto no banco do carro e suspiro, fechando os olhos.

Tenho que me acalmar. Sim, é isso.

Vou chegar em casa, pegar um bloco de anotação e anotar todas as perguntas que tenho que fazer a Henry. E assim que ele chegar, o sabatinarei até que todas as dúvidas na minha cabeça estejam respondidas e aí acho que finalmente poderemos transar.

Ai minha nossa, eu vou transar com um duque!

Um duque, cacete!

— Senhorita, chegamos.

Abro os olhos e o motorista está abrindo a porta para mim.

Desço em frente à casa de Henry em Notting Hill e penso em ir até a casa da vizinha, Senhora Crawford, ou melhor, Lady Crawford. Ainda parecia incrível que a velhinha vizinha de Henry tivesse um título de baronesa. E mais incrível ainda que ela tenha sido praticamente minha fada madrinha esta noite. Agora estou louca para contar a ela que minha noite acabou muito bem, mas não do jeito que eu esperava.

Só que a essa hora a velha senhora deve estar dormindo. Então desisto

de ir atormentá-la por hoje.

Entro na casa de Henry e Harry, o gato, vem miando em minha direção.

— Harry! Não sabe o que aconteceu hoje.

Certo. Vou ter que me contentar com o gato por enquanto.

Alimento Harry enquanto tagarelo sobre minhas mais recentes descobertas e pego um bloco de nota, colocando todas as minhas perguntas para Henry. E quando termino, nada dele aparecer.

Cansada, decido que preciso de um banho e subo para tirar o vestido que a Senhora Crawford me emprestou e entro no chuveiro. Visto minha velha camiseta de dormir e deito-me, olhando a hora no celular. Cadê o Henry?

Fecho os olhos, vou apenas tirar um cochilo e assim que ele chegar estarei pronta para finalmente saber tudo sobre Henry ser um duque.

Henry

— Henry, você disse que a gente ia embora! — Lexi resmunga, enquanto tomo mais um gole de cerveja.

Ainda me lembro da cara de espanto do serviçal real quando pedi que arranjasse algo menos frescurento para eu beber. Claro que saber que eu era um duque ajudou para que o pobre coitado corresse para me trazer cerveja.

— Você pode ir sozinha se estiver com pressa — respondo, e Lexi se joga no sofá ao meu lado.

A festa real já está no fim, com uns poucos nobres festeiros ainda circulando pelo salão.

— Por que está bebendo e todo esquisito?

Sim, por que mesmo?

Eu já estava de mau humor antes mesmo de chegar naquele baile inútil.

Assim como ficava toda vez que era obrigado a participar dessas festividades reais. O que era um dos motivos para que tivesse dado o fora há dois anos, deixando minha família, o título e toda aquela babaquice nobre

para trás.

Mas com a morte do meu pai, há quase um ano, eu tinha herdado o título, a grana, as terras, o castelo e todas as obrigações. E desde então estava sendo pressionado a assumir meu legado, o que queria dizer que teria que deixar a vida simples que escolhi viver em Notting Hill, apenas como um fotógrafo, e assumir o título de Duque de Durham e toda a merda que vinha junto.

A vontade que eu tinha de abdicar de tudo era grande. E cheguei a cogitar isso com minha mãe, que recebera com horror minha sugestão.

— Você enlouqueceu? Seu pai está se revirando no túmulo, só de apenas sugerir algo horrendo assim! Como pode fazer isso com sua família, seu legado?

Sim, a merda é que ela sabia meu ponto fraco. Sabia que eu me sentia culpado em virar as costas à herança do meu pai, a pessoa que eu mais tinha amado e respeitado no mundo. E mesmo agora, quando ele estava morto, ainda me sentia mal.

— E sabe o que vai acontecer se abrir mão da herança, não é? Ela vai toda para seu primo Hugh, é isso que quer?

Claro que não queria que Hugh colocasse a mão no dinheiro da família. Mas era exatamente isso que meu interesseiro primo estava esperando. Tanto que ele fora muito meu amigo quando lhe confidenciei, há dois anos, que queria ir embora e viver de fotografia. Hugh tinha me incentivado a ir. Na época não percebi que ele tinha interesses pessoais nisso. E nos dois anos que eu estive longe, Hugh colocara as manguinhas de fora e passara praticamente a administrar toda a propriedade, já que a saúde do meu pai estava cada vez mais deteriorada. Fato que foi escondido de mim deliberadamente por meu próprio pai.

A verdade é que papai também se sentia culpado por eu querer ter uma vida diferente. Ele me disse, quando lhe comuniquei minha decisão, que eu deveria ir. Deveria ver o mundo que tanto me encantava. Mas deixou claro que um dia teria que voltar. Naquele momento eu achava que meu pai iria viver pra sempre, afinal, ele só tinha cinquenta anos. Mas eu não sabia que ele já estava com os dias contados.

— Sei que não queria voltar pra Durham — Lexi responde sua própria pergunta. — Mas já tinha combinado com a mamãe que voltaria! Sabe que não pode voltar atrás agora.

— Sim, eu sei.

— Então para de beber e sentir pena de você mesmo e vamos embora porque amanhã temos que viajar cedo.

— Tem razão — concordo por fim.

E sigo Lexi para fora.

Já está na hora de eu encarar meus problemas de frente.

E a questão é que agora eu não tenho só Durham para encarar. Eu tenho que decidir o que farei com Sophia também.

Eu a tinha colocado sozinha no carro e voltado à festa apenas para ter tempo de pensar no que ia fazer. Sinceramente, eu não esperava a reviravolta das últimas horas. Que estava apaixonado pela maluca que coloquei embaixo do meu teto, isso já era fato faz tempo, mesmo que eu não confessasse a mim mesmo, não podia mais fugir da verdade, ainda que soubesse que era uma paixão totalmente impossível.

Primeiro que Sophia estava obcecada pela ideia de casar com Harry, o que, convenhamos, era a maior maluquice do mundo, mas nos meses que convivi com ela e sua insana obstinação, acho que até eu passei a acreditar que havia chance de realizar seu intento.

Claro que ela não fazia ideia de quem eu era, e de minhas convicções. E muito menos que, se eu quisesse, poderia colocá-la dentro dos castelos que tinha feito tanto esforço para invadir.

Mas como pessoa sensata que sou, não ia incentivar essa loucura sem precedentes.

Achei que ela fosse desistir, cair na real mais dia menos dia. E até entreguei seus planos mirabolantes para sua família para ver se ela acordava. E por um momento achei que tinha resolvido.

Ela voltou para a casa da família e parecia estar seguindo sua vida normalmente, esquecida de seus planos de casamento real.

Mas aí eu caí na bobeira de ir atrás dela, levado por aquela atração irresistível, pela saudade que eu sentia de tudo o que antes me irritava. Sophia era adoravelmente irresistível e de novo, mesmo sabendo que um relacionamento entre nós não teria futuro algum, me vi a trazendo para casa e, de novo, tentando resistir a todo custo a sua sedução. Afinal, meus dias em Notting Hill como o fotógrafo Henry estavam contados. Em breve eu teria que dar adeus a tudo o que tinha construído ali, e a Sophia também.

O problema é que cada vez mais percebia que seria difícil ir embora,

agora estava mais dolorido ainda, porque eu sabia que deixar Sophia de vez seria como deixar um membro vital para trás.

Eu estava muito fodido, mas conformado.

Talvez houvesse algum instinto nobre dentro de mim, afinal. No fundo, eu sabia que tinha que voltar as minhas obrigações. Sophia ficaria para trás e, com o tempo, eu a esqueceria.

Aí ela apareceu no baile. Linda e parecendo mesmo a princesa que almejava ser. Ela me seduziu de novo. E me fez pensar, por um momento, que talvez eu não precisasse deixá-la. Merda, eu era um fodido duque e poderia escolher a quem amar não podia?

Mas Sophia ficou brava por ter perdido a passagem da família real, porque estávamos trepando em alguma sala real. Naquele momento, achei que ela nunca iria desistir de sua obsessão. Que mesmo que houvesse sentimentos entre nós, não era mais forte do que sua paixão impossível e sua vontade de ser da realeza.

Aliás, essa vontade dela de ser uma nobre, me irritava demais. E agora, eu percebia o porquê. Não era nem porque ela queria casar com Harry, era porque se eu decidisse ficar com Sophia, nunca saberia se ela ficou comigo porque me amava de verdade ou porque eu tinha um título real.

Só que, quando teve a oportunidade de conversar com seu amado príncipe, ela veio atrás de mim. Disse que queria ficar comigo.

Não o duque, mas Henry, um simples fotógrafo de Notting Hill.

E naquele momento, não podia mais fugir da verdade, tinha que contar a Sophia quem eu era.

E contei.

E ela desmaiou!

E agora, tenho que decidir o que fazer.

— Então, Sophia hein? — Lexi finalmente entra no assunto quando estamos no carro a caminho de Notting Hill.

Lexi havia deixado suas coisas em casa mais cedo, quando fomos juntos ao baile e passaria a noite lá, para viajarmos cedo.

O que é muito esquisito, porque Lexi nunca dorme na minha casa. Não é luxuosa o suficiente para ela.

Agora compreendo que ela estava mesmo era curiosa por causa de Sophia.

— Pergunte logo o que quer saber, Lexi.

— SÉrio que estão namorando?

— Eu ainda nem sei na verdade.

— Disse que ela era só sua assistente...

— E era.

— Mas estão se pegando. E pareceram... bem apaixonados.

— Sim, estou apaixonado por ela, satisfeita?

Não adianta querer esconder as coisas de Lexi.

Estaciono em frente a minha casa e saltamos.

— Isso quer dizer que ela vai com a gente para Durham? — Lexi volta ao assunto quando entramos em casa.

O gato me recebe com um miado estridente. E é o único barulho que se escuta. Sophia deve ter adormecido, o que não deixa de ser um alívio.

Harry se esfrega na minha perna.

Será que Sophia vai mudar o nome do gato agora que deixou sua obsessão para trás?

“Deixou mesmo?”, uma vozinha sussurra dentro de mim.

— Ainda não conversamos sobre isso. — Opto pela sinceridade ao responder Lexi.

— Olha, Henry, sei que já está todo frustrado por ter que voltar a Durham. E também sei que não quer falar sobre isso agora, mas acha que levar uma estranha para lá vai ser mais fácil? Sabe que vai causar uma pequena confusão, não é?

— Sophia não é uma estranha.

— Mas não é a Sienna Woodville.

— Não sei o que isso tem a ver.

— Ah, você sabe!

— Tem razão, não estou a fim de pensar nisso agora. Não disse que queria dormir? Pode ficar com meu quarto. — Eu a dispenso, indo para a cozinha e abrindo a geladeira, pegando uma garrafa de água, embora esteja mesmo precisando de mais uma cerveja.

— Boa noite, então! — Lexi finalmente sobe as escadas me deixando em paz.

Noto um bloco de anotação na mesa e arregalo meus olhos ao reconhecer a letra de Sophia.

Questões para Henry, quer dizer, sua excelência, Duque de Durham:

*É verdade que é um duque, ou é uma espécie de pegadinha?
Em caso de resposta positiva, PUTA QUE PARIU, COMO ASSIM?
Por que diabos mora em uma casa simples em Notting Hill e não em um palácio?*

*Caramba, você tem mesmo um castelo? Quantos cômodos tem?
Vou ter que fazer reverência para você agora? E te chamar de vossa excelência?*

Quais membros reais você conhece? É verdade que o Príncipe Phillip é um escroto? E você já dormiu em Buckingham?

Quantos casamentos reais você já foi? Será que podia me apresentar a Kate? Amaria ser melhor amiga dela!

Você conhece a rainha? Já pegou na mão dela? Caso sim, seria muito deselegante perguntar se ela não é uma reptiliana?

Ainda não acredito que conhecia o Harry e me deixou invadir Kensington Palace! Podia ter me levado para lá quando bem quisesse!

Largo o papel na mesa irritado.

Que porra é aquela?

Eu não deveria me impressionar. Sophia é mesmo obcecada pela realeza e acho que este fato não ia desaparecer de um dia para o outro.

Mas o que vai acontecer agora que ela sabe que sou um duque?

Essa questão me atormenta ainda quando desligo a luz e subo as escadas, abrindo a porta do seu quarto devagar. Como previ, ela está dormindo.

Eu me aproximo e toco seu rosto.

Posso acordá-la para conversarmos.

“Ou para transarmos.”, penso sacanamente.

Mas do jeito que Sophia está curiosa, ela vai querer conversar primeiro, e sinceramente, não estou a fim.

Com um suspiro cansado, afasto-me e fecho a porta atrás de mim.

Vou dormir no porão.

E amanhã, encararei Sophia e suas questões.

E também, minha volta a Durham.

Com Sophia?

Ainda não sei dizer.

Capítulo 2

Sophia

Quando acordo no dia seguinte, estou sozinha na cama e nem sinal de Henry.

Achei que ele fosse me acordar quando chegasse de Buckingham, mas isso não aconteceu, obviamente.

Pulo da cama e vou para seu quarto, mas me surpreendo ao ver que não é Henry quem dorme ali, e sim sua irmã, Lexi.

Fecho a porta devagar para não acordar e desço as escadas, pegando Harry no caminho.

E me surpreendo ao ver Henry bem acordado na cozinha. Ele está todo vestido, de costas para mim, enquanto se serve de uma xícara de café. E quando ele se vira, percebo que está mais arrumado que o habitual.

Até a barba ele fez!

Por um momento sinto-me estranha.

Agora, ele não é só Henry meu chefe, meu amigo e o cara com quem eu dava uns amassos ocasionais.

Era Henry, o Duque de Durham.

E isso ainda é tão surreal que me deixa tonta de novo.

— Você é mesmo um duque? — Não consigo conter a questão primordial que sai da minha boca.

— Infelizmente sim.

Ele não parece feliz com esse fato.

Como assim?

Largo Harry no chão e me aproximo dele.

E devo dizer, ele nunca me pareceu tão lindo como agora.

Henry plebeu já era demais, Henry duque é tipo, ganhar na loteria!

Sem pensar, eu faço uma reverência.

— Vossa excelência...

— Porra, Sophia, que merda é essa!

Ele me levanta irritado e dou de ombros.

— Não sei como falar com você agora!

— Do mesmo jeito que sempre falou!

— Mas você é um duque!

— Ainda sou a mesma pessoa. Agora se sente e tome um café. Precisamos conversar. — Ele me passa a xícara e me encaminha a uma cadeira, sentando-se na minha frente.

— É inacreditável! Você vive em Notting Hill, que ok, é um lugar bastante caro para se viver, mas mesmo assim, não é para um duque da realeza! E fotografa turistas! Anda todo desleixado com a barba por fazer, o cabelo sempre precisa de um corte e suas roupas são de vagabundo.

Henry ri com vontade.

— Esse sou eu.

— Não! Você é um duque! Devia viver em um castelo ou um palácio, cercado de serviçais e indo a festas como aquela de ontem e... Agora entendo! Por isso estava no casamento da irmã da Kate! Por isso estava em Buckingham ontem! E minha nossa, você estudou com o Harry! O tempo inteiro você conhecia o príncipe e não me falou nada.

Sei que digo a coisa errada assim que as palavras saem da minha boca, mas eu preciso falar.

— Claro, seu querido Príncipe Harry! O que aconteceria se você soubesse desde o começo quem eu sou e que eu poderia te colocar em contato com o príncipe?

— Teria enlouquecido e te convencido a me apresentar a ele, claro.

— Claro que sim — concorda com ironia.

— É realmente bizarro que o tempo inteiro eu estava morando com um cara da nobreza! Por que não me disse?

— Eu não digo isso a ninguém, se não reparou.

— Por quê? Eu sabia que tinha alguma coisa, que escondia alguma coisa da sua vida, aquela história de que não falava com sua família há dois anos... Não entendo! É como se você escondesse deliberadamente quem é. Como se estivesse vivendo um personagem.

Ele não gosta das minhas afirmações.

— Eu me mudei para Notting Hill há dois anos, fugindo daquela vida de realeza. Estava de saco cheio de tudo.

— De saco cheio? Como alguém fica de saco cheio de ser um duque?

— Eu não era um duque ainda, meu pai era.

— Oh, e seu pai morreu e você herdou tudo.

— Sim.

— Por isso tem que voltar? Era isso que queria dizer, não é? Quando dizia que seu tempo estava acabando. — Tudo fica claro agora.

— Sim, eu virei as costas para minha família, há dois anos, me rebelei, como mamãe gosta de falar. Fui viver minha vida. Viver do que antes era apenas um hobby, a fotografia. Me mudei para Notting Hill e passei apenas a ser Henry, o fotógrafo, um cara comum, com um trabalho comum.

— E antes como era sua vida?

Ele ri, mas sem humor.

— Eu era um playboy. Nunca precisei trabalhar de verdade. Estudei nos melhores colégios, passava férias nos lugares mais caros, fui para a faculdade e passava o tempo gastando dinheiro da minha família com festas e extravagâncias.

— Não parece tão ruim assim...

— E quando saí da faculdade começou o inferno. Era esperado que um dia eu fosse herdar Durham com o título e teria que administrar tudo, e começou a pressão para que ficasse cada vez mais tempo lá. O que eu achava extremamente tedioso. Comecei a fotografar e isso tomava cada vez mais meu tempo e depois de um tempo começou a ser minha única satisfação real. E cada vez mais percebia que aquela vida não era pra mim. Eu queria não ser um filho de duque.

— Agora você é o duque.

— Sim, eu sou — ele fala como se tivesse carregando o peso do mundo nas costas.

— Não quer ser duque?

— Não é mais uma questão de querer. Eu sou. Quando fui embora, meus pais piraram, insistiram que voltasse, mas não dei ouvidos, até que papai disse que tudo bem, eu podia viver minha vida, mas teria que voltar pra casa um dia. Para minha herança. Eu só não esperava que ele fosse morrer tão cedo. E de repente eu era o Duque de Durham, dono do castelo, de terras e todo o dinheiro da família.

— Uau.

— E sabia que teria que voltar a assumir tudo mais dia menos dia. Protelei o quanto foi possível, mas agora não posso mais. Fiz um acordo com a minha mãe que voltaria em alguns meses, e o prazo acabou.

— Então está voltando a Durham. É este o nome?

— Sim, é um castelo ao norte do país. Umas quatro horas daqui.

Caramba Henry tem um castelo!

— Henry, isso tudo ainda é tão surreal! Podia mesmo ter me contado.

— Como falei, eu não contava a ninguém minhas origens, gostava de viver assim, gostava dessa vida simples. Sem as bajulações e as obrigações. Mas agora tudo acabou. Tenho que voltar à realidade.

Ele parece triste.

— Então é isso. Eu sou um duque e estou voltando para a casa da minha família, para assumir meu lugar. Mesmo que isso seja uma merda.

— E o que vai acontecer com a gente? — indago, preocupada.

Lembro-me de ontem ele ter dito que estava apaixonado por mim.

Que era meu namorado. Pelo menos foi o que disse a sua irmã.

Perco o ar quando nossos olhares se encontram.

Sim eu vejo paixão ali. Mas também vejo receio.

Será que é agora que ele vai me dizer que por ser um duque, não pode ficar comigo?

Ah ele não ousaria, ousaria?

Bem, eu tinha vindo pra Londres para correr atrás de um príncipe, que estava noivo.

Até parece que ia deixar um duque escapar!

— Se eu pedir para vir comigo, você vem?

Ah minha nossa, meu coração dispara no peito.

— Está me pedindo para ir com você para seu... castelo?

— Sei que é algo muito grande para se pedir... Mas a única coisa que me deixaria feliz neste momento, é saber que estaria comigo. Por favor?

Em resposta eu me movo para seu colo e jogo os braços a sua volta, o beijando.

— Isso é um sim? — Ele ri contra meus lábios.

— Porra, sim!

— Vai ter que manear nesse linguajar perto da minha família. — Ele ri mais ainda.

Mas eu fico séria.

— Oh minha nossa, eu vou conhecer sua família?

— Queria dizer que não precisaria desse sacrifício, mas não posso.

— Acho que vou desmaiar de novo!

— Por favor, não desmaie, precisamos sair em uma hora, é uma longa

viagem a Durham.

— Uau, vai mesmo me levar para seu castelo? Será que tem um cavalo branco nos esperando aí fora? Como um príncipe de contos de fadas?

— Apenas meu velho carro mesmo. E para com este papo de príncipe.

— Hum, ok, eu vou parar! — Mas eu tinha mais uma pergunta a fazer a Henry. — Tem certeza que o Príncipe Harry não me acordou com o beijo ontem?

— Não teste minha paciência, Sophia!

— Tudo bem, só queria me certificar.

— Sophia, eu preciso te perguntar. Tem certeza que não está apaixonada pelo Harry?

É minha vez de rolar os olhos.

— Acabei de descobrir que prefiro um duque.

Henry ainda não parece satisfeito.

— Você disse que queria ficar comigo antes de saber que eu era um duque...

Ah, agora entendo.

Seguro seu rosto.

— Henry, eu te amo, se ainda não percebeu. Mesmo que não fosse um duque, eu te amaria do mesmo jeito. Eu falei sério. O Harry foi... uma ilusão. Acabou. Eu acordei. E quero ficar com você. O fato de ser um duque ainda é surreal pra mim, e não posso negar, estou bastante empolgada e ainda sem entender direito, mas... nossa! É como se as peças de encaixassem. Era pra ser. Eu e você. Eu sabia que algo extraordinário esperava por mim.

— Então se eu dissesse agora que abriria mão de Durham, ainda ficaria comigo?

— Você disse que não podia... — Eu o encaro confusa.

— Não, eu não posso...

— Bom dia! — Lexi entra na cozinha, toda arrumada.

E nossa, ela é mesmo bonita.

Saio do colo de Henry.

— Acho que não fomos apresentadas corretamente. — Ela estende a mão e sem pensar eu a abraço.

— Estou tão feliz de conhecê-la finalmente! Você é tão linda! — Não me contenho.

Imagina quanta gente da realeza ela conhece? Mal posso esperar para

sermos amigas e ela me contar tudo.

— Nossa, estou feliz também. — Lexi parece um tanto constrangida com meu ataque.

— Oh me desculpe. Eu só... estou muito empolgada!

— Sophia, suba e vá se arrumar — Henry pede. — Vou acabar minha mala, agora que a dondoca acordou!

Ele se afasta e Lexi levanta uma sobrancelha.

— Então vai mesmo com a gente?

— Sim, Henry me convidou — respondo animada, ainda nem acreditando. — Por que não toma café? Ou quer que eu faça algo para você? Um chá, ovos? Panquecas. Eu faço ótimas panquecas.

— Não precisa, estou de dieta.

— Ah, mas nem precisa! Olhe pra você, queria ter essa cintura! Podia ser modelo se quisesse.

— Ah, é muito gentil.

Ela sorri, mas não parece ter humor, parece um sorriso de... pena?

— Gentil demais na verdade.

— O que quer dizer? — Eu a encaro, confusa.

— Olha, a gente nem se conhece, mas você parece uma garota muito doce e alegre e... boazinha.

Ela faz todos os elogios parecerem coisas horríveis.

— Por que parece que não são coisas boas?

— Não, é ótimo! Você parece... adorável.

Eu sorrio e só faz aumentar seu olhar de pesar.

— Ah Deus, vai ser engolida viva!

— Não entendi.

— O que quero dizer é que não pense nem por um segundo que isso aqui é um conto de fadas.

— Eu não pensei — respondo rápido. Acho que ela não acreditou.

— Não vai ser fácil, lá em Durham. Esteja preparada!

Eu me afasto para me vestir e arrumar minhas coisas com suas palavras me atormentando.

O que quis dizer?

— Não acredito que estamos chegando à sua casa! Quer dizer,

castelo! — exclamo cheia de empolgação quando o carro percorre os campos bem cuidados de Durham.

As terras de Henry.

Caramba!

Havíamos saído de Londres, deixando a casinha de Henry em Notting Hill para trás há quatro horas, e pegado a estrada para o norte.

Henry estava calado e até mesmo um pouco triste. Eu podia entender um pouco sua tristeza, mas não muito.

No lugar dele, estaria saltitando de tanta felicidade por estar voltando a um castelo!

Castelo!

Ainda era meio nebuloso pra mim que Henry estivesse relutante em aceitar seu título e sua herança. Talvez fosse só uma confusão momentânea. Uma rebeldia normal em todo mundo. Eu mesma não tive minha época de não querer ficar ajudando meu pai na fazenda de morangos? Isso, Henry só tinha um instinto rebelde tardio. Aposto que quando chegasse a Durham e começasse a viver de novo como um duque, ele deixaria aqueles pensamentos plebeus para trás rapidinho.

— Me conta de novo, sobre sua família? Acho que já esqueci os nomes! — peço subitamente nervosa, quando Henry vira uma estrada menor, e uma placa diz “Castelo de Durham”.

— Minha mãe é Margareth Cavendish, Duquesa de Durham. No castelo, mora também minha tia Claire, irmã do meu pai. Ela se separou do marido há alguns anos, ou melhor, o cretino a largou depois de torrar sua herança e a deixou com Hugh, meu primo, sem um tostão, a fazendo voltar para o castelo.

— Seu primo Hugh tem a mesma idade que você?

— Sim, temos a mesma idade, crescemos juntos.

— São amigos?

— Fomos um dia — responde evasivo.

— E Lexi também mora no castelo, não? — Relanceio o olhar para trás, para a adormecida irmã de Henry.

— Lexi passa mais tempo em Londres, depois que largou a faculdade.

— Ela mora sozinha lá?

— Temos uma casa em Londres também. Mas está em reforma há algum tempo, Lexi acaba ficando em hotéis quando não está na casa de

algum amigo ou viajando.

— Ela parece ser muito legal.

— Ela é uma criatura mimada e um pé no saco.

— Mas você a ama.

— O que posso fazer? É minha única irmã. Ela não me perdoa por ter ido embora e a deixado para trás. Chegou a pedir pra vir comigo, mas não podia fazer isso.

— Parece ter superado.

— Sim, ela cresceu e foi para a faculdade, porém saiu meses depois e agora vive intensamente na alta sociedade londrina.

— E como é sua mãe?

Ele não responde de pronto.

— Chegamos! — ele anuncia e eu olho através do vidro e meu queixo cai ao vislumbrar a opulência a minha volta.

— Minha nossa! — Abaixo o vidro e toda cor do universo parece mais vívida ali.

Há uma linda e enorme fonte e uma escadaria cercada de um jardim ornamental e ao fundo o castelo.

— Bem-vinda a Durham — Henry diz, e reconheço certa frieza em sua voz. Porém, nem isso é capaz de desfazer meu olhar de deslumbre. — Acorde, Lexi! — Ele sai do carro e faço o mesmo, ainda de boca aberta.

— Henry, é lindo!

Lexi se arrasta para fora do carro e coloca os óculos escuros.

— Parece que seus vassalos estão esperando, duque! — Ela ri e sobe as escadas e só então noto que há uma fila de serviçais em frente ao castelo.

Henry hesita. E por um momento, acho que ele vai entrar no carro e sair cantando pneus.

Seguro sua mão.

Não só para lhe dar apoio, mas porque preciso de apoio também.

Sinto-me um tanto nervosa agora, quando ele move os pés em direção à escadaria.

— Isso é tão emocionante — sussurro.

— É ridículo! — ele resmunga, mas já estamos próximos aos empregados que fazem reverências.

Parece aquelas cenas de Downton Abbey!

Um senhor grisalho com pinta de mordomo se aproxima.

— Bem-vindo a Durham, vossa graça.

Vossa graça! Tenho vontade de rir feito doida, mas me contenho.

— Corta essa, Carson! — Henry abraça o homem que não sabe como agir. — Senti saudade.

— Senhor... sentimos a sua ausência também — o homem responde desconcertado, mas visivelmente emocionado.

Henry se vira para mim.

— Carson é mordomo da minha família desde que eu nasci.

— Muito prazer, Carson. — Eu o abraço também, deixando o homem ainda mais perturbado.

— Senhorita...

— Essa é Sophia Davis, Carson — Henry nos apresenta —, minha namorada.

— Namorada?

Escuto a voz firme como trovão vir de dentro do castelo e em seguida passos se aproximam, até que uma mulher deslumbrante surge no meu campo de visão.

Ela é alta com os cabelos Chanel perfeitamente penteados, loiros e com uma mecha grisalha na franja. Tenho certeza que seu tailleur é um Chanel legítimo, assim como seus sapatos muito clássicos. E as pérolas no pescoço?

Quando chega mais perto, noto algumas rugas em volta dos seus olhos que têm o mesmo tom cinzento dos de Henry.

— Duquesa. — Henry fica sério ao meu lado e faz uma reverência, cheio de ironia.

Mesmo assim, noto que ele não está mais tão descontraído como estava com Carson.

— Henry, querido, finalmente está em casa.

Ela o abraça, embora não pareça um abraço carinhoso, porque seu olhar não está em Henry, e sim em mim. Em nossas mãos ainda unidas.

Seus lábios maquiados se torcem num bico desagradável.

Automaticamente solto minha mão da de Henry.

— E quem é essa mocinha?

Faço uma reverência.

— Sua graça, quer dizer, duquesa, eu...

— Não precisa fazer isso, Sophia! — Henry reclama. — Essa é

Sophia Davis, minha namorada — ele diz isso quase como um desafio.

O rosto da duquesa está impassível.

Mas seu olhar não esconde o desagrado.

Ai Deus, a mãe de Henry me odeia?

Mas ela nem me conhece!

— Namorada? — Ela me mede dos pés à cabeça.

Merda, por que não me vesti melhor?

Estou usando um jeans surrado, tênis e um suéter simples.

Devia ter pedido algum vestido emprestado para Lexi, que, aliás, já passou por nós faz muito tempo, entrando na casa.

Onde eu estava com a cabeça de me apresentar para uma duquesa deste jeito? Claro que ela me odiava!

Coloco no rosto meu melhor sorriso.

— Duquesa, estou muito feliz em conhecê-la finalmente. Seu castelo é lindo! Estou encantada!

Ela não retribui meu sorriso.

— Devia ter dito que traria uma convidada, Henry — reclama, ainda com o rosto impassível.

— Decidi de última hora, mas tenho certeza que tem um lugar pra Sophia neste castelo enorme! Agora podemos entrar? Estamos cansados da viagem.

— Mas nem cumprimentou os criados ainda, tem pessoas novas que não conhece, eles estavam ansiosos pela chegada do novo duque e...

Henry acena para geral.

— Olá para todos!

E se volta para a mãe.

— Tenho certeza que terei tempo de conhecer toda a galera.

— Henry, meu sobrinho amado! — Uma mulher baixinha e corpulenta se aproxima. Também se veste com esmero, mas seus cabelos presos em um coque são escuros, como os de Henry.

Ao contrário da mãe, ela abraça Henry efusivamente.

— Que saudade, meu querido! Está comendo? Está tão magrinho, o que te dão para comer em Londres? Devia ter levado nosso chef com você! Maurice está cada vez se superando mais, até engordei alguns quilos.

— Claire, por favor, Henry não quer ouvir sobre sua gulodice! — Margaret reclama.

— Você sabe muito bem que não sou gulosa, sabe o que a Bíblia diz sobre isso? Sabe que é um dos sete pecados! — A mulher faz o sinal da cruz e só recebe um olhar de desdém da duquesa.

Mas Henry não está prestando atenção nas rugas entre sua mãe e sua tia, e sim em um rapaz alto que se aproxima.

E devo dizer, um rapaz bem bonito. Ele parece um pouco com Henry. Se Henry cortasse o cabelo na última moda, colocasse gel e se usasse ternos feitos sob medida.

Já imagino que este deva ser o tal primo Hugh.

— Olha quem voltou, o primo pródigo. — O rapaz sorri e rapidamente seu olhar vai de Henry para mim e se estreitam, intrigados. — E quem é essa?

— A namorada do Henry, a Sophia! — É Lexi quem responde, voltando à varanda onde estamos reunidos. — E vocês vão ficar o dia inteiro aqui fora?

— Namorada? Nem sabia que tinha uma namorada! — Hugh me mede agora e em sua expressão noto um misto de interesse puramente masculino e curiosidade explícita que me incomoda. — Pelo visto não estava só se divertindo com seus turistas em Notting Hill. Agora percebo por que não queria voltar.

— Mas voltei, embora acredite que não deva estar muito feliz com isso — Henry dispara e há uma animosidade velada em sua voz.

— Lexi tem razão, vamos entrar. — A duquesa engancha os braços nos de Henry. — Venha, querido, temos muito o que conversar! Claire, leve a Senhorita Davis para os aposentos da ala azul.

— Mãe, sinceramente, estou cansado e Sophia não vai ficar na ala azul, ela...

— Está fora de discussão — a duquesa diz com voz autoritária e para minha surpresa Henry anui, mesmo parecendo contrariado.

Uau. Então a duquesa mãe exerce certa autoridade em Henry ainda.

— Tudo bem, Henry, não há problemas. — Sorrio para desanuviar a tensão. — Eu vou acompanhar sua tia ao meu quarto. Estou mesmo cansada. Vá conversar com a sua mãe, depois nos falamos.

Penso em me aproximar e beijá-lo, mas me contenho. Tenho que lembrar que ali, Henry não é apenas Henry, meu novo namorado, ele é o Duque de Durham.

Não sei se manifestações de afeto em público seriam bem-vindas.

Henry se afasta com a mãe, e a tal tia Claire se vira para mim.

— Não fomos devidamente apresentadas, sou Lady Claire Durand.

— Muito prazer, senhora...

— Pode me chamar de Lady Claire.

— Ah, claro. Sou Sophia... Sophia Davis.

— Siga-me.

Ainda dou uma olhada ao redor. Os empregados se dispersaram, e dois deles estão retirando as malas do carro. E parece bem bizarro que um deles carregue minha velha mochila com toda reverência.

Lexi e Hugh também já entraram, então sigo a tia de Henry para dentro e meu queixo cai com a opulência do lugar.

Janelas francesas do chão ao teto deixam a luz do sol entrar, já que as cortinas pesadas estão abertas. O chão de mármore é coberto por intrincados tapetes persas e a mobília antiga impinge um ar vitoriano, ainda mais salientado pela escadaria à nossa frente.

— É tão lindo... — Não consigo deixar de exclamar recebendo um olhar enviesado da tia de Henry. — Quanto tempo tem esse castelo?

— O término da construção original data de 1780. Mas houve muitas modificações desde então.

Subimos as escadas de novo e noto um grande quadro na parede, o retrato de um homem de meia-idade vestido com roupas do século XVIII.

— É maravilhoso, quem é este?

— William Cavendish, o primeiro Duque de Durham.

Chegamos ao segundo andar e seguimos por uma infinidade de corredores revestidos com inúmeras obras de arte que só posso imaginar quanto valem e quero muito parar para admirar tudo, porém a tia de Henry anda rápido na minha frente, obrigando-me a apressar o passo e deixar minha curiosidade de lado.

Até que ela para em frente a uma porta de mogno abrindo e revelando a mim o quarto mais lindo que já vi na vida.

Uma cama de dossel dourada está posicionada no meio do quarto. Ela é tão alta que acho que terei que pedir pra subir de cavalinho nas costas da Lady Claire para conseguir alcançar. As cortinas são de um tom azul-claro e os tapetes seguem o mesmo padrão do resto do castelo. Há uma penteadeira dourada em um canto, uma cadeira vitoriana rosa e um biombo.

Cara, um biombo!

— Puta merda! — exclamo sem me conter e a tia de Henry pigarreia com olhar de censura. — Oh, me desculpe. — Meu rosto se inunda de cor. — Eu só nunca vi um quarto tão lindo...

— Não? De onde é sua família?

— De Weybridge.

— E o que sua família faz em Weybridge?

— Temos uma fazenda.

O olhar da mulher muda um pouco.

— Oh, são fazendeiros?

— Mais ou menos, temos uma pequena fazenda de morangos, é aberta ao público no sistema colha você mesmo.

— Que pitoresco — comenta, com censura. — E como conheceu meu sobrinho?

Não dá para contar que pulei o muro de uma festa da realeza e que Henry me salvou, então opto por parte da história.

— Eu trabalho para ele, como assistente, sabe, com a fotografia.

— Graças a Deus, Henry voltou para casa e deixou essa mania de fotografar turista para trás! Só não sei se deveria trazer a assistente com ele.

— Ah, acho que a senhora não ouviu essa parte, mas eu e Henry somos namorados também.

— Namorados? Você e Henry?

Nossa, ela fala como se fosse a coisa mais absurda do mundo.

— Sim, senhora. — Sorrio indo até a janela e espiando a vista dos jardins.

Ainda não acredito que aquele é meu quarto! Embora preferisse ficar com Henry.

— Meu Deus, Henry está namorando a assistente caipira?

— Como é? — Viro-me, achando ter ouvido errado.

— Oh me desculpe. Acho que pensei em voz alta — ela se desculpa, mas não parece muito arrependida. — Deve saber o quanto isso é inapropriado.

— Inapropriado?

— Sim, enquanto Henry estava em Londres podia se divertir com tipos como você. Mas agora ele voltou para Durham, vai assumir um ducado. Não deveria trazer garotas plebeias para cá. Acho que deve se preparar para

ter que voltar a sua fazendinha em breve, mocinha. Certamente que a duquesa não vai permitir que este romance prossiga. Margareth tem planos para Henry e com certeza não inclui uma moça como você.

Meu rosto está vermelho de consternação quando a tia de Henry termina sua explanação.

Cara, ela tinha mesmo dito tudo aquilo?

Que mulherzinha esnobe!

De repente lembro-me de Henry contando os motivos de ela estar no castelo.

— E a senhora vive aqui há muito tempo? Henry comentou que teve que voltar ao castelo depois que seu marido a deixou sem um tostão. — Não resisto.

Eu não sou provocadora. Nunca fui de insultar ninguém, mas aquela mulher tinha pedido!

Não vou deixar ela me insultar e diminuir.

Caralho, eu sou quase uma duquesa!

Vejo o rosto da mulher empalidecer e sua boca virar um ricto fino de raiva.

Ai, será que exagerei?

Eu não devia arranjar encrenca com a família de Henry quando acabei de chegar e queria que todos gostassem de mim!

Ai merda!

— Você é uma mocinha muito impertinente.

— Perdão. Falei sem pensar. Não quis ofendê-la, Lady Claire.

Ela sorri, recuperando a compostura com um olhar altivo.

— Claro, está desculpada. Mas aconselho que mantenha seus pensamentos dentro da sua cabecinha de vento a partir de agora, ou melhor, enquanto estiver por aqui. Tenho certeza que não será por muito tempo.

E com um último olhar altivo ela se afasta, fechando a porta atrás de si e me deixando sozinha no meu lindo quarto de princesa.

Acho que não comecei com o pé direito.

Agora terei que me esforçar para tirar a impressão ruim da tia de Henry.

Que era tão pobre quanto eu, mas ainda era a irmã do falecido duque.

E será que ela tinha razão nas coisas que disse sobre a mãe de Henry? Que tipo de planos a tia de Henry se referiu? Mas não vou me deixar abalar

por isso.

Estou hospedada em um castelo e não é qualquer castelo. É o castelo do meu namorado.

O Duque de Durham.

Porra, estou saindo com o Duque de Durham!

Sou quase uma duquesa sim e ninguém vai dizer o contrário.

Não mesmo.

Ainda estou tão maravilhada com o meu quarto horas depois, que nem vejo o tempo passar. Não só o quarto é incrível como tem um banheiro adjacente que é o mais chique que já vi na vida, com uma banheira enorme.

Um criado havia trazido minha humilde mochila e depois de tomar um banho, lamentando de novo não ter nenhuma roupa elegante que fizesse jus àquele castelo, visto novamente meu habitual jeans.

Penso em sair do quarto e procurar Henry, mas, sinceramente, estou um tanto receosa de dar de cara com a tia esnobe ou a duquesa pelo corredor. Sem contar que a probabilidade de me perder nos imensos corredores e não chegar a lugar nenhum é imensa.

Então passo meu tempo trocando mensagens com Miguel, lhe enviando vídeos do quarto e contando todas as últimas fofocas que incluía a reviravolta digna de um filme de Hollywood que tinha acontecido na minha vida nas últimas horas.

E já está anoitecendo lá fora quando me dou conta de como as horas passaram e que estou morrendo de fome.

Onde Henry se meteu? Estaria até agora em conferência, ou sei lá como chamava, com a duquesa?

Intrigada, decido ligar pra ele, já que não faço ideia onde possa estar dentro daquele castelo enorme.

— Cadê você? — questiono quando ele atende.

— Me desculpe. Minha mãe me prendeu aqui até agora com o administrador do castelo. — Sua voz parece cansada. — Ela acha mesmo que vou ficar por dentro de tudo em uma tarde? Eu já não me lembro de nem metade do que eles disseram.

— Mas já acabou?

— Felizmente sim. Estou indo para meu quarto tomar um banho.

— Posso ir aí?

— Não, a gente se encontra no jantar, ok?

— Eu não faço ideia onde fica a sala de jantar, Henry! Aliás, eu nem sei como cheguei aqui! E apesar de ser o quarto mais lindo que vi na vida, queria ficar com você.

— Eu sinto muito por isso. É uma merda que minha mãe tenha este senso de conservadorismo ridículo. Você devia ficar comigo.

— Por favor, não brigue com sua mãe por causa disso. Está tudo bem — digo rápido. O relacionamento de Henry com a mãe não parecia muito amigável e depois das palavras ríspidas da Lady Claire, não queria que a mãe dele tivesse motivos para me detestar também.

— Que merda, só faz algumas horas que estou aqui e já estou de saco cheio — ele desabafa.

— Só está desacostumado de viver aqui, tenho certeza que vai ficar tudo mais fácil com o passar dos dias.

— Eu vivi 25 anos aqui, não ficou mais fácil — resmunga. — Escuta, preciso mesmo de um banho. Depois eu vou aí te encontrar, está bem?

— Está bem — concordo.

Ao desligar sinto um pouco do meu entusiasmo refreado pelo humor de Henry. Ele não parecia mesmo feliz em ter voltado ao castelo.

Porém, eu tenho certeza que deve ser uma reação momentânea. Ninguém podia ser infeliz vivendo em um castelo! Eu estou animada por estar aqui a menos de 24 horas! Henry tinha que se animar também. É isso, preciso ir até Henry e animá-lo um pouco. Ele disse que o deixava feliz saber que eu estava aqui não disse?

Mais confiante, saio do quarto e olho de um lado para o outro no corredor sem saber direito para que lado ir.

Tenho que encontrar algum criado e perguntar onde é o quarto do duque.

O quarto do duque! Estou indo para o quarto do duque, cantarolo, enquanto decido seguir à direita.

Para minha sorte, encontro o tal Carson perambulando por ali e ele meneia a cabeça educado quando me vê.

— Senhorita Davis, posso ajudá-la em algo?

— Oi Carson, me chame de Sophia. — Sorrio para descontraí-lo, mas ele permanece impassível. — Ok, podemos trabalhar nisso depois. E você

pode me ajudar sim, pode me levar ao quarto do Henry? Quer dizer, sua graça, quer dizer, o duque...

Por um momento o homem hesita e me pergunto se ele está me achando uma assanhada. De repente me imagino vivendo ali há duzentos anos, uma mocinha vitoriana tentando seduzir o duque.

Ah, daria um bom romance.

— Por aqui, Senhorita Davis.

Ele segue em frente e eu o acompanho, meus olhos ainda atraídos pelas obras de arte impressionantes na parede. Por um momento acho que vi um Monet, minha nossa!

— Isso é um Monet?

— Sim, senhorita.

— Uau! Deve valer uma fortuna!

— Com certeza, senhorita. Mas não vale mais que o Da Vinci no andar superior.

Nem consigo responder de tão estupefata.

Ele para em frente a uma porta de mogno e percebo que fica bem longe do meu quarto, a duquesa queria mesmo se certificar que não haveria nenhuma prevaricação enquanto eu estivesse ali, penso quase divertida.

— Obrigada, Carson. Eu assumo daqui.

O homem faz uma reverência e eu abro a porta, meu olhar percorrendo o ambiente ainda mais suntuoso do que o meu quarto. Era duas vezes maior, com uma cama que deveria caber uma orgia inteira!

— Henry? — eu o chamo, mas escuto o chuveiro ligado em uma porta adjacente.

E estou pensando em me juntar a ele para animá-lo de uma forma bem sacana quando escuto uma voz.

— Então você é a namoradinha caipira?

Paro assustada, olhando em direção à voz e percebo que há uma moça sentada em uma poltrona perto da lareira. Não consigo ver direito suas feições, envolta pelas sombras até que ela se levanta e vem em minha direção.

E, nossa, ela é linda. Parece a irmã da Megan Fox, com grandes olhos azuis e um cabelão preto que vai até a cintura. Ela é alta e usa saltos que a deixam mais alta ainda e obviamente suas roupas, um vestido justo tão azul quanto seus olhos, a deixam impressionante.

Quem diabos é aquela garota e o que ela está fazendo no quarto de Henry?

E, espera, ela me chamou de namorada caipira?

— Quem é você? — indago, confusa.

Ela sorri e, se é que é possível, fica ainda mais bonita.

— Sienna Woodville. Noiva do Henry.

Capítulo 3

Sophia

Como é que é?

— Noiva?!

A moça sorri fazendo um gesto de descaso com as mãos.

— Ex-noiva, quero dizer.

“Ah sim, então aquela é a ex-noiva de Henry!”, constato estupefata.

Caramba, ele foi noivo desta garota linda na minha frente?

E, espera um pouco. O que ela está fazendo no quarto de Henry?

E ela tinha mesmo me chamado de namoradinha caipira?

Antes que possa esboçar qualquer reação, a porta do quarto de Henry se abre novamente e a duquesa surge, olhando de mim para a tal Sienna, intrigada.

— O que estão fazendo aqui?

— Margareth, como vai? — Sienna continua sorrindo. — Vim dar minhas boas-vindas a Henry. Mas ele está no banho. Eu já estava de saída quando vi a... como é mesmo seu nome? Acho que não se apresentou adequadamente.

Uma ova que estava de saída! Ela estava esperando Henry sair do chuveiro isso sim!

— Sou Sophia Davis — eu me apresento.

O olhar frio da duquesa está em mim agora.

Meu rosto se inunda de vermelho.

— Eu... eu... vim encontrar Henry para irmos para o jantar — respondo rápido.

— É muito inadequado invadir os aposentos do duque, senhorita.

Ai merda!

— Eu sei, eu... — gaguejo.

— Seja boazinha, Margareth. A Sophia é nova neste mundo. Aposto que não sabe nada sobre o que é adequado ou não. Não foi criada como nós.

Ah! Como assim?

Se ela foi tão bem criada e sabe de todas as regras o que estava

fazendo no quarto de Henry?

— Por favor, vocês duas devem se retirar. Você também não deveria estar aqui, Sienna — a duquesa diz com frieza, abrindo a porta para nós duas passarmos.

Apresso-me em sair do quarto, morrendo de medo da mãe de Henry, mas ainda achando todas aquelas regras bem antiquadas. Tudo bem que é a nobreza e tal, mas estamos no século XXI, por favor!

Ou ela achava que eu era virgem?

Certamente que Sienna não era. E pensar nisso me faz pensar se ela entrava escondida no quarto de Henry quando eram noivos.

— Margareth é bem austera às vezes — Sienna comenta me alcançando nas escadas.

Eu a meço de novo, ainda chocada com sua aparência incrível.

Henry tinha que ter uma ex tão bonita? Não é nada justo.

E se ela é uma ex, o que está fazendo na casa dele?

— Começo a entender — murmuro ao chegar lá embaixo e hesitar, sem saber aonde ir.

Sienna solta uma risadinha.

— Pela direita.

— Obrigada. Este lugar é tão grande e nem tive a chance ainda de tentar conhecer tudo.

— Será que vai ter tempo?

Ok, agora ela está me provocando ou é impressão?

Interrompo meus passos, encarando-a.

— Desculpe-me, mas já entendi que é a ex-noiva do Henry, mas não entendi o que está fazendo aqui. — Não tento ser legal, porque já deu pra perceber que sua simpatia e sorrisinho eram bem falsos para mim.

— A propriedade da minha família é próxima daqui. Eu e Henry crescemos juntos, nossas famílias são amigas. De muitas gerações. Meu tio, irmão da minha mãe, é um barão. Barão de Wessex. E a família do meu pai é descendente da casa de York. Sabe, antigos reis?

Ah, por favor, é só o que faltava!

Além de ser linda, Sienna ainda é da realeza?

— Impressionante! — Tento sorrir do mesmo jeito falso dela.

— Aí estão vocês.

Hugh surge. Ele ainda está mais elegante do que na tarde e sorri para

mim enquanto enlaça a cintura de Sienna, e beija seu rosto.

Hum, não é muita intimidade?

Sienna sai do círculo dos seus braços com uma careta.

— Me solta, Hugh!

Ele não parece preocupado e apenas ri enquanto Sienna segue em frente.

— E você, Sophia, não é? Não tivemos tempo de nos conhecer direito. — Seu olhar passa por meu corpo. — Espero que tenhamos tempo o suficiente enquanto fica por aqui.

Por que todo mundo fica insinuando que vou permanecer pouco tempo no castelo?

— Sim, espero o mesmo — respondo sorrindo de volta.

Hugh parece ser meio mulherengo, mas é primo de Henry e preciso me esforçar para me dar bem com o maior número de pessoas possíveis naquela casa, já que a tia e a mãe não pareciam ir muito com a minha cara.

— E aí, o que está achando de Durham?

Seguimos até uma sala enorme, onde Lexi está sentada no sofá bem relaxada com o olhar preso no celular e Carson serve uma bebida a Sienna.

Um casal de meia-idade está sentado em outro sofá, bebericando o que parece ser champanhe enquanto conversam com Lady Claire.

— Quem são aqueles? — indago a Hugh.

— Lorde Woodville e Lady Woodville.

— Os pais de Sienna!

— Sim, eles mesmos. E vejo que já conheceu a ex do seu namorado.

Não consigo evitar um rolar de olhos, irritada, o que faz Hugh rir enquanto me leva para o bar. Sienna já se afastou e se juntou aos pais.

— Carson, sirva champanhe para nós. A Senhorita Davis precisa de uma bebida.

— Me chame de Sophia, por favor.

— Imagino que não deve ter sido nada agradável. Sienna foi horrível com você? — ele indaga divertido enquanto pegamos nossas taças.

— Não diria que foi horrível. Mas com certeza não foi muito agradável. Ou melhor, ela ficou sorrindo o tempo inteiro, mesmo quando me chamava de namoradinha caipira e se apresentava como noiva do Henry. Isso tudo no quarto dele!

Hugh se engasga com sua bebida.

— Você pegou a Sienna no quarto do Henry?

— Ele estava tomando banho e ela estava sentada esperando. Aí a duquesa entrou e botou nós duas pra correr.

Hugh continua rindo, achando tudo muito divertido.

— Minha tia é bem antiquada e apegada às regras de etiqueta.

— Já percebi. Isso me deixa um tanto nervosa.

— Relaxa. — Ele ergue a taça e bate na minha. — Você se acostuma.

— Você vive aqui o tempo todo? — questiono curiosa.

— Procuro passar algum tempo aqui, ajudando na administração desde que Henry deu o fora, fugindo de suas responsabilidades.

— Mas agora ele voltou.

Hugh não parece achar este fato divertido, enquanto se serve de mais bebida.

— Sim, ele voltou. Mas duvido que vá ficar.

— Ele tem que ficar! Ele herdou o título e tudo isso aqui!

— Henry odeia Durham.

— Ele não odeia Durham!

— O que Henry te contou sobre nós? Sobre Durham?

— Não muito. Na verdade eu nem sabia que ele era um duque até ontem!

— Como assim?

— Henry não sai contando sobre isso às pessoas com quem convive em Londres.

— Lexi me contou que era assistente dele, é verdade?

— É sim.

— E estão juntos faz tempo?

— Juntos de verdade, desde ontem.

Hugh levanta a sobrancelha, espantado.

— Isso é interessante. E já foi jogada na cova dos leões. Não preferia quando ele era só um fotógrafo?

— Está brincando? Eu amei saber que ele é um duque! Sempre quis fazer parte da aristocracia!

Hugh me fita com um novo olhar, entre intrigado e divertido.

— Sério?

— Sim, quem não ia amar viver em um castelo e ter um título? Poder ir às festas incríveis com a rainha? Claro que achei maravilhoso!

— Hugh, querido, está monopolizando a atenção de Sophia — Sienna se aproxima, sorrateira.

Tento não revirar os olhos, pois já estou ficando de saco cheio.

Sinceramente, se ela é tão educada assim, devia saber que não é nada legal frequentar a casa do ex-noivo com a atual na área!

Até parece que eu iria voltar à casa de Jack, por exemplo, mesmo a gente se conhecendo desde criança e nossas famílias também serem amigas.

— Sophia estava me contando que adora namorar um membro da aristocracia — Hugh comenta e Sienna me encara.

— Hum, então é uma alpinista social?

Agora é minha vez de me engasgar e quase cuspir a champanhe.

Antes que eu consiga responder, Carson anuncia a chegada de outro casal de meia-idade que entra pelas portas francesas ostentando joias e roupas caras.

E é só o começo de um desfile de gente velha com cara de que come caviar no café da manhã.

“*Aristocracia.*”, repito mentalmente, animada. Nem acredito que vou conviver de perto com membros da aristocracia inglesa!

— Vem, vou te apresentar a todos, já que meu querido primo desapareceu.

Sim, onde diabo está Henry e sua mãe?

Será que estão discutindo?

Porém, deixo essas conjecturas para trás quando Hugh me apresenta aos convidados. Todos me medem com desdém, e me recordo que estou usando jeans e tênis. Nada, nada adequado a um jantar formal com a aristocracia!

Droga!

Tenho que dar um jeito nisso, mas como é que ia saber que aquele seria um jantar formal?

— Esta é a namorada de Henry — Hugh me apresenta assim e eu gosto muito de como isso soa.

— Estamos muito felizes que Henry voltou a Durham — uma mulher chamada Lady Serena sorri amistosa, embora seu rosto tenha tanto botox que seja difícil saber se aquele sorriso não está colado em sua expressão. — E que bela surpresa trazer uma companhia. Me diga, acha que em breve será a Duquesa de Durham? — Ela pisca me deixando vermelha.

Ah sim, eu tenho certeza, quero responder, mas neste momento Henry surge de braços dados com sua mãe na sala.

Todos o rodeiam, efusivos. Ou tão efusivos como membros da aristocracia se permitiam ser.

— Esse seu traje não está nada adequado minha cara — Lady Claire cochicha para mim torcendo o nariz em censura.

— Sinto muito, acha que não sei? Nunca participei de jantares formais como este!

— Dá pra perceber — Sienna se aproxima. — Mas posso te dar algumas dicas, quem sabe até sairmos para fazer compras? Aqui em Durham não há nada interessante, mas podemos ir para Londres e batermos perna na Oxford Street! O que acha, Lexi? — Sienna cutuca Lexi que continua meio deitada no sofá, alheia à movimentação ao seu redor.

Ela tira o olhar do celular, mirando em nós com tédio.

— Devia ter pedido algo emprestado para mim, Sophia. Já deve ter percebido que as pessoas aqui são muito metidas.

— Lexi, você é a mais metida de todas! — Sienna ri.

E me recorro de Henry dizendo que sua irmã era mimada e tinha gostos extravagantes.

Mas, embora, ela esteja impecável, agora só me parece uma adolescente entediada.

— E sente direito, Lexi! — Lady Claire a repreende.

Lexi rola os olhos, mas faz o que a tia pediu.

— Estou morrendo de fome, quando vão parar de bajular o Henry e vamos comer?

— Então, Sophia, aceita meu convite? — Sienna insiste.

— Ah não, não posso aceitar. Eu nem tenho grana para comprar nessas lojas finas.

— Oh, eu tinha esquecido — Sienna dá um risinho de desdém. — Mas pode pedir a Henry.

— Não posso pedir dinheiro a Henry! — objeto com horror.

Tudo bem que eu queria que Henry um dia (muito em breve, espero) me peça em casamento, para que eu possa, enfim, ser uma duquesa. Mas até lá, eu não poderia ficar simplesmente pedindo dinheiro a ele.

— Por que não? Ele tem muito. E não é por isso que está com ele? Para usufruir das regalias da nobreza?

O quê?

Fico tão chocada que perco a fala.

— Sienna, que coisa grossa de se dizer! — Lexi reclama.

— Mas foi o que a Sophia disse ao Hugh! Disse que amava o fato de Henry ser um duque, que amaria viver aqui em Durham como uma nobre!

Merda. Pior que era verdade.

Lady Claire e Lexi fixam o olhar em mim, e vejo certa censura ali.

Meu rosto está tingido de vermelho.

— Bem, é verdade. Eu sempre quis ser da realeza. Na verdade eu queria mesmo era casar com um príncipe. — Opto por ser sincera.

— Queria casar com um príncipe? Como assim? — Lexi indaga.

— Eu tinha um sonho de casar com o Príncipe Harry — confesso.

— Isso é absurdo! — Sienna ri.

Caramba, ela não pode parar de rir? Parece uma hiena!

— Não sei por que é absurdo!

— Você é só uma filha de fazendeiros, como achou que isso fosse possível?

— Kate Middleton não era da aristocracia e conquistou o Príncipe William.

— Kate é de uma família muito rica, essa é a diferença!

— Sienna, para de implicar, Sophia deve estar brincando — Lexi comenta.

— Não é brincadeira. Eu realmente achava que iria casar com ele, tanto que quando ficou noivo, fui para Londres porque queria encontrá-lo.

— Meu Deus, você é louca ou o quê? — Hiena, quer dizer, Sienna, agora ri de horror.

— Ok, sei que parece absurdo, mas eu acreditei e fui atrás. Enfim, conheci o Henry e fui trabalhar com ele.

— E quando descobriu que ele era um duque, resolveu que era mais fácil e botou suas garras nele?

— Não! Nem sabia que o Henry era duque até ontem à noite!

— Isso é verdade — Lexi endossa minha afirmação. — O Henry escondia de todo mundo com quem convivia suas origens. A Sophia não sabia de nada.

— Mas ficou bem feliz em ter fisdado um duque — Sienna diz com ironia.

— E quem não ficaria? Aposto que deve estar bem puta por ter pedido a sua chance. — Sei que exagerei assim que as palavras saem da minha boca, mas é tarde.

Sienna finalmente parou de rir e está me encarando indignada.

— Isso não é nada educado de se dizer, Sophia — Lady Claire me repreende. — Na verdade, estou achando que deveria limpar sua mente dessas ideias ambiciosas e nada cristãs. Amanhã nos encontraremos às seis da manhã na capela do castelo para orarmos juntas.

O quê? Seis da manhã?

Porém, em vez de dizer que ela é louca, sorrio docemente.

— Claro, Lady Claire. Adoraria. — Melhor tentar ser boazinha com a tia de Henry. Quem sabe assim ela deixa de implicar comigo.

— O jantar está servido — Carson anuncia e todos seguem em direção a uma enorme sala de jantar.

Meus olhos vagam para todos os lados e se prendem no lustre magnífico no teto abobadado.

— Ei. — Quase dou um pulo de susto, quando Henry segura minha mão.

Sorrio feliz por finalmente estar perto dele, mas sua expressão é de irritação.

— Não parece feliz — sussurro.

— Porque não estou. Desculpa não ter falado com você antes. Mas minha mãe insistiu que eu desse atenção a este bando de velhos chatos.

Tento não rir de sua colocação, pois sei que os olhos dos velhos chatos estão em nós.

— É compreensível, você agora é o duque, e passou muito tempo longe.

— Sophia, sente no seu lugar. — A mãe de Henry aponta para um lugar na mesa do outro lado, bem longe de Henry.

— Não, Sophia, vai sentar-se ao meu lado.

Antes que a mãe consiga dissuadi-lo, ele me puxa para se sentar ao seu lado.

— Este é o lugar de Lexi! — a duquesa sibila.

— Eu não me importo de me sentar longe de vocês! Troco de lugar com a Sophia. — Lexi se encaminha para o outro lado da mesa.

— Pronto, resolvido. — Henry senta e eu faço o mesmo.

Admiro encantada a decoração da mesa, cheia de flores e candelabros com velas acesas.

A conversa gira perto de nós sobre amenidades, e Henry permanece com cara de poucos amigos, enquanto o jantar prossegue.

E o que dizer do jantar? Acho que nunca comi uma comida servida em pratos tão chiques! Sem contar que está tudo uma delícia.

Henry continua calado, e só responde por monossílabos às perguntas de sua mãe. É, realmente ele está de péssimo humor e isso parece deixar Lady Margareth mal-humorada também.

Tomo um gole da minha taça pensando no que posso fazer para ajudar, então uma ideia me ocorre.

Com um sorrisinho, levo a mão para baixo da mesa e toco a coxa de Henry.

Ele me lança um olhar surpreso e intrigado, mas não retira minha mão.

— Este cordeiro está ótimo — elogio diretamente para a duquesa.

— Nós temos um chef muito bom — ela comenta com presunção.

— Aposto que sim. Não está ótimo, Henry? — indago e subo minha mão, até chegar entre suas pernas. Ah sim. Vamos animar esse jantar!

— Porra! — exclama no susto e sua mão bate na taça de vinho que cai sobre a mesa e no caminho encontra um castiçal que tomba a vela encontrando a toalha de linha e o álcool do vinho fazendo uma chama de fogo subir pela mesa.

— Ai porra — sou eu que resmungo agora, enquanto a duquesa grita.

A agitação chama a atenção das pessoas ao redor que ao verem o fogo se levantam, amedrontadas. Mais algumas taças caem sobre a mesa e alguém tem a brilhante ideia de jogar seu vinho em cima do fogo, esquecendo que tem álcool, fazendo a chama aumentar.

— Alguém faça alguma coisa! — a duquesa grita.

Sem pensar, pego minha taça de água e jogo sobre a chama, mas erro o alvo e atinjo a cara da mãe de Henry que agora me fuzila furiosa.

Ops.

Capítulo 4

Sophia

— Oh me desculpe, só tentei apagar o fogo.

Henry me puxa para trás, não sei se é para longe do fogo ou da fúria de sua mãe.

Finalmente um criado aparece com um pequeno extintor e apaga as chamas sobre a mesa.

Mas a confusão já está instaurada.

— Que horror! — Lady Claire faz o sinal da cruz um tempo depois quando todos foram encaminhados à sala, para que os criados limpassem a bagunça.

Todos os convidados estão se despedindo e partindo, enquanto a mãe de Henry destila pedidos de desculpas.

Henry não está presente, estou me perguntado onde se meteu, quando Margareth retorna à sala nem um pouco feliz comigo. E quem pode culpá-la?

— O que foi isso? — tia Claire indaga ainda pálida. — Parecia o juízo final.

— Tia, não exagera — Lexi ri, com a atenção ainda no celular. Ela parece a única que não está muito preocupada com a confusão.

— Alguém derrubou um castiçal! — A mãe de Henry me encara com raiva.

— Não foi Sophia, fui eu — Henry me defende, retornando também.

Bem, foi mesmo Henry quem derrubou o castiçal, mas fui eu que o assustou com minha mão boba. Claro que não vou falar isso na frente da família dele. Melhor deixar como está.

— Onde estava? — Quero me levantar e ir ao seu encontro, mas Henry parece tão tenso e também não quero receber nenhuma reprimenda de sua família.

— Sienna já foi embora, Henry? — a mãe questiona.

— Sienna? Sua ex? Era com ela que estava? — Tento não soar com ciúme.

Claro que não estou com ciúme.

Estou?

De repente me lembro onde foi que encontrei a dita-cuja naquela tarde.

— Sim, ela já foi. E eu vou dormir.

E simples assim, ele dá meia-volta e sai da sala.

Sem pensar, me levanto e corro atrás dele, alcançando-o ao pé da escada.

— Henry, espera!

Toco suas mãos. Estão frias e seu corpo está rígido de tensão.

— O que está acontecendo? Por que está tão bravo?

Ele respira fundo, passando a mão pelos cabelos. Seu olhar cheio de tormenta. Nunca vi Henry assim.

— Não fico no meu melhor humor quando sou obrigado a estar onde não quero.

— Deveria ficar feliz por estar em casa de novo.

— Casa? Não acho que o conceito se encaixa aqui.

— Sei que sua família é meio... — Tento achar uma palavra adequada.

— Horrível?

— Não! Não são horríveis. Um pouco rígidos talvez. Mas vocês são da aristocracia, né? Acho que deve ser assim mesmo? Confesso que estou um pouco assustada e ainda sem saber como agir, acho que terei que me acostumar. — Sorrio para ver se ele relaxa, mas não adianta nada. — Mas viveu aqui a vida toda. Por que está tão tenso agora?

— Você não entenderia. Só está aqui há menos de 24 horas. E justamente porque vivi aqui a maior parte da minha vida sei como as coisas são.

— Você vai ter que se acostumar de novo. Tenho certeza que com o passar dos dias tudo vai ficar mais fácil. — Aperto seus dedos. — E me desculpe pelo o que aconteceu no jantar, não queria botar fogo em tudo e muito menos tacer água na sua mãe!

— Não se preocupe com isso.

— Mas agora sua mãe está brava comigo!

— Ela está sempre brava, não é com você!

Ao que parece a relação de Henry com a mãe não é nada boa.

— Posso subir com você? A gente mal se viu o dia inteiro.

— Me desculpe, não estou no meu melhor humor hoje e não queria te contaminar.

— Mas não é para isso que estou aqui? Para te deixar feliz — Eu me encosto nele, beijando seu queixo.

Um arremedo de sorriso se insinua em seus lábios e por um momento vislumbro o meu Henry de novo. Aquele despreocupado, carinhoso e gentil Henry de Notting Hill, e não o duque que parecia ter um toco enfiado no rabo o tempo inteiro de tão mal-humorado.

— Henry, aí está você, precisamos conversar antes que vá dormir — a duquesa nos interrompe e me desgrudo de Henry em vista de seu olhar de censura.

Henry revira os olhos visivelmente irritado, mas apenas assente.

— Tudo bem, mãe.

Ele se vira para mim com um olhar de desculpa.

— Vá descansar. Conversamos amanhã, está bem?

— Tudo bem. — Forço um sorriso e me afasto para meu quarto.

Algun tempo depois, sem conseguir dormir, minha mente está cheia de indagações.

Caramba, Henry não se dá bem com a mãe, mas não consegue dizer não para ela, já deu pra perceber.

E nem tive tempo de falar com ele sobre a tal Sienna!

Espio a hora no celular. Já faz umas duas horas que deixei Henry com a mãe dele. Com certeza a conversa já deve ter sido encerrada, imagino.

E se eu fosse até seu quarto lhe fazer uma surpresa?

Com um sorrisinho sacana, e vestindo apenas uma camiseta de dormir, abro a porta do meu quarto, pronta para ir sacudir aquela cama enorme no quarto do duque, mas dou de cara com Lady Claire.

A mulher está toda vestida de preto com uma vela na mão me encarando no corredor à meia-luz.

Que diabo?

— Lady Claire, me assustou!

— Assustei? Meu quarto é este em frente ao seu.

Putz, que droga!

— Onde estava indo a essa hora com esses trajes?

— Hum, tomar água?

— Pode pedir do seu quarto mesmo. Pegue o telefone ao lado de sua cama e disque nove, dará na cozinha. Não é adequado ficar andando pelos corredores do castelo, e a essa hora, vestindo apenas... isso aí.

Fico vermelha feito pimentão, tentando puxar minha camiseta para baixo.

— Agora, volte ao seu quarto, senhorita.

Sem falar nada, volto cabisbaixa para o quarto, me perguntando até que horas a tia beata de Henry vai ficar me vigiando.

De repente, tenho uma ideia.

Abro a janela e olho pra baixo. Não parece tão longe e aquele lado do castelo era cheio de árvore. Posso descer por uma delas e achar a janela do Henry e subir de novo por outra árvore!

Sim, vai dar supercerto!

Ponho uma perna e depois outra para fora e alcanço facilmente a árvore, descendo como costumava fazer quando criança.

Rápido estou no jardim escuro, mas ainda não posso comemorar. Para que lado é o quarto de Henry?

Direita? Sim, definitivamente direita.

Caminho por entre as árvores e avisto a sombra de um homem em uma das janelas. Só pode ser o quarto de Henry. Animada, começo a escalar a árvore, um tanto preocupada, já que um vento forte faz os galhos finos jogarem os troncos de um lado para o outro. Torcendo para não quebrarem ou o vento me jogar longe, consigo finalmente chegar à janela e dou um impulso, alcançando o parapeito e me segurando ali, largando a árvore.

Mas quando olho para dentro não é Henry que eu vejo, e sim o mordomo Carson!

Carson está no quarto de Henry? Levanto a mão para bater, mas paro o movimento, chocada ao reconhecer a outra pessoa lá dentro, e não é Henry, e sim a Duquesa Margareth!

Ai droga, aquele é o quarto da mãe de Henry, mas o que o mordomo está fazendo lá dentro e...

— Puta merda! — exclamo quando os dois, mordomo e duquesa, se abraçam em um beijo apaixonado.

E então duas coisas acontecem. Um vento mais forte faz a janela se abrir e o casal se separa, assustado, olha em minha direção, mas antes que me veja, pulo para trás, me esquecendo que estou no segundo andar.

Um grito mudo sai da minha garganta, quando consigo me agarrar a um galho no meio da minha queda, impedindo-me assim de ir ao chão. Mas o vento continua castigando os galhos que bambeiam de um lado para o outro.

— Merda, merda, merda!

Começo a tentar descer, quando o galho se quebra e desta vez eu voou pelo ar, caindo em cima de uns arbustos.

E ainda estou ali, tentando respirar, quando a sombra de um homem se interpõe acima de mim.

— Sophia?

Abro os olhos, um *déjà-vu* fazendo-me lembrar de quando Henry me viu caindo quando invadi o casamento de Pipa Middleton pulando o muro.

Mas não é Henry quem está ali agora, e sim seu primo Hugh.

— Oi. — Sorrio, ainda sem fôlego, e ele estende a mão pra mim, entre divertido e surpreso.

— O que diabos está fazendo aqui?

— Eu... caí?

Ele olha pra cima, com o cenho franzido.

— Estava escalando a árvore a essa hora?

Fico vermelha feito pimentão.

— Sim, estava — confesso, massageando meu tornozelo dolorido. Espero que não tenha quebrado nada.

— Aqui é a janela do quarto da minha tia.

— Sim, acabei de perceber — afirmo, me recordando da cena bizarra que tinha acabado de presenciar.

A duquesa e o mordomo? Sério?

Quem diria?

— O que estava tentando fazer?

— Estava indo para o quarto do Henry, ok? — desabafo. — A sua mãe estava vigiando a porta do meu quarto, o que é um tanto ridículo! Ela acha o quê? Que sou virgem? Pelo amor de Deus!

Hugh ri.

— Você é engraçada, Sophia.

— Que bom que eu te divirto. E você estava fazendo o que aqui?

— Fui levar Sienna em casa, acabei de voltar.

— Hum, você e Sienna parecem bem íntimos.

— Somos apenas amigos.

— Bem, não teria problema algum se fossem mais. Afinal, ela não é mais noiva do Henry faz tempo.

— Sim, agora não teria problema algum — ele diz com um tom estranho.

— Certo, a conversa está boa, mas acho que vou voltar ao meu quarto que ganho mais, está bem frio aqui...

Ele me mede e enrubesço de novo, porque estou usando só uma camiseta de dormir que mal cobre minhas coxas.

E antes que consiga dar um passo, Hugh me ergue no colo.

— Ei, me ponha no chão.

— Vi que estava com dor no tornozelo. Melhor eu te levar para o quarto. — Ele entra no castelo, ignorando meus protestos.

— Não tem necessidade, posso andar!

— Vai chegar mais rápido assim. — Ri divertido e continua pelo corredor.

E não posso deixar de pensar que seria exatamente assim que um príncipe faria num conto de fadas, mas jogo este pensamento ridículo de lado ao me lembrar que a mãe maluca de Hugh dorme no quarto em frente ao meu. Se ela estiver vigiando e me flagrar no colo do filho dela estarei em maus lençóis.

— Sério, me ponha no chão, já estou perto do meu quarto...

Porém, Hugh ignora meus pedidos e já estou respirando aliviada por não termos sido pegos em flagrante quando ele abre a porta do meu quarto e arfo surpresa ao ver que Henry está lá dentro.

Ele pousa os olhos furiosos em Hugh e em mim.

— Que merda é essa?

Ai caramba!

Capítulo 5

Sophia

Hugh me põe no chão devagar, ainda com um sorriso no rosto, como se nada demais estivesse ocorrendo.

Mas nada demais está ocorrendo, tento me lembrar.

Certamente não é o que o olhar furioso de Henry está me dizendo.

— Henry, o que faz aqui?

— Acho que primeiro vocês podem me dizer que diabo é isso?

— O que acha que é, primo? — Hugh provoca.

— Não é nada! Nada! — apresso em dizer. — Eu caí e Hugh me ajudou. O que nem era necessário! — Olho para Hugh. — Obrigada, Hugh, você pode ir agora. — E praticamente o empurro para fora do quarto, antes que Henry pule em seu pescoço.

Já tinha dado pra perceber que Hugh e Henry não eram muito amigos e seria melhor evitar uma briga, e ainda mais por minha causa.

Fecho a porta e me volto para Henry.

— Não sabia que estava aqui! Eu fui atrás de você. — Eu me aproximo tentando tocá-lo, mas ele segura minha mão, afastando-me.

— Foi? E caiu em cima do meu primo? Vestindo só isso?

— Não caí em cima dele! Caí nuns arbustos!

— Sophia, que conversa é essa?

— Eu fui atrás de você, pulei a janela, já que sua tia louca estava me vigiando! Aí tentei subir de novo para seu quarto. — Paro minha explicação lembrando-me da duquesa. Devo contar a Henry que vi a mãe dele se agarrando com o mordomo? Melhor não. — Enfim, não era seu quarto e estava ventando, tentei voltar e o galho se quebrou. Aí eu caí.

— Isso é absurdo.

— Não se lembra que já me viu caindo antes?

Henry continua me encarando como se não acreditasse.

— E Hugh estava lá fora e como meu tornozelo estava doendo, ele me trouxe, só isso.

— Difícil de acreditar, sinceramente!

De repente começo a ficar bem irritada.

— O que está insinuando? Que por acaso estou mentindo, que saí do meu quarto para ir... me pegar com seu primo no jardim do castelo?

Ele não responde e percebo que é exatamente isso que se passa por sua cabeça.

— Ah, vai se foder, Henry! Sabe que fui ao seu quarto hoje e sua ex-noiva estava lá?

— O que está dizendo?

— Vai dizer que não sabia que Sienna estava te aguardando sair do banho?

— Quando eu saí do banho minha mãe estava me esperando e não Sienna.

— Não estava, porque sua mãe entrou e colocou nós duas para fora! Mas eu adorei conhecer sua ex-noiva que parece uma atriz de Hollywood te esperando sair pelado do banheiro para pular em cima de você.

— Isso é a maior bobagem que já ouvi.

— Pois também é bobagem ficar pensando que estou me pegando com seu primo!

— Eu conheço Hugh e ele seria capaz de fazer exatamente isso!

— Mas eu não sou! Não é possível que não me conheça, Henry! E quer saber? Tudo bem. Talvez não me conheça mesmo. E eu também não te conheço. Achei que conhecia, mas este Henry que surgiu aqui... Parece outra pessoa. Parece um estranho pra mim!

— Acostume-se. Este é o Henry, Duque de Durham — diz com amargor e dá meia-volta, saindo do quarto e batendo a porta atrás de si.

Fico ali, tremendo. Um misto de raiva e frustração.

Que porra está acontecendo?

Tem alguma coisa muito errada com este conto de fadas!

Não foi assim que eu imaginei não!

As batidas na porta me acordam de um sono sem sonho.

Por um momento, tenho dificuldade de reconhecer onde estou, atordoada com o barulho de alguém que certamente quer derrubar a porta do quarto elegante que me encontro.

E então eu me lembro.

Estou em Durham! No castelo da família de Henry.

Estou vivendo meu tão sonhado conto de fadas!

A felicidade se infiltra em meu sistema confuso de sono por um instante e eu me espreguiço lentamente, adorando sentir o fino linho dos lençóis contra minha pele, ignorando as batidas furiosas na porta.

Até que de repente me recordo que fui dormir nem um pouco feliz depois da briga com Henry. E meu dia, antes radiante, ganha sombras escuras quando caio de volta à realidade.

O meu conto de fadas estava mais se assemelhando a um pesadelo estranho.

Suspirando em desalento, saio da cama e arrasto meus pés até a porta a abrindo. Para completar meu infortúnio dou de cara com a tia corola do Henry.

— São seis horas. Temos que ir à capela orar.

Porra, ela só pode estar de brincadeira!

Por um momento penso em fechar a porta na cara dela, mas resisto. Aquela ainda é a tia de Henry e do jeito que minha situação anda difícil naquela casa, é melhor não arranjar mais um desafeto.

— Sim senhora... — sussurro bocejando e tento sorrir.

— Está atrasada. — Ela não retribui meu sorriso.

— Oh, me desculpe. Realmente não me lembrei que a tal oração era às seis da manhã.

— Você tem dez minutos para pôr uma roupa decente. Te espero no hall.

— Mas nem vamos tomar café?

— Primeiro as obrigações.

Fecho a porta quando ela se afasta, dizendo a mim mesma que quando eu for duquesa, vou mandar implodir aquela capela e assim a tia doida não ia poder me obrigar a rezar às seis da manhã.

Assim, exatamente dez minutos depois, estou com a Lady Claire na capela, enquanto ela ajoelha e sussurra sabe lá o que para Deus, segurando um terço dourado até que bem bonito.

Eu fico ali, sentada, bocejando e tentando não adormecer.

Minha família nunca foi muito religiosa e não frequentávamos nenhuma igreja a não ser para batizados e casamentos.

Teve um tempo que meu pai, metido a filósofo nas horas vagas, até

dizia ser ateu e meus avós *hippies* eram daqueles que congregavam ao universo, enquanto plantavam maconha no quintal.

Mas agora, desanimada com minhas primeiras 24 horas no castelo de Henry, penso que é uma boa hora de pedir providências divinas.

Ainda me sinto um tanto culpada por minha ideia idiota de ter ido atrás dele ontem à noite. Se não tivesse ido, não teria caído direto para os braços do primo Hugh. Quer dizer, não foi bem assim, mas certamente era como pareceu a Henry.

E quem poderia imaginar que Henry era ciumento?

Bem, não tinha mesmo como eu saber, já que namorávamos de verdade há tipo dois dias!

Antes éramos amigos e, apesar dele não demonstrar nenhuma simpatia para com Jack, meu ex, cretino (também, quem demonstraria depois de saber o que ele aprontava comigo?), e não achar nenhuma graça na minha paixãoite pelo Príncipe Harry, nunca havia dado a entender que era um cara possessivo.

Será que foi só porque era com Hugh? Não parecia que os dois se davam muito bem. Na verdade, parecia mesmo que Henry não ia muito com a cara do primo. Mas pra mim, Hugh era um cara bem legal. Claro que, como muitos homens, ele flertou comigo. Mas isso não queria dizer que ele seja mau-caráter ou algo assim.

Bocejo de novo, tentando fixar o pensamento em uma maneira de fazer as pazes com Henry, mas o sono está mesmo bem pesado. Talvez se eu fechar os olhos só um pouquinho...

— Misericórdia!

Acordo com o grito da tia de Henry e abro os olhos para perceber que estou caída em cima dela.

Porra, eu adormeci e caí, levando a tia de Henry junto!

— Oh, sinto muito. — Eu me levanto e estendo o braço para puxar a velha do chão.

— Isso foi totalmente inapropriado! Como pode dormir na casa de Deus!

— Eu acordei às seis da manhã! E se pelo menos tivesse tocando Adele aqui para animar...

— Ah que blasfêmia! — Ela faz o sinal da cruz.

— É só uma ideia... Agora podemos ir tomar café, tia Claire?

— Quem lhe deu a permissão para me chamar de tia Claire? — indaga duramente, enquanto manca para fora da igreja.

Caramba, tomara que eu não tenha quebrado algum osso da tia de Henry!

— Por que não? Eu sou a namorada do Henry, seu sobrinho, acho que podíamos deixar de formalidades, tia Claire. — Sorrio, tentando ser simpática.

Ela continua me encarando, como se eu tivesse lhe proposto jogar tomate na cruz.

— Ok, foi só uma ideia — sussurro.

Chegamos até uma área no jardim ao lado direito do castelo, com uma grande mesa disposta o café da manhã.

Tia Claire passa batido, ainda mancando e Lexi, a única pessoa ali, me encara quando me aproximo.

— O que aconteceu com a tia Claire?

— Ela caiu. — Dou de ombros me sentando e servindo suco de laranja. Nossa estou faminta!

— Vai me dizer que ela te obrigou a ir rezar na capela?

— Sim, me obrigou.

— Tia Claire é uma chata! E aí o que está achando da minha família? Já quer fugir correndo?

Hesito em responder.

A família de Henry era mesmo um osso duro de roer, mas ainda assim era a família dele.

E eles eram aristocratas. Talvez eu tivesse sido um pouco ingênua ao esperar que fossem pessoas descontraídas e amorosas como minha família.

— Na verdade, sua família é mesmo um tanto difícil de conquistar não?

— Difícil? — Ri com sarcasmo.

— Mas sabe o que está me chateando de verdade? O Henry.

Dessa vez ela fica séria.

— O Henry?

— Ele está tão diferente. Sempre mal-humorado, irritado!

— Olha, Sophie, o Henry foi embora há dois anos porque não curtia essa vida de aristocracia daqui.

— Eu não consigo entender como ele pode não gostar de ser um

duque.

— E ele nem era duque na época! Imagina como está a cabeça dele agora sendo obrigado a voltar?

— Mas ele sabia que um dia teria que voltar. Ele era o herdeiro.

— Sim, mas ninguém esperava que o papai morresse tão cedo. Muito menos Henry. Ele achou que ainda poderia ficar lá em Notting Hill como um João Ninguém por anos até que fosse obrigado a assumir o ducado.

— Então como vai ser agora? Ele não tem como escapar, vai ter que aceitar, não?

— Sim, mas vai levar um tempo.

— Eu fico preocupada — confidencia meus medos —, ele está diferente comigo.

— Não é você o problema. É tudo isso. Ele precisa de um tempo pra assimilar tudo.

— É, acho que tem razão.

— Tenha paciência com Henry. Ele gosta mesmo de você. Agora, você gosta dele o suficiente para ficar?

— Claro que sim! Eu amo o Henry.

— Então, tenha paciência e o apoie. Ele vai precisar.

Ela se afasta e fico pensativa.

Será que tem razão e essa crise do Henry é temporária?

Ninguém mais aparece para o café da manhã e depois de comer, dou uma volta pelo jardim.

É mesmo magnífico de se ver e imagino o tanto de nobres que já passearam por aquelas alamedas.

E ainda estou ali, sem saber muito o que fazer quando avisto Henry sentado sozinho em um banco. Sinto meu coração apertado, me lembrando da briga de ontem. Será que ele ainda está bravo comigo?

— Ei. — Sorrio meio tímida.

Percebo, quando me aproximo, que uma barba já desponta de novo em seu rosto. E decido que prefiro ele com aquela eterna barba por fazer de sempre do que o rosto limpinho de duque.

Ele fica me encarando, como se tivesse mil coisas em sua mente.

E então, sem que eu espere, abraça minha cintura, pousando o rosto na minha barriga.

— Henry... — Acaricio seus cabelos, entre confusa e divertida.

E aliviada.

— Me desculpe por estar sendo um bosta — sussurra.

— Só se me desculpar por ter feito confusão ontem.

Ele me encara, enquanto me solta e sei que está se recordando da cena com seu primo.

Sento-me ao seu lado.

— Eu falei sério que foi só um acidente.

— Eu sei, eu fui um idiota.

— Então estamos bem?

Ele desvia o olhar, sem responder.

E sei que, por mais que eu gostasse que o único problema fosse o ciúme bobo do seu primo, no fundo não é.

Recordo-me de Lexi pedindo que eu tenha paciência.

Seguro sua mão.

— Sei que é difícil para você estar aqui de novo.

Ele finalmente sorri, me fitando.

— Você não imagina.

— Mas vai melhorar, tenho certeza. É sua família, sua casa. Seu legado.

— Talvez tenha razão. — Ele leva minha mão aos lábios, beijando meus dedos. — Eu vou viajar hoje.

— Para onde?

— Temos várias propriedades, na Escócia e algumas mais ao sul. E Roger, o administrador, e minha mãe montaram uma agenda para mim. Como duque agora parece que preciso supervisionar a todas.

— Me leva junto?

Ele hesita.

— Melhor não. Vai ser uma viagem chata e quero que dure apenas alguns dias.

— Vou ficar aqui sozinha? — Não quero dizer que ficar sozinha com sua família me apavora.

— Minha família está aqui. Não estará sozinha.

— Está bem — concordo sem muito ânimo.

— Mas fique longe de Hugh.

— Por quê? Achei que já tinha entendido que ontem não foi nada...

— É só o que eu te peço. Fique longe dele.

Acho que nunca o vi tão sério e decido que, embora ache Hugh um cara bem legal, melhor tranquilizar Henry.

— Tudo bem.

Então segura meu rosto e me beija.

Suspiro, já sentindo saudade.

Ansiando que tudo fique bem.

Porém, se eu achava que ao passar dos dias no castelo, magicamente a situação iria melhorar, estava um tanto enganada.

Primeiro que Lexi, a única pessoa que parecia legal comigo também viajou de volta a Londres na mesma manhã. A tia louca insistia que eu precisava rezar mais para “quem sabe Deus me dar um pouco mais de educação e bons modos”, e eu tive que passar o dia inteiro presa no meu quarto para fugir de sua fúria beatíssima.

E no jantar, onde só estava presente eu, a mãe de Henry, tia Claire e Hugh, descobri que a duquesa estava ocupada organizando um baile de boas-vindas a Henry.

Confesso que isso me animou um pouco e sugeri que eu poderia ajudá-la, recebendo um olhar frio em resposta.

— Não será necessário.

— Mas eu estou aqui sem fazer nada e podia ser algo pra me distrair e descobrir mais como funciona tudo...

— Tenho certeza que se você se sente entediada pode voltar à sua vida em Londres.

Ah, certo. Eu entendi o recado!

— Agora que o Henry voltou, também me sinto entediado, colocado de lado — Hugh comenta sorrindo, mas noto uma certa ironia em sua voz.

— Querido, não fale assim. — Tia Claire segura a mão do filho. — Tenho certeza que sua tia é grata por tudo que fez todos esses anos que Henry esteve fora. Afinal, você praticamente era o duque em exercício e...

— Ah cale-se, Claire — a duquesa a corta e é a primeira vez que a vejo perder um pouco da compostura. — Todos nós sabemos que você queria que Henry nunca voltasse para Hugh assumir tudo!

— Bem, era o que parecia que ia acontecer.

— Mas Henry voltou. E espero que deixem essas ideias de usurpar o lugar do meu filho para trás. Henry é o Duque de Durham e assim vai

permanecer.

— Ei, parem de discutir — Hugh pede não parecendo abalado com a briga das senhoras. — Todos nós sabemos que Henry voltou e agora eu fui posto de lado.

— Não faça drama. — A duquesa continua em tom duro. — Sou muito grata por tudo o que fez pela família. Mas como eu disse, o duque voltou e não precisamos mais dos seus préstimos.

— E o que espera que eu faça agora, querida tia?

— Pode fazer o que bem entender.

Depois do jantar, Hugh me chama para dar uma volta com ele na cidade.

Confesso que estou tentada a aceitar, afinal, estou mesmo morrendo de tédio e me sentindo muito sozinha naquela casa onde ninguém parece querer minha presença.

Mas me recordo do pedido de Henry.

— Não, eu vou dormir.

— Cedo desse jeito? Eu só vou ao *Pub*, podemos nos divertir um pouco.

— Não, obrigada. — Sorrio para amenizar minha negativa.

— Hum, Henry ficou mesmo bravo quando nos viu juntos?

— Não estávamos juntos! Mas sim, ele ficou bravo. Então quero evitar discussão.

— Não achei que você fosse o tipo de garota que faz só o que o namorado quer. Vamos ver se ele vai saber retribuir essa sua devoção.

Ele se afasta antes que eu possa responder.

No dia seguinte, o dia é tão tedioso quanto o anterior. Tia Claire bateu na minha porta de manhã e eu fingi lindamente que estava doente para não ir à capela.

— Doente?

Fingi uma tosse.

— Sim, estou péssima. Resfriada e essas coisas... Preciso descansar.

— Sei...

Percebi que ela ainda queria insistir, mas fechei a porta na sua cara.

E depois, para fugir do tédio e também da tia beata, resolvi desbravar

os corredores do castelo, que era mesmo impressionante.

Até que fui parar na cozinha.

Um homem de meia-idade está no fogão da cozinha que é até bem moderna para o que estava esperando e me encara surpreso.

— Perdida, senhorita?

— É, mais ou menos. Uau, o que está fazendo? O cheiro está bom. —
Aproximo-me do fogão.

— O molho para o faisão do jantar — responde com sotaque francês.

— Ah, você deve ser Maurice, o cozinheiro?

— Chef, senhorita.

— Hum, que chique! E me diz aí, Maurice, trabalha aqui há bastante tempo? — Sento-me sobre a mesa e pego um croissant que está por ali.

Maurice me lança um olhar exasperado.

— A senhorita não deveria estar aqui.

— Por que não?

— Sabemos que é a namorada do novo duque.

— Sim, mas estou entediada e você parece alguém legal para se conversar.

— Estou no castelo há três anos — ele responde por fim.

— E você gosta de trabalhar aqui? A duquesa não parece nada fácil.

— Eles são todos iguais. Não me importo. Pagam bem. Além do mais não vou ficar aqui pra sempre.

— E o que pensa em fazer?

— Estou juntando dinheiro para abrir meu próprio restaurante na minha cidade natal, Marselha.

— Que interessante! E aí, posso te ajudar em alguma coisa?

— Acho melhor a senhorita...

— E essas batatas? Posso descascar? Você não deveria ter ajudantes ou algo assim?

— Eu tinha, mas ela se demitiu. Lady Claire não gostou de Loren estar namorando o cavaleiro, Shaw. Ela ficou brava e foi embora.

— É, tia Claire parece ser meio rígida... Pronto, batatas descascadas!

Ele olha para meu serviço, admirado.

— Isso foi rápido.

— Olha só, eu posso ser sua ajudante, o que acha?

— A duquesa me mataria. — Ele ri.

— Pelo menos enquanto Henry não esta aqui — digo com tristeza. — Quer dizer, talvez até quando ele voltar. Não entendi muito bem qual o meu lugar neste castelo até agora.

Ele levanta a sobancelha, mas não fala nada.

— Já que terminou seu trabalho com as batatas que tal cortar estes morangos?

— Amo morangos. — Pego a tigela. — O que vai fazer?

— Ainda estou em dúvida.

— Deixa que eu faço uma torta.

— Você?

— Minha família tem uma fazenda de plantação de morangos. E temos uma receita incrível.

Na hora do jantar, Maurice serve a torta e pisca pra mim.

— Hum, Maurice, está realmente incrível. Receita nova? — a duquesa o elogia e ele me encara com uma pergunta muda no olhar.

Sacudo a cabeça em negativa. Melhor a duquesa não saber que passei a tarde na cozinha.

— Sim, receita nova. Vou chamar de Torta Sophia.

Todos os olhos se prendem em mim.

— Em homenagem a nossa hóspede, duquesa — ele diz e antes que a mulher possa falar qualquer coisa ele se afasta.

Na manhã seguinte, sou surpreendida quando Sienna aparece no castelo.

A garota entra na sala onde tento ler um livro, depois de ser expulsa pelo mordomo Carson da cozinha.

— Aqui não é lugar para uma hóspede, senhorita.

Quis dizer que a cama da duquesa também não era lugar para um mordomo, mas me calei.

Para não deixar o pobre Maurice em maus lençóis, decidi sair. Por enquanto.

Agora fito a ex-noiva de Henry com surpresa.

— Olá, ainda por aqui? — ela me cumprimenta.

— Por que não estaria? — Coloco o livro de lado. — E você, o que faz aqui?

— Vim escolher uma joia para o baile.

— Como é que é?

— Sim, Margareth foi muito generosa me deixando usar uma joia de família, como nos velhos tempos. Mesmo eu não sendo mais.

— Você nunca foi, já que nunca se casou com Henry.

Antes que ela possa responder, a duquesa entra na sala sorrindo para a ex-nora.

Aff.

— Chegou cedo, Sienna.

— Espero que não esteja te atrapalhando, Margareth. Mas estou ansiosa em rever as joias Durham. Ainda sinto falta do peso do meu anel de noivado no dedo.

Ah, por favor! Tento não rolar os olhos.

— É uma pena mesmo. Mas quem sabe ainda aconteça?

Ah, sério?

Ela está dizendo na minha cara que queria que Sienna usasse o anel de noivado de novo?

— Vamos?

— Posso ir também? — Eu me adianto.

As duas me encaram.

— Acho que eu tenho que escolher uma joia também, não?

Por um momento, penso que a duquesa vai recusar, mas apenas acena para que eu as acompanhe.

Entramos em uma sala no segundo andar, onde Carson já está a postos. Meus olhos se arregalam ante a uma prateleira com portas de vidro, contendo as joias mais suntuosas que já vi na vida.

— Qual a cor do seu vestido, Sienna? — a duquesa indaga.

— Azul. Um Valentino. — Ela sorri com presunção.

— Então vai combinar com este colar de turquesa. — A mulher faz um sinal para que Carson pegue um colar que faz meu queixo cair.

— É lindo, Margareth — Sienna elogia.

Mas eu continuo a percorrer a sala, deslumbrada com tudo.

Até que meus olhos param em uma tiara.

— Uau. — Sinto até um aperto no coração de tão linda que ela é.

— Esta tiara é de diamante e esmeraldas — Carson explica a tirando e colocando sobre o balcão de madeira. — Foi dada de presente pelo primeiro

Duque de Durham a sua esposa.

— É a coisa mais linda que já vi na vida. — Deixo meus dedos percorrerem aquela preciosidade me perguntando como ficaria em mim.

— Mas está fora de seu alcance. — A duquesa retira a caixa da tiara da minha frente, fechando-a quase com meus dedos juntos. — Apenas duquesas podem usá-la.

— Hum, quem sabe um dia. — Sorrio, esperançosa.

Mas a duquesa não gosta nada da minha insinuação.

— Sua graça, o florista chegou — um serviçal entra na sala nos interrompendo.

— Ah sim, obrigada. Avise que já descerei para recebê-lo. — Ela se dirige a Carson. — Sophia pode escolher alguma coisa. Talvez uma pulseira de prata, acho que será suficiente. Nada das joias mais preciosas.

— Não fique chateada — Sienna diz quando a duquesa sai da sala. — Ela é muito protetora com o legado da família.

— Já deu pra perceber.

— Aí, como ficou em mim esse colar?

— Ficou lindo. Combina com seus olhos. — Eu tenho que admitir.

— E qual estilista vai usar?

Estilista?

Ai caramba.

— Jenny Packham — minto. — Sabe, a estilista queridinha da Kate?

— Hum, não acho o estilo dela muito interessante, mas se você gosta...

— Está falando mal do estilo da Kate Middleton?

— Ela era só uma garota rica sem título quando fisgou o William. A classe necessária para brilhar vem de berço. Carson, pegue o meu anel? Estou com saudade dele.

Carson pega uma caixa e a abre revelando um lindo anel de safira.

— Este foi o anel que Henry me deu quando ficamos noivos — ela diz, o pegando e colocando no dedo.

Que audácia!

Sienna acaricia a joia, com saudosismo.

— Por que não se casaram? — Faço a pergunta que estava me atormentando.

Sienna era linda. De boa família.

Queridinha da duquesa.

Por que o noivado foi desfeito se parecia a união perfeita?

— Henry quis ir embora — ela diz retirando o anel e devolvendo para Carson que se afasta para guardá-lo.

— Mas você sabia que não era pra sempre e não acho que isso seja motivo. Foi você quem terminou com ele por causa disso?

— Não. Mas Margareth começou a nos pressionar para marcar a data. E Henry achava que era muito cedo. Disse que podíamos viajar antes, ficar um tempo longe de tudo. Eu não estava muito feliz com esta ideia. Eu queria me casar.

Claro que ela queria.

E quem poderia culpá-la?

Não é todo dia que se acha um duque dando sopa por aí.

— E ele começou a ficar distante. A passar cada vez mais tempo com suas fotografias... Achei que era só uma fase.

— E ele terminou com você e foi embora? Foi isso?

— Teve outros... fatores — ela diz pensativa —, mas sinceramente, acho que não é da sua conta.

— É, tem razão.

— E você acha que um dia Henry vai colocar este anel no seu dedo?
— ela pergunta em desafio.

— Sim, eu acho — respondo sincera.

Eu e Henry estávamos apaixonados. Não havia motivos para ele não querer ficar comigo para sempre.

Fazendo-me duquesa.

Ela sorri. Não tem humor ali.

— Você é audaciosa.

— Sou apenas sincera.

— Talvez até demais. Vamos ver até onde isso vai levá-la.

Eu acabo não escolhendo nenhuma joia.

Achei muito desaforo da duquesa restringir a minha escolha.

Mas eu tinha que dar um jeito de arranjar um vestido para o tal baile e então ligo para a Lady Crawford, a vizinha de Henry que havia me ajudado para que eu fosse ao baile real.

— Claro, minha querida. Pode levar qualquer vestido que quiser. Mas

terá que vir buscar.

— Pode deixar que vou dar um jeito! Muito obrigada, a senhora vai ser minha fada madrinha de novo!

— Oi Hugh. — Encontro apenas Hugh na mesa de almoço. — Cadê todo mundo?

— Mamãe e tia Margareth estão em um almoço beneficente na igreja da cidade.

— Sei... — Não posso negar que é um alívio.

— Você sabe como posso chegar a Londres?

— Por quê? Já quer ir embora?

— Não! Eu preciso pegar o meu vestido para o baile.

— Ah sim, o famigerado baile! Bem, está com sorte, estou indo a Londres agora à tarde. Posso levá-la.

— Seria ótimo! — Sorrio animada, mas de repente me recordo de Henry dizendo que não era para eu ficar perto de Hugh. — Quer dizer, não sei...

— É apenas uma carona, Sophia.

— Mesmo assim. — Sigo firme.

— E se eu te fizesse uma proposta irrecusável?

Eu o encaro, desconfiada.

— Que proposta?

Hugh sorri e me faz a melhor proposta que recebi na vida.

Capítulo 6

Henry

— Meu amigo, você está com uma cara péssima.

É a primeira coisa que Simon diz quando abre a porta para mim.

— Porque estou mesmo péssimo — resmungo entrando no apartamento de Simon.

Eu não deveria estar aqui. Na verdade, eu deveria estar em algum lugar perdido da Escócia contando as obras de arte inútil ou as garrafas de vinho que teriam melhor serventia sendo tomadas do que guardadas para sei lá, quando o Papa resolvesse nos visitar ou quando falíssemos e precisássemos de grana.

Sim, foi o que meu pai disse uma vez. O que eu respondi que a gente nunca iria falir. Afinal, o dinheiro da família, assim como as propriedades, obras de arte, vinhos e terras a perder de vista vinham de quatro séculos intactos.

Sem contar que minha mãe, que havia entrado naquela dinastia há apenas trinta anos era protetora ferrenha do legado Cavendish. Ela jamais iria deixar a fortuna da família se esfacelar.

Nem que pra isso, tivesse que obrigar o próprio filho a seguir um destino pelo qual ele não estava nem um pouco feliz.

— Achei que tivesse em Durham — Simon comenta.

— Deveria estar em algum lugar feudo na Escócia, mas fugi para Londres.

— Feudo? — Simon ri. — Se já está usando esses termos de trabalhador braçal que odeia a aristocracia, acho que precisamos de bebida.

Eu o sigo para a cozinha. Olho em volta, para o ambiente elegante. A cara de Simon. Há papéis espalhados pelo balcão assim como um notebook.

Óbvio que ele estaria trabalhando, mesmo já sendo mais de dez da noite.

Essa era a vida de Simon. Tudo girava em torno do seu trabalho. Tudo era ordem e disciplina. Ele sabe aonde quer chegar e nada vai lhe tirar do caminho que escolheu.

Às vezes eu o invejo.

Mesmo sendo de uma família rica, ele tem total liberdade de ir e vir como bem lhe convém. E escolheu trilhar seu próprio caminho.

— A coisa está tão ruim assim para estar com essa cara? — Ele me joga uma cerveja e nos sentamos no balcão bebendo em silêncio por um instante.

— Eu já devia imaginar que seria uma merda quando cedesse aos apelos da minha mãe e voltasse pra Durham.

— Mas você sabia que ia ter que voltar.

— Nunca imaginei que meu pai fosse morrer tão cedo — digo com amargor.

A morte prematura do meu pai ainda é uma ferida aberta. Não só por tê-lo perdido, mas por ele ter me deixado aquele abacaxi chamado Durham.

— Eu sei. Mas você ainda demorou um ano pra voltar. Achei que estivesse preparado agora.

— Eu nunca vou estar. Achei que seria mais fácil, que talvez eu tivesse demonizado minhas lembranças do que significava viver como um nobre e essas merdas todas, mas agora é pior. Antes pelo menos eu podia ser como Lexi, ficar por aí, gastando dinheiro e só voltando quando era exigido. Mas agora sou a porra do Duque de Durham e tenho que administrar tudo.

— Ser um dos aristocratas mais ricos do Reino Unido não devia ser tão horrível.

— Eu nunca liguei pra essa grana.

— Porque você sempre teve.

— Fala como se tivesse sido pobre algum dia.

— Minha família não tem nem um terço do que a sua tem.

— Pelo menos não tem um título ridículo para carregar.

— Um título de duque não seria nada mal.

— Duvido que fosse gostar.

— Sério, Henry, é tão ruim assim? Lembro que quando estive em Durham, quando estudávamos juntos, parecia um lugar legal. Sua mãe era meio rígida e sua tia uma louca varrida. Sem contar seu primo cuzão, mas seu pai era gente boa. E aquele castelo é incrível. Ter todos aqueles empregados para coçar sua bunda quando pedir, os cavalos são incríveis... Sem contar que ter um título de duque atrai as mulheres.

Eu tive que rir.

Simon era um cara prático. Sempre vendo o que poderia tirar de vantagem de todas as situações.

— Para mim tudo isso é só uma prisão.

— Só que agora você é o dono da prisão. — Ele ergue a cerveja, batendo na minha. — Vai achar um jeito de viver bem com isso.

Será? É o que eu vinha me perguntando.

— E a Sophia?

— Eu a levei comigo para Durham.

Simon quase cospe a cerveja.

— Eu acho que me esqueci de te contar que estamos juntos pra valer agora.

Conto a Simon a versão resumida do desfecho da minha história com Sophia, incluindo a loucura dela com o Príncipe Harry, o que faz Simon rir muito.

— *Cara*, só você mesmo para se apaixonar por uma garota que preferia o Príncipe Harry! E você é um merda de um duque!

— Ela não prefere o Harry — resmungo.

— Calma, é só uma brincadeira. Mesmo porque o cara se casa amanhã, né?

— Sim, estou sabendo.

— Você vai ao casório? Ouvi dizer que vai ser em Windsor.

— Recebi o convite, mas não vou.

— A gente podia ir.

— A gente?

— Por que não? Vai ser uma boa distração pra você. Pelo menos vai ter certeza que o cara que ia roubar sua garota está fora do mercado.

— Roubar minha garota? Que merda é essa? Harry mal botou os olhos na Sophia.

— Sorte a sua que não.

— É, sorte a minha.

— Bem, então devo entender que Sophia está de boa com essa coisa de você ser duque?

— Mais do que de boa. Está radiante. O sonho dela era ser da realeza.

— Sim, um duque não é nada mal para quem almejou um príncipe.

— Eu fui um babaca com ela. Não estou no meu melhor humor.

— E ela está brava com você?

— A gente teve uma discussão, mas eu pedi desculpas. Fiquei puto porque a vi no colo do Hugh.

— Puta merda, esse cara não cansa de querer roubar o que é seu?

— Ela só caiu e ele a ajudou, mas conheço Hugh.

— E tem um histórico, não?

— Pois é.

— E ele deve ter ficado puto com sua volta. Aposto que achou que você iria abdicar de tudo e assim ele seria o próximo herdeiro.

— Tenho certeza que sim. Minha mãe me mataria se eu fizesse algo do tipo.

— Mas... isso passou pela sua cabeça?

Eu me calo. Mas Simon sabe a minha resposta.

— E aí, amanhã partiu casamento real? Bebida grátis e quem sabe uma gostosa da realeza na cama no fim do dia? — ele brinca.

É por isso que eu gosto de Simon.

— Fale por você. — Pego mais uma cerveja.

— Esqueci que já tem uma garota, a doce Sophia.

— Não é tão ruim assim.

— Fale por você! — Ele repete minhas palavras. — Deus me livre alguém me esperando no fim do dia.

Eu rio.

— Ok, vamos a esta merda de casamento. Tem razão. Preciso de distração.

Sophia

— Eu vou ao casamento do Príncipe Harry. — Estou repetindo isso desde que Hugh me convidou para acompanhá-lo ao casamento real.

— Estou indo para Londres, porque amanhã tenho um casamento real para comparecer... Em Windsor — ele havia dito.

Por um momento, não compreendi. Porém, a confusão durou apenas alguns segundos até que soltei um grito de choque.

— O quê? Você vai ao casamento do Príncipe Harry?

Hugh sorriu.

— Sim. E posso te levar como minha acompanhante.

Porra.

Como dizer não para isso?

Primeiro que a hesitação que surgiu depois de ter aceitado o convite durou pouco. Claro que Henry não ia ficar nada feliz de saber que eu viajei com seu primo e muito menos que iria ao casamento do príncipe, mas Henry não precisava saber, precisava?

Ele estava longe e tinha me deixado ali, sozinha, com a família dele que não ia com a minha cara.

Então não hesitei em viajar com Hugh, que me levou até a casa da Senhora Crawford, para que eu escolhesse não só um vestido para o baile em Durham como também um traje apropriado para um casamento em Windsor.

— E quem é o bonitão que veio te trazer? — Miguel pergunta agora, enquanto estamos entrando na casa de Henry segurando meus vestidos. Miguel tinha visto Hugh quando me deixou em frente à casa de Lady Crawford, com a promessa de me encontrar na manhã seguinte para seguirmos a Windsor, a uma hora de Londres.

— É o primo do Henry, Hugh. Ele que vai me levar ao casamento amanhã.

— Querida, você já fisgou o primo também?

Vamos para a cozinha de Henry, e Miguel pega sorvete na geladeira.

— Não seja idiota! Ele só está sendo legal!

— E o que seu Duque Henry pensa disso? — Miguel indaga curioso nos servindo sorvete.

— Ele não sabe — confesso.

— Como assim?

— Ele está viajando, para verificar as propriedades ou algo assim, e me deixou sozinha com a família dele. E vou dizer, a mãe dele se pega com o mordomo, mas é uma esnobe e não vai com a minha cara!

— Uau, com o mordomo?

— Pois é! E a tia, mãe do Hugh, é uma beata louca.

— E o Hugh?

— Ele é legal. Mas o Henry não se dá bem com ele. Sem contar que ainda tenho que aguentar a ex-noiva dele zanzando pelo castelo. Olha, não está fácil, viu.

— Mas aposto que poder estar com seu duque gostoso compensa,

não?

Suspiro, raspando o resto do sorvete.

— Ainda não tenho certeza.

— Hum, não gostei dessa incerteza. Não era isso que queria? Ficar com Henry?

— Sim, e quando ele disse que era duque achei que fosse a garota mais sortuda do mundo, mas Henry está diferente agora.

— Diferente como?

— Ele está distante. Não está lidando bem com a volta a Durham.

— Claro, ele prefere ficar aqui bancando o plebeu em Notting Hill.

— Isso eu nunca vou entender. — Eu me levanto levando nossas tigelas vazias à pia.

— Eu já vou.

— Achei que fosse dormir comigo.

— Querida, você é linda, mas está faltando alguma coisa aí no meio de suas pernas para me atrair. — Veste o casaco, enquanto o acompanho até a porta. — E tenho um encontro.

— Hum... Promissor?

— Sim, um cara de terno e gravata e tudo.

— Boa sorte, então!

Eu me despeço de Miguel e deixo meu olhar vagar em volta. A casa está silenciosa e tão diferente de quando eu morava ali com Henry. Sinto um aperto no peito, ao lembrar que tudo parecia mais fácil antes, mesmo não estando juntos de verdade.

Mas estamos juntos agora? Às vezes parece que estamos mais distante do que antes.

Visto uma camiseta de dormir e deito-me na cama de Henry. Sinto falta dele e anseio que tudo melhore. Não posso acreditar que não vamos dar um jeito de sermos felizes.

Afinal, eu desisti do Príncipe Harry por ele.

Ah o príncipe... Ainda é esquisito pensar que eu iria ao seu casamento.

E nem é comigo!

Mas tudo bem. Eu tenho Henry agora.

E mesmo que as coisas não estejam saindo como imaginei, tenho certeza que o meu felizes para sempre ainda vai chegar.

Um barulho estranho me desperta. Sento-me, aturdida, olhando em volta. O dia está amanhecendo. E estou no quarto de Henry em Notting Hill, recordo-me. De novo escuto o barulho e reconheço como sendo de chuveiro ligado.

Meu coração dispara de medo e levanto-me, abrindo a porta devagar. A luz do banheiro está mesmo acesa e o barulho de água é inconfundível.

Ai merda, entrou um invasor na casa de Henry!

Será um mendigo que decidiu tomar banho antes de assaltar a casa?

Ou um terrorista?

Por que terroristas tomariam banho?

Amedrontada, caminho pé ante pé e entro no banheiro. Olho em volta e pego um rodo, disposta a usá-lo como arma. Sim, sou corajosa e vou acabar com o invasor a pauladas!

Abro a cortina do box e dou um grito brandindo minha arma mortal improvisada, mas o homem grita também se virando e segurando minha arma no ar.

E não sei quem está mais chocado quando reconheço o invasor.

— Henry?

— Sophia?

— O que... você é o invasor? — balbucio atordoada.

— Que merda, Sophia, o que está fazendo aqui e por que ia me agredir com um rodo? — indaga enquanto desliga o chuveiro.

— Eu achei que fosse um invasor terrorista sei lá! E o que você está fazendo aqui? Quase me matou do coração!

— Acho que eu perguntei primeiro! — Ele sai do chuveiro, furioso e neste momento, alguém coloca a cabeça para dentro da porta.

— Ei, que gritaria é essa... Sophia? — Simon olha de mim para Henry, confuso.

— O que está fazendo aqui, Simon?

— E o que você está fazendo aqui?

Henry solta um palavrão enquanto enrola uma toalha na cintura.

— Bem, quem vai responder primeiro? — Simon insiste.

— Não estou entendendo nada! — balbucio. — Você não estava na Escócia ou algo assim?

— E você não deveria estar em Durham? — Ele sai do banheiro e eu

o sigo.

Simon dá de ombros.

— Acho que vou descer e esperar vocês resolverem essa confusão lá embaixo.

Por um momento fico olhando Simon descer as escadas, notando que ele está usando um fraque.

Sigo Henry para dentro do quarto e ele está me fitando irritado.

— Vamos, Sophia, que merda está fazendo aqui?

Eu o encaro, tentando achar uma saída.

Mas meu cérebro de repente está ocupado com outras coisas muito mais interessantes, como notar que Henry ainda está pelado na minha frente, o corpo pingando água. Eu mordo os lábios, com um súbito calor fazendo meu pulso acelerar, deixando meu olhar saudoso percorrer seu peito incrível e descer pela trilha de pelos que desaparecem debaixo da toalha que ele segura.

— Sophia?

— Eu... Eu... — Volto a encará-lo, ofegante.

Percebo que ele notou para onde vão meus pensamentos e também percebo o momento exato em que os pensamentos dele entram em sintonia com os meus. Seus olhos escurecendo do mesmo desejo.

— Droga, Henry, se quer discutir comigo é melhor pôr uma roupa ou então podemos...

— Ah foda-se! — Em um segundo, ele está avançando, a mão em minha nuca, me puxando para que sua boca alcance a minha num beijo urgente.

Ah sim.

Derreto nele, enquanto sou jogada na cama.

Abro os olhos para ver Henry tirando a toalha e partindo para cima de mim.

Minha nossa, como ele pode ser tão perfeito?

Suas mãos me livram da camiseta e ele enfia o rosto em meio aos meus seios, aspirando.

— Porra, Sophia, senti tanto a sua falta...

Sorrio, bobamente, acariciando seus cabelos e abrindo minhas pernas, o puxando para perto.

— Também senti sua falta.

Ele sorri de volta.

E é como antes. O Henry de antes.

E eu queria dizer que a falta que senti não era só dos dias que ele passou longe e sim deste Henry.

Com um rosnado, ele enche meus lábios de beijos molhados, suas mãos passeando por minha pele, deixando um rastro de fogo, fazendo com que qualquer pensamento coerente voe para longe.

Só o agora importa.

Fecho os olhos aproveitando aquele momento. Adorando senti-lo entrar em mim, nossos dedos se entrelaçando, seus gemidos em meu ouvido, seus quadris se movendo firmes contra os meus, arrancando suspiros da minha garganta.

Não demora para que ambos estejam arfantes e suados, mãos afoitas, gemidos desconexos em um gozo tão perfeito quanto efêmero.

— Isso foi... — suspiro, quando ele se joga ao meu lado na cama, a respiração ainda tão pesada quanto a minha.

— Incrível. — Ele sorri e eu me viro para beijá-lo, me enroscando nele.

— Ainda não entendi o que está fazendo aqui? — indago preguiçosa.

— Eu estava de saco cheio e resolvi dar uma fugida pra Londres. Passei a noite no Simon. E você?

Ele parece relaxado e feliz agora.

E não quero brigar de novo. Mas sei que é inevitável.

Ai droga, como vou explicar?

— Eu vim encontrar a Senhora Crawford. — Opto pela versão mais fácil.

— A vizinha?

— Sim, lembra que foi ela quem me emprestou o vestido para aquela festa em Buckingham? Então ao saber que vai ter um baile em Durham, liguei pra ela e perguntei se podia me emprestar um traje. Sabe, eu não tenho nada apropriado.

— Podia ter comprado um.

— Eu não sou rica, Henry, só se eu roubasse uma loja.

— Era só pedir pra mim.

— Eu não posso fazer isso!

— Por que não? Fui eu que te levei para Durham, é claro que ficou

implícito que eu cuidaria de você.

— Nossa, agora me senti como uma daquelas cortesãs do século XIX!

Ele ri, mas não sei se acho graça.

Uma cortesã era só a amante.

Nunca a esposa.

— Enfim, como foi que chegou aqui? — Ele volta ao assunto.

Hesito em responder, desviando o olhar, me afastando um pouco.

— Sophia, te fiz uma pergunta — insiste, desconfiado.

Ok, lá vai.

— Eu vim com o Hugh.

— O quê?

— Foi só uma carona.

— Que diabos...

— Eu disse a ele que precisava vir pra Londres e ele ia vir também.

Qual o problema?

— Que porra, Sophia! — Henry se levanta, irritado, começando a se vestir.

— Não sei por que fica tão bravo! Ele é seu primo. — Visto minha camiseta, me levantando também.

— Ele é um canalha! — Henry esbraveja quando coloca a cueca.

— Comigo ele é muito legal!

— Possivelmente porque quer levá-la pra cama.

— Ah, que absurdo! Por que acha isso?

— Ele levou Sienna!

Oh... de repente eu entendo tudo.

— Sienna te traiu com o Hugh?

— Sim.

— Por isso terminaram?

— Sinceramente, não quero falar sobre isso. — Ele respira fundo, tentando se acalmar.

— Henry, isso é ridículo. Como pode achar que eu vou te trair com o Hugh? Não sou Sienna, e não sei quais foram os motivos dela, mas eu sei que não faria algo assim. Agora entendo que tenha ficado tão magoado...

— Quer saber? Eu gostava de Sienna, ela era bonita e sexy e minha família achava que ela seria a esposa perfeita. Fiquei puto com a traição,

quem não ficaria? Mas não porque amava Sienna. Agora com você, pensar que posso te perder só porque meu primo calhorda gosta de pegar o que é meu...

Eu me aproximo, tocando seu rosto, o obrigando a me encarar.

— Eu nunca ia te trair. Nem com o Hugh nem com qualquer outro. Eu amo você, não entendeu ainda? Nunca vai me perder. Nunca.

Ele toca minha mão, encostando a testa na minha.

— Me desculpe em te envolver nisso.

— Precisa esquecer o que rolou no passado. Hugh nunca vai conseguir nada comigo, nem que tente.

Uma batida na porta nos interrompe e Simon põe a cabeça para dentro.

— Ei, o seu primo Hugh está aí e disse que veio buscar a Sophia para o casamento real.

Henry me encara e eu fico vermelha.

— É, esqueci de te contar essa parte?

— Porra, Sophia! Você veio pra Londres para ir ao casamento do Harry?

— Hugh me convidou...

— Eu não acredito!

— Foi uma proposta irrecusável.

— Claro que foi! O que pretende? Gritar na hora que o padre perguntar se alguém tem algo contra?

Bem, até que não era uma má ideia, a Sophia louca de antes sussurra, mas eu a esmurro.

Não queremos mais o Harry! Agora temos o Henry.

— Eu só quero ver como vai ser, ok? Qual o problema? Sabe que não sonho mais com o Harry.

— Não sei por que ainda me surpreendo com você!

— Olha, eu sei que odeia o Hugh e tudo o mais, mas eu quero muito ir...

— Certo, se quer ir, eu te levo.

Arregalo os olhos, surpresa.

— Ei, achei que eu ia ser sua acompanhante — Simon se intromete e percebo que ele ainda está ali.

— Espera aí... Ia levar o Simon ao casamento e não ia me levar? —

Agora eu que estou brava. — Como pode fazer isso comigo, Henry?

— Acho que ela descobriu sobre nós, Henry. — Simon ri.

— Parem de falar merda, vocês dois! Sophia, eu nem ia ao casamento, foi Simon que deu a ideia de irmos.

— Sinto muito, *cara*.

— E pelo o que estou percebendo, acho que fui descartado.

— Desculpa, *cara* — Henry diz a Simon —, mas diga ao meu primo que eu vou levar minha namorada ao casamento real. Ele que vá pra onde bem entender.

— Ok, agora sou o moleque de recado do duque! — Simon resmunga saindo do quarto.

— É sério que vai me levar? — Sorrio esperançosa para Henry.

— E desde quando consigo dizer não pra você, Sophia? — Ele suspira rendido. — Vamos lá acabar logo com isso.

Capítulo 7

Sophia

Nem acredito que estou aqui!

Sim, eu, Sophia Davis, estou em um casamento real em Windsor.

E de mãos dadas com um duque!

Um duque com quem eu tinha transado há poucas horas.

Caramba, sou mesmo uma garota de sorte.

— Eu conheço esse fascinator? — Henry pergunta enquanto estamos caminhando por entre as alamedas dos jardins de Windsor rumo à Capela de Saint George.

Sorrio concordando.

— Você me deu de presente de Natal, lembra? Eu quis usar, combinou com este vestido. — Aponto para o modelo clássico rosa-claro que estou usando. É um Chanel e só precisou de alguns ajustes de Miguel para servir em mim.

— Está muito bonita — Henry elogia e meu sorriso se alarga ainda mais enquanto nos sentamos na capela. — Tem certeza que não está nem um pouco chateada por seu querido príncipe dos sonhos estar se casando?

— Tenho sim. Eu tenho um duque dos sonhos agora... Ai meu Deus aquele é o George Clooney? — cochicho para Henry, em choque.

— Parece que sim.

— Minha nossa, Henry. Acho que vou desmaiar quando a rainha passar...

Henry ri.

— É sério.

— Não seja boba. São pessoas como todo mundo.

— São a realeza, não são pessoas como todo mundo! Você fica aí todo blasé porque cresceu neste mundo. Eu estou surtando!

E como eu disse a Henry, tenho que conter o surto psicótico quando vejo um por um dos membros da realeza passarem.

Confesso que, quando o príncipe entra com William, sinto um pouquinho de vontade de me levantar e pular em cima dele.

Talvez Henry tenha percebido meu lapso, pois segura com mais firmeza minha mão.

— Nem pense nisso.

— Eu não pensei, claro.

Então a noiva faz sua entrada, de braços dados com o Príncipe Charles.

E devo dizer, ela está radiante.

— O buquê foi criado pela florista Philippa Craddock — sussurro para Henry —, são flores não-me-esqueças, as preferidas da Lady Diana, e murtas, que é uma tradição real.

— Como sabe disso?

Dou de ombros.

— Todo mundo sabe.

— Todo mundo ou loucas obcecadas por príncipes reais?

— Esse vestido dela é bonito. Mas é muito simples, não acha?

— O que eu entendo de vestido?

— Ok, é um Givenchy, mas eu teria escolhido algo mais suntuoso.

— Tenho certeza que sim — ele concorda indulgente.

A cerimônia começa e não posso deixar de me lembrar de uma cena há tanto tempo atrás, um casamento de brincadeira com Jack, onde eu fingia que ele era o Príncipe Harry.

Sonhei a vida inteira que este seria o meu final feliz. Em um casamento como esse. Com esse príncipe.

Mas o futuro nem sempre é como sonhamos. Às vezes a vida nos surpreende com algo diferente.

E talvez muito melhor.

Descanso meu olhar em meu novo sonho.

Ele sorri pra mim e tenho certeza que sim, eu tenho algo muito melhor.

E de repente, enquanto meu olhar vaga novamente pela capela, quando os noivos deslizam pela nave em direção aos seus súditos lá fora, imagino a mim mesma ali, naquele lugar. Como uma noiva. Não mais com Harry, e sim com aquele que eu escolhi.

O Duque de Durham.

Suspiro, meu coração disparado no peito, só de imaginar.

— Podemos ir agora? — Henry sussurra do meu lado e volto à

realidade, o encarando.

Será que vai demorar para ele me pedir em casamento?

— Sophia?

Sacudo a cabeça para tirar aquelas ideias do pensamento.

Eu e Henry somos efetivamente um casal há um minuto e eu já estou sonhando com nosso casamento, repreendo a mim mesma.

Mas uma garota pode sonhar, não pode?

— A gente já vai? Não podemos conhecer a rainha? Por favor?

— Duvido que hoje seja possível.

— Mas um dia eu vou poder conhecê-la, não?

— Tenho certeza que sim. — Henry me puxa para fora e eu ainda estou pensando se a rainha iria ao meu casamento com Henry.

Quanto mais vamos nos aproximando de Durham, mais tensa eu fico. Assim como Henry.

Na verdade, minha tensão é proporcional à tensão de Henry. Quando estávamos em Windsor ele estava feliz e relaxado. Depois do casamento, me levou até um *Pub* para almoçarmos e tinha sido quase como antes, quando nenhuma preocupação pairava sobre nossas cabeças. Ok, não tão como antes, já que agora ele podia me beijar a hora que quisesse.

Mas depois, quando saímos da cidade rumo a Durham, ele começou a mudar. A se fechar em si mesmo, a se distanciar de mim.

Achei que tínhamos superado aquela fase esquisita. Parece que me enganei.

Será que quando chegássemos a Durham, Henry iria voltar a ser o Henry mal-humorado de antes?

— Você está ficando daquele jeito de novo — murmuro.

— Que jeito? — Ele desvia a atenção da estrada por um instante.

— Distante...

Seu olhar se prende à estrada.

— Desculpe, só que não me agrada nada ter que voltar.

— Sei que tem algumas coisas que te irritam aqui, mas não quero achar que sou mais uma delas — expresso meu medo.

Ele me encara bravo.

— Você não me irrita.

— Não?

— Quer dizer, não desse jeito. — Segura minha mão. — Mas não quero que se sintam mal aqui em Durham. Talvez eu tenha sido egoísta em te trazer.

— Não! Claro que tinha que me trazer. Eu quero ficar com você. Só não quero que fique me afastando, como estava fazendo.

Ele respira fundo.

— Certo, prometo que não vou fazer mais isso, ok?

Sorrio, animada.

— Já sei o que fazer pra te deixar feliz. — Dou uma piscadela e ligo o rádio, colocando meu iPod.

Adele enche o ambiente.

— Porra, Sophia, desde quando Adele deixa alguém feliz? Isso é deprê. Achei que fosse me animar com um oral, algo assim.

— Henry! — Faço cara de ofendida, mas me aproximo e sussurro em seu ouvido. — Prometo te animar assim, se me deixar dormir no seu quarto hoje.

— Sophia... Minha mãe é chata com essas coisas.

— Pelo amor de Deus, ela vive em qual século?

— Eu só não quero... ter mais motivos para brigas.

Afasto-me, meio desanimada.

— Tudo bem, também não quero que você brigue com sua mãe.

— Henry, o que pensou que estava fazendo? — A duquesa não demora a expressar seu aborrecimento quando chegamos ao castelo ao anoitecer. — Largou o pobre Roger e sumiu!

O pobre Roger, o administrador. Um homem careca de meia-idade que na verdade acho que é mudo, pois nunca ouvi sua voz, também está na sala.

— Foi mal, Roger — Henry diz e encara a duquesa. — Eu só precisava de um tempo.

— Teve quase três anos de tempo! Quando vai parar de agir feito um moleque rebelde?

Ai caramba. Agora ela pegou pesado.

— Duquesa, vou me retirar agora. — Roger parece constrangido com a rusga entre mãe e filho.

— Pode ir. Aliás, todos vocês. — Ela olha para Lady Claire que também está presente, me encarando como se eu fosse a própria Jezebel. — Inclusive essa mocinha, que ainda não entendi o que está fazendo com você. Foi ela quem pediu que fossem se encontrar em Londres? Fiquei sabendo que ela coagiu Hugh a levá-la ao casamento do Príncipe Harry...

— Não fale bobagens, mãe. Eu que levei a Sophia ao casamento.

— Sabia que tinha dedo dessa menina! — Lady Claire me acusa.

— Ei, tia Claire, chega — Henry pede e me encara com um olhar de desculpa. — Sophia, vá descansar. Nos encontramos no jantar, está bem?

— Certo.

Afasto-me rápido para meu quarto, mas me sentindo angustiada com a briga de Henry com a mãe castradora dele.

Nossa, eu estava disposta a gostar da duquesa, mas era bem difícil.

Sem paciência para ficar sozinha em meu quarto, troco de roupa e desço para a cozinha.

Maurice está às voltas com a preparação do jantar e levanta a sobrancelha ao me ver.

— Olha quem voltou.

— Oi, Maurice.

— Não parece muito animada.

— Eu achei que as coisas estavam melhores, mas acho que me enganei — suspiro. — E aí, posso te ajudar?

— Porque não faz de novo aquela torta de morango que fez sucesso no outro dia.

Sorrio.

— Pode ser...

Encontro Henry na hora do jantar e ele não parece mais animado do que antes.

— Ei, tudo bem? — Toco seu rosto, preocupada.

Ele força um sorriso.

— Nem tanto.

— Depois do jantar, pode me mostrar o castelo?

— Ainda não conhece o castelo?

— Eu tentei conhecer, mas sozinha só me perdi. Seria legal ter alguém me guiando. — Sorrio, sugestiva.

— Esse seu sorriso ainda vai ser minha morte...

A duquesa e tia Claire surgem e nos sentamos para comer. A tensão pode ser cortada com uma faca e o silêncio só é quebrado pelo ranger dos talheres. Até que Maurice traz a torta. E aí Henry franze o olhar.

— Eu conheço essa torta? — Encara Maurice que não diz nada. — Você quem fez, Maurice?

— Quem mais, senhor?

Então seu olhar vai até mim e enrubesço.

— É a torta da sua avó!

— Sim, é a receita da minha família — confesso.

— Não entendi — a duquesa nos interrompe.

— Acho que a Sophia andou dando uma volta pela cozinha do castelo e passando receitas para Maurice — Henry diz divertido.

— Na verdade, foi a Senhorita Sophia quem fez essa torta, assim como no outro dia.

— Mas isso é muito inapropriado! — a duquesa me repreende. — Quem te deu permissão para ir atrapalhar nosso chef?

— Ela não atrapalhou, duquesa. Muito pelo contrário. Ela me ajudou muito — Maurice me defende.

— Não deixa de ser inapropriado. — Tia Claire entra na discussão.

Ah pelo amor de Deus, que gente chata!

— Com certeza. — A duquesa continua brava. — Você sabia disso, Carson? — indaga ao mordomo que entra trazendo mais vinho.

— Já havia repreendido a Senhorita Sophia. Eu lhe disse que não era apropriado.

— Acho que também não é apropriado um criado entrar no quarto de um membro da família à noite, não é? Por exemplo, da duquesa? — Não aguento e solto a indireta.

Carson derruba o vinho no colo de Lady Claire que grita assustada.

A duquesa está branca, feito papel.

— O que está dizendo?

Dou de ombros.

— Nada. Só dei um exemplo. — Sorrio inocente.

— Carson, que desastrado! — Lady Claire se levanta, encharcada de vinho.

Pobre Carson.

— Perdão, Lady Claire.

— Não se fazem mais criados como antes! — a mulher resmunga se afastando.

Percebo que Henry está segurando o riso e sinto-me feliz com isso.

Ele parece um pouco mais relaxado de novo.

Será que continuaria assim se eu contasse que sua mãe estava de caso com o mordomo?

Bem, no fundo não era da minha conta. Melhor deixar pra lá.

— Temos assunto para tratar sobre alguns cavalos que vamos vender, Henry — a duquesa anuncia quando deixamos a sala de jantar.

— Mãe, hoje? Estou cansado, não podemos deixar para amanhã?

— Você tem obrigações, Henry! Não pode deixar tudo nas minhas costas!

— Era Hugh quem cuidava de tudo.

— Hugh só cuidava com minha supervisão! Acha que ia deixar tudo na mão dele sem saber o que estava fazendo?

— Podemos ver isso amanhã? Prometi levar a Sophia a um tour pelo castelo.

— Agora?

— Amanhã, está bem? — ele diz me puxando pela mão e acho que é a primeira vez que o vejo contrariar um pedido da duquesa.

— Achei que fosse obedecê-la. — Tento não colocar desaprovação na minha voz, mas acho que falho miseravelmente.

Ele para no primeiro patamar me fitando.

— Sinto desaprovação na sua voz?

— Sabe que obedece sua mãe cegamente, é até estranho de ver, já que é um adulto.

— Ela não deixa de ser minha mãe.

— É, acho que não entendo isso porque eu nunca tive uma mãe. Talvez seja normal ter medo e...

— Não tenho medo da minha mãe!

— Se você diz...

— Eu só... — Ele passa os dedos pelo cabelo, frustrado. — Ela sempre foi assim, severa comigo. Sempre tentando colocar na minha cabeça que eu tinha que fazer minhas obrigações antes de tudo.

— E seu pai?

Ele sorri.

— Meu pai era um cara incrível. Ele fazia tudo isso aqui parecer tão fácil.

— Pode ficar fácil para você também com o tempo.

— Nunca vou ser como meu pai. Ele era um ícone. Todos o amavam. Os criados, os vizinhos, as pessoas da cidade. Ainda me lembro de andar pela cidade e todos dizerem que ele era o melhor Duque de Durham que já se viu.

— E gostaria de ser como ele?

— Meu pai curtia isso aqui. Estava no sangue dele.

— Deve estar no seu também.

— Eu sempre achei tudo uma perda de tempo.

— Não pode estar falando sério!

— Sophia, olha isso. Um castelo de quatrocentos anos. Obras de arte que valem milhões. Cavalos puros-sangues. Terras a perder de vista. E aposto que nunca viu a adega ridícula!

— Não parecem coisas ruins de se ter...

— A gente só tem isso porque um rei achou que merecíamos e deu o título a um antepassado. — Aponta para a parede, onde o quadro de um homem de meia-idade está disposto.

— Sim, sua tia disse que era o primeiro Duque de Durham.

— William Cavendish. Ele foi o primeiro duque. Ganhou o título do Rei Charles II depois da restauração. Seu pai, que também se chamava William, tinha um título, Duque de Buckingham, mas lhe foi tirado com a Revolução Puritana, quando foi obrigado a fugir para a América com a esposa grávida de William. E quer saber de um segredo de família? A mãe do primeiro Duque de Durham era uma bandoleira. Uma ladra das estradas. E diz a lenda que o duque se apaixonou quando sua carruagem foi assaltada.

— Que romântico!

— Alguns antepassados não gostavam nada dessa origem nada nobre. Mas o fato é que William, o filho, voltou à Inglaterra com a restauração da nobreza e lhe foi concedido este título. Duque de Durham.

— Que sortudo!

Seguimos por entre os corredores e Henry vai me mostrando todas as salas.

— Este lugar é enorme, nunca se perdeu?

— Eu e Hugh brincávamos aqui quando criança. Amávamos nos esconder.

— Por que deixaram de ser amigos? Por causa da Sienna?

— Não, bem antes disso. Hugh passava férias aqui, antes de seu pai largar sua mãe e ir pra França, deixando-os falidos. Quando vieram morar aqui, tia Claire estava muito diferente e se tornou o que você vê hoje. Uma louca religiosa. Acho que ela nunca superou o divórcio e a perda do dinheiro. E Hugh também não. Ele desenvolveu certa revolta por eu ser o herdeiro de tudo e ele viver de favor aqui, por assim dizer. Na verdade quem pode culpá-lo? Nada disso é justo.

— Isso não lhe deu o direito de transar com sua noiva. Foi trapaça.

— Sienna quis, ela não foi forçada.

— Acha que eles se apaixonaram?

— Duvido muito.

— Nossa, Henry, eu amei o castelo. — Mudo de assunto.

— É grande demais e inútil.

— Eu não acho. Por que não abrem uma parte para o público? Como muitos castelos? Podia ser tipo um museu.

— Meu pai até pensou nisso uma época, minha mãe foi contra. E a ideia foi descartada. Geralmente as famílias nobres fazem isso quando precisam de grana e não é o caso dessa.

Ele para em frente à porta do seu quarto.

— E este aqui é meu quarto, milady.

Abro um sorriso malicioso.

— Está tentando me seduzir, duque?

— Você sabe, eu sou um duque e posso obrigá-la.

— Ah, então é um duque libertino?

Ele abre a porta do quarto.

— Posso te mostrar.

De repente eu fico séria.

— Mas e sua mãe?

— Acho que tem razão. Não preciso obedecê-la em tudo.

Meu sorriso se alarga quando ele me puxa para dentro.

Ah sim.

Vou adorar ser seduzida pelo duque.

Capítulo 8

Sophia

Acordo na manhã seguinte me sentindo maravilhosa.

Abro os olhos e deixo meu olhar percorrer o teto pintado com pinturas incríveis.

— Bom dia...

Viro a cabeça para ver Henry me fitando com olhar de sono.

Sorrio e aproximo nossos corpos ainda mornos de sono.

— Agora você me corrompeu para sempre duque, o que vamos fazer sobre isso?

Ele levanta a sobrancelha.

— Sou um duque libertino, não preciso fazer nada. Agora é partir para a próxima conquista.

Bato em seu ombro, ultrajada, e Henry ri, me beijando.

— Você podia pelo menos me convidar para o baile real hoje.

Ele para de me beijar me fitando confuso.

— Esqueceu que tem uma festa no castelo hoje?

— Ai merda, eu tinha esquecido — resmunga me soltando.

— Não fica de mau humor. — Deslizo a mão por seu peito. — Vai ser divertido! Sabe que sua mãe me levou na sala de joias?

— Sério?

— Quer dizer, ela levou a Sienna! — falo com desdém. — E eu acabei indo meio que de penetra.

— Sienna?

— Pois é. Parece que ela e sua mãe são amigas ou algo assim.

— Sienna é de uma família antiga aqui da região. Só isso. E você escolheu uma joia?

— Não. Ela não quis me deixar usar uma tiara que fiquei apaixonada. Era de diamante e esmeralda. Parece que só duquesas podem usar — rolo os olhos.

— Isso é besteira. Vou falar com a minha mãe, ok?

— Jura? — Meus olhos se iluminam.

Antes que Henry possa responder ouvimos uma leve batida na porta, antes de Carson entrar.

— Henry, sua mãe o... — Ele para ao me ver. — Oh, perdão. — Desvia o olhar vermelho.

— Corta essa, Carson. — Henry ri. — Já sei. Minha mãe está me esperando para falar dos malditos cavalos.

— Sim, senhor.

— Diga que já vou.

Carson sai do quarto e eu e Henry desatamos a rir.

— Sinto muito, mas o dever me chama — resmunga se levantando.

Faço o mesmo, colocando minhas roupas.

— Nos vemos que horas?

Ele beija meus lábios ao abrir a porta pra mim.

— Temo que minha mãe vá me prender o resto do dia. Mas como disse, ainda temos o maldito baile.

O dia inteiro o castelo fervilha de gente correndo para lá e para cá, todos ocupados na organização da festa da duquesa.

Como Henry havia me alertado, ele realmente desapareceu, ocupado com os desmandos de sua mãe.

E quanto a mim, apenas ia de sala em sala, deslumbrada com as flores incríveis dos arranjos, as luzes sendo colocadas no jardim, a perfeição da prataria sendo polida.

Ainda é incrível pensar que estou realmente aqui, em um castelo, e que vou participar de uma festa da nobreza. E sem ter que pular o muro!

E parece que as coisas com Henry finalmente estão entrando no eixo. Pelo menos entre nós. Agora a situação dele com a mãe e suas obrigações no castelo, talvez ainda leve um tempo. Mas tenho certeza que isso também vai melhorar.

— Olá, Sophia. — Viro-me no jardim, onde estou espiando os criados arrumando as luzes e noto Sienna se aproximando.

Difícil não fazer cara de nojo, mas eu tento.

— Sienna, o que faz aqui tão cedo?

— Eu vim devolver o colar — responde com um sorriso indulgente.

— O colar que iria usar na festa? Que a duquesa emprestou?

— Esse mesmo.

— Por quê?

— Porque Henry me ligou furioso dizendo que eu não tinha o menor direito.

— Mentira!

Por essa eu não esperava.

— Não, é verdade.

— Nossa, por que acha que ele fez isso? Quer dizer, tirando os motivos óbvios claro, que ele tem razão. Você realmente não tem mais direito. — Não consigo conter meu desabafo.

Ah já chega de aguentar aquela sonsa.

A vez dela já tinha passado. Sem contar que desde que Henry contou que ela o traiu, fiquei com mais raiva ainda.

Quem ela pensava que era para magoar Henry?

— Eu concordo. Realmente não tenho mais direito.

— Então por que pediu? Aliás, porque fica aqui, ciscando em volta de Henry como se quisesse voltar com ele ou algo assim, quando foi você que o traiu?

— Hum, então Henry te contou.

— Sim, ele contou! E não consigo entender como pôde traí-lo.

— Eu me arrependi, se isso serve pra alguma coisa. — Dá de ombros.

— Não serviu!

— Eu sei. Não para Henry. Eu sei que errei. Hugh foi... um lapso. Uma aventura. Nem era para Henry descobrir. Mas Hugh fez questão de contar ao Henry, porque ele gosta de roubar tudo o que pertence ao primo.

— É, Henry comentou algo do tipo... isso não exime sua culpa!

— Eu sei. Mas você não estava aqui. Não tem ideia de como era meu relacionamento com Henry. Ele estava sempre com a cabeça longe, cheio de ideias de fugas. Obviamente eu não compactuava com essa ideia estapafúrdia. Eu queria ser duquesa.

— Bem, quem não quer? — resmungo.

— Eu fui criada para isso. Para fazer um casamento vantajoso e não menos seria aceito. E Henry era a opção perfeita. Nos conhecíamos desde sempre. Ele era lindo e tão gentil. — Ela suspira — Acho que cheguei até a me apaixonar um pouco.

— Um pouco? — exclamo com horror.

Como ela não tinha se apaixonado completamente por Henry?

— E achei que teríamos o futuro perfeito quando me pediu em casamento. Só percebi depois que ele só pediu para casar comigo porque a mãe dele estava fazendo pressão.

— Já percebi que a duquesa exerce bastante poder sobre ele.

— O relacionamento de Henry com a mãe é uma coisa maluca! Ao mesmo tempo que ele a detesta, não consegue fugir de sua autoridade por muito tempo. Acho até um milagre que ele tenha conseguido ficar tanto tempo longe, depois de romper comigo, usando a desculpa da minha traição.

— Desculpa da traição?

— Sim. Ele nunca quis casar comigo de verdade. E o fato de eu traí-lo só fez com que não se sentisse culpado de me deixar e ir embora. Como sempre quis fazer.

— Nunca cogitou ir com ele?

— E deixar tudo isso para trás? Jamais. Eu não nasci para viver como uma plebeia qualquer em Notting Hill.

Por um momento louco, me sinto conectada com Sienna.

Este sentimento, de que não nasci para ser mais uma na multidão. Essa vontade de querer mais. De querer algo nobre... era algo que eu podia entender.

Só que Sienna sempre vivera neste mundo. Essa era a diferença.

— Enfim, quando ele foi embora, achei que fosse voltar em pouco tempo. Que Margareth jamais deixaria que o filho ficasse longe. Mas o pai de Henry ordenou que ela o deixasse em paz. Que ele ia voltar um dia, quando fosse a hora.

— E a hora chegou...

— Sim, a hora chegou e acho que Henry não estava nem um pouco preparado.

— E você achou que era a hora perfeita para reconquistá-lo?

— Não. Claro que não.

Levanto a sobrancelha em descrença.

— Foi a Margareth que insistiu que eu devia voltar a frequentar o castelo. Ela sim achou que era a hora certa para reconquistá-lo.

— Ah, que bruxa!

— Não, apenas uma mãe que quer prender o filho aqui, onde ela considera o seu lugar. Margareth tem horror que Hugh fique com tudo. Ela

não vai deixar Henry desistir do legado Durham.

— Henry não faria isso!

— Não tenho tanta certeza. — Ela sorri. — Então fique tranquila, nunca achei de verdade que iria reconquistar Henry. E já percebi que nunca daríamos certo. Só aceitei o pedido de Margareth movida por certo orgulho. Queria ver se ele sentia algo por mim ainda. Mas ele já estava apaixonado por você e nem me notou. Nossa história ficou no passado.

— Mas continuou por aqui, me provocando! Pensa que não percebi?
Ela ri.

— Foi divertido. Só isso. Enfim... Eu preciso ir. Não virei à festa hoje à noite. Acho que já deu de diversão pra mim.

Depois que Sienna se afasta, corro para o castelo, à procura de Henry. Já está anoitecendo e em breve tenho que ir me arrumar para a festa, mas antes quero falar com ele.

Encontro Carson na escada, carregando um vaso de flores.

— Ei, Carson, sabe onde está o Henry?

— Ele está em seus aposentos, senhorita.

— Obrigada, Carson!

Avanço apressada pelo corredor. A conversa com Sienna me deixou animada. Não posso negar que a presença da ex de Henry, que mais parecia uma modelo, me deixava um tanto insegura.

Porém, quando chego à porta do quarto de Henry, paro ao ouvir a voz irada da duquesa.

— Acha mesmo que vou dar uma tiara de família para aquela garota usar?

Ai merda, está falando de mim?

— Aquela garota tem nome! — Henry grita no mesmo tom.

— Isso é um desaforo! E não gostei nada de ela dormir aqui, quais foram minhas ordens?

— Ordens ridículas! Não estamos no século passado e Sienna dormia aqui sem problema algum!

— Sienna era sua noiva, era diferente! Essa garota é só sua amante! Uma menina sem estirpe, sem nome!

— Pare, não continue...

— Sabe que tenho razão! Pode se divertir com garotas como Sophia,

mas se casará com uma como Sienna um dia! Entendo que não a queira mais, e isso é culpa do seu primo usurpador! Que só a seduziu porque tem inveja de você!

— Não fale como se Sienna fosse uma inocente.

— Pelo menos ela é como nós! É uma legítima descendente da casa de York!

— Isso é ridículo! É por isso que fui embora, estava de saco cheio desse seu papo esnobe e sem sentido algum! Minha vida não vai ser regida pelo o que você quer!

— Não é o que eu quero! É o que nasceu para ser! E vai colocar suas obrigações com o legado Cavendish quer queira quer não! Como todos antes de você, como seu pai!

— Não fale do meu pai!

— Você o matou com sua imaturidade!

— Cale a boca!

Meu Deus! Coloco a mão na boca horrorizada com o tom da discussão. Nunca vi Henry tão furioso.

— Meu pai deve ter morrido por ter que conviver com alguém como você! Uma pessoa fria, sem sentimento! Meu pai era infeliz com você!

Então escuto um tapa.

E mesmo sem olhar, sei que a duquesa acabou de agredir Henry.

Minha nossa, será que devo entrar?

Escuto passos e, com medo de ser pega espiando, corro pelo corredor até chegar a uma sala que nunca estive antes.

Paro, respirando com dificuldade e atordoada.

— Ei, viu um fantasma?

Hugh surge de trás de um dos sofás, segurando um livro.

— Não estou com humor para seu sarcasmo agora, Hugh.

Viro-me, para me afastar, mas Hugh segura meu braço.

— Solte-me. — Eu o empurro.

— O que foi? Antes éramos amigos. Henry ficou bravo porque foi comigo para Londres?

— Sim, ele ficou. E também me contou que você transou com a Sienna.

Hugh apenas esboça um sorriso.

— Parece que isso ainda magoa meu pobre primo.

— Como pôde? Ele é seu primo! É verdade que tem inveja dele? Por que ele tem ducado?

Hugh fica sério.

— Você não sabe de nada. Está aqui há cinco minutos, e pelo humor da minha tia aposto que vai embora rapidinho.

— Eu não vou embora.

Ele sorri cheio de sarcasmo de novo.

— Achou que tirou a sorte grande, não é? Fisgou um nobre rico. Um duque! Mas saiba que se Henry ficar mesmo aqui, você vai ter que ir embora.

— E você está louco para que ele vá, não? Quer ficar com tudo o que é dele!

Hugh não nega.

— Se ele não quer, se não sabe dar o devido valor a tudo isso, eu dou. Seus dedos acariciam meu braço.

— E diferente do meu primo, eu não tenho medo da duquesa. Que, aliás, já ficou demais com este título. Acho que precisamos de um rosto novo.

— Você é nojento.

— Se eu fosse você se esforçaria para me ter em alta conta. Eu vou ser o próximo duque. E sei que está louca para ser duquesa.

Antes que eu possa esboçar minha repulsa, Henry entra na sala, nos surpreendendo.

Hugh sorri, tendo o bom senso de soltar meu braço.

— Ei primo, não parece nada bem...

Henry não diz nada, mas com poucas passadas, ele avança sobre a sala e esmurra Hugh que cai para trás com um baque.

Putá merda!

Grito, colocando a mão na boca, assustada.

Henry segura minha mão, e me puxa para fora.

— Henry... Não fique bravo comigo, eu estava dizendo a Hugh que ele é um nojento e...

— Não é com você que estou bravo — ele rosna.

E então percebo que estamos indo para meu quarto.

Ele fecha a porta atrás de nós quando entramos.

Eu o encaro, assustada e confusa.

Devo dizer que ouvi a briga?

— Sophia, precisa arrumar suas coisas — ele diz muito sério.

— O... quê?

Meu Deus, será que a duquesa o tinha vencido?

Hugh tinha razão, e Henry estava me mandando embora do castelo?

— Eu vou embora?

— Sim. E eu também. E desta vez é pra sempre.

Capítulo 9

Sophia

Por um momento, acho que ouvi errado.

— O quê?

Henry segura minhas mãos e me faz sentar na cama.

Seu olhar é pura tormenta.

— Vou voltar para Notting Hill.

— Mas... Não pode. É o duque.

— Eu não quero ser...

— Aqui é sua casa, Henry!

— Minha casa é em Notting Hill — ele diz isso com um olhar derrotado. Mas percebo certeza.

Uma lágrima despenca dos meus olhos sem que consiga evitar.

Henry não pode estar falando sério.

Ele não pode abdicar de tudo!

— Como pode fazer isso? É sua família. Sua casa, mesmo que tenha alguns problemas aqui...

— Sophia, não são só alguns problemas. É tudo. Eu não sou feliz aqui. Não fui antes e não seria agora. E você veria isso se ficasse aqui comigo.

De repente uma desconfiança toma forma em minha mente.

— Não está fazendo isso por causa da briga com sua mãe, não é? Pelo o que ela disse sobre mim?

— Você ouviu?

— Desculpa, mas ouvi. Foi sem querer. Eu percebi que sua mãe me odeia, não me acha digna de você...

Ele segura meu rosto.

— Você é melhor do que qualquer pessoa aqui. E é por causa de merdas como essas que eu odeio Durham.

— Então é mesmo por minha causa...

— Não, não é. Mesmo que não estivesse aqui, chegaria o momento em que não aguentaria mais. Eu juro que tentei. Sabia que um dia teria que

voltar, que é minha herança, mas...

— Vai abrir mão de tudo?

— Não me interessa nem um pouco.

— Como pode, Henry? Vai deixar Hugh ficar com o que é seu?

— Nunca foi meu. Não é meu porque não quero. E se Hugh quer, que faça bom proveito.

Meu Deus, ele está mesmo falando sério.

— Então já tomou sua decisão?

— Sim, já tomei. Nós vamos embora agora. Arrume suas coisas.

— Mas o baile...

— Foda-se essa merda. Não quero ficar mais nem um minuto aqui. Quero voltar pra Notting Hill. Quero ser apenas Henry Cavendish, o fotógrafo sem eira nem beira. Que é livre para fazer o que bem entender. Só quero... ficar com você.

Ele sorri e por um momento sou tomada por sentimentos conflitantes.

Quero dizer que tudo bem. Que se é isso que vai fazê-lo feliz, que mande sua mãe esnobe e Durham se foder.

Mas também quero sacudi-lo. E gritar que não pode jogar fora tudo o que qualquer um daria um rim pra ter.

Que eu daria um rim pra ter.

E então eu entendo, com um pesar enorme no coração, que Henry não está somente desistindo de ser um duque.

Ele está destruindo o meu sonho de ser duquesa.

De repente, as palavras de Hugh se insinuam em minha mente como uma cobra cuspiendo veneno.

“Se eu fosse você se esforçaria para me ter em alta conta. Eu vou ser o próximo duque. E sei que está louca para ser duquesa.”

Mas eu as rechaço com nojo.

Hugh pode ter razão, e talvez fosse mesmo se transformar no Duque de Durham. Mas ele não é o Henry.

E por mais que eu ame a ideia de ser quase uma duquesa.

Eu amo Henry mais.

— Tudo bem. Vamos embora. Vamos voltar a Notting Hill.

Partimos de Durham ainda naquela noite, enquanto o castelo se enche

de luz e brilho para a festa de boas-vindas ao duque, que agora foge por um portão lateral sem olhar para trás.

Mas eu me permito olhar e chorar por tudo o que estive tão próxima de ter. A vida que sempre sonhei entre aqueles que admirei desde criança.

Havia trocado meu sonho com o Príncipe Harry por algo que eu considerava muito mais luminoso: o amor de um duque.

Mas agora teria que me contentar com o amor de um simples fotógrafo.

— Vai ser feliz assim? — a Senhora Crawford me pergunta naquela noite, quando bato na sua porta, para devolver os vestidos. — Sem seu conto de fadas entre a nobreza?

Havíamos acabado de chegar a Notting Hill e Henry ainda estava quieto e melancólico, enquanto subia com as nossas malas e anunciava com desânimo que ia tomar um banho.

E saquei que ele queria ficar sozinho. Então bati na porta da Senhora Crawford e lhe contei todo meu infortúnio.

— Acho que não tenho escolha — respondo tristonha, alisando os pelos de Harry, o gato.

— Nós sempre temos escolhas, minha querida. E você me pareceu uma garota que corre atrás do que quer.

— Mas Henry não quer o que eu quero. Não há nada a fazer.

Ela sorri e bate na minha mão.

— Eu tenho certeza que uma garota como você vai achar um jeito de seguir seus sonhos.

A Senhora Crawford, ao que parece era uma otimista, penso, voltando à casa de Henry.

Subo as escadas e o encontro deitado olhando o teto.

Sinto meu coração apertado no peito. Não deve ser nada fácil estar na pele de Henry agora.

Deito-me ao seu lado, abraçando-o e enterrando meu rosto em seu pescoço.

— Eu sinto muito — murmuro.

Seus braços me envolvem.

— Acha que sou maluco de desistir de tudo? De virar as costas a minha herança?

Eu o encaro.

Quero dizer que sim.

Mas sei que não posso. Henry precisa do meu apoio agora.

— Acho que merece ser feliz do jeito que bem quiser.

— Vai ser feliz comigo aqui?

Engulo em seco ao ouvir a mesma pergunta da Senhora Crawford.

— Sophia? — ele interpreta meu silêncio. E acho que Henry me conhece bem demais.

— Acha que ia ser mais feliz escolhendo o Harry? — Há um pouco de ironia em sua voz. Mas também há divertimento.

Ele sabe a resposta também.

Ele sabe que sou louca por ele.

Abro um sorriso.

— Talvez sim... Mas quem pode saber? A beleza da vida é justamente essa, a incerteza. Não tem como saber se seremos felizes ou não. Se eu seria mais feliz fazendo outras escolhas. A única coisa que eu sei é que sou apaixonada por você, Henry Cavendish. Duque ou não.

Ele sorri de volta.

— Eu te amo, Sophia.

— Eu sei. — Deito a cabeça em seu peito, e fecho os olhos.

Querendo que isso baste.

Que todo o amor de Henry preencha aquele velho vazio no meu peito.

E que a gente seja mesmo felizes juntos.

Acordo no dia seguinte com Harry me atormentando.

Sorrio, me espreguiçando.

Henry ainda dorme um sono pesado ao meu lado e me levanto, pegando Harry e saindo do quarto sem fazer barulho para não acordar Henry.

Desço para a cozinha, ligo a cafeteira.

Coloco Adele pra tocar.

Alimento Harry.

Suspiro, olhando em volta.

É como nos velhos tempos.

Não posso negar que há certa paz de estar ali. De reconhecer que ali é mesmo um lar pra mim.

Mas ainda assim, continuo lamentando perder Durham.

Não que eu tivesse sido feliz lá, porque, vamos combinar: não foi nada legal.

Mas havia tantas possibilidades...

Poxa, estive tão perto de realizar um sonho e agora...

— Porra, Adele a essa hora?

Viro-me para ver Henry parado na porta da cozinha vestindo apenas uma calça de pijama.

Os cabelos bagunçados e os olhos pesados de sono.

Harry mia e se esfrega em sua perna.

— E este gato voltou?

Começo a rir sem conseguir me conter e Henry me encara como se eu fosse louca?

— O que foi?

— Você. Seu mau humor matinal. Notting Hill. Harry. Adele. Isso é tão nós que chega a ser engraçado.

— Puta merda, Sophia — ele resmunga, mas no minuto seguinte, está avançando sobre mim, me erguendo no balcão e me beijando com vontade.

Derreto como sempre.

Eu sou um clichê quando Henry me agarra assim.

— Isso é um bom dia? — murmuro divertida quando sua boca deixa a minha para trilhar um caminho quente por meu pescoço, suas mãos apertando minha bunda.

— Sempre quis fazer isso quando descia aqui, depois de ser acordado por essa música infernal. E você estava aqui, sorrindo. Porra, sorrindo!

Engancho minhas pernas em volta de sua cintura enquanto ele me leva escada acima.

— Desculpa por te atormentar.

— Duvido que sinta muito. Sempre achei que fosse um plano de sua mente maluca para me fazer refém.

Eu estou gargalhando quando ele me solta sobre a cama, se afastando para tirar a calça e, ai meu Deus... Ele é tão gostoso.

Perco o ar e o prumo por alguns instantes, quando ele desliza um preservativo por sua ereção. Minha boca seca e meu coração disparado no peito. Henry rouba todo o ar a minha volta quando vem pra cima de mim de novo, arrancando minha camiseta e minha calcinha no processo e mergulhando dentro de mim sem demora.

— Nada de preliminares? — reclamo com um gemido delicioso ao sentir meus músculos internos o acomodando.

Como se eu precisasse de preliminar. Eu estava salivando — e não era pela boca — desde que Henry me beijou na cozinha.

— Faremos rápido agora e devagar depois. — Ele sorri, investindo os quadris com destreza contra os meus e apenas consigo concordar com a cabeça, fechando os olhos e deixando que ele fizesse do jeito que quisesse.

Era sempre perfeito.

E quando termina ele me encara, suado e lindo.

— Bom dia?

— Bom dia. — Sorrio o beijando.

E caramba, estou muito feliz.

Quem precisa de realza quando se tem um cara desses para nos foder no café da manhã?

Eu só quero que isso dure.

De preferência pra sempre.

Seis meses depois, ainda está durando.

Sim, eu tive fortes dúvidas quando Henry me trouxe de volta pra Notting Hill. Confesso que não achei nem um pouco justo ser privada do meu final feliz digno de conto de fadas.

Achei que Henry talvez mudasse de ideia. Que decidisse voltar para Durham. Mas isso nunca aconteceu.

E a vida seguiu ali em Notting Hill como antes.

Henry voltou a fotografar e eu voltei a ser sua assistente. A diferença era que agora a gente transava feito coelhos entre uma sessão e outra.

Isso era algo que fazíamos muito, devo dizer.

E não estou reclamando. Henry era incrível e seis meses namorando com ele me fez esquecer qualquer experiência meia boca com meu ex-escroto Jack.

— Por que está rindo? — ele pergunta enquanto estaciono o carro em Wimbledon em frente à casa dos Morgan.

Pego o presente de Bella, a filhinha do casal que hoje faz quatro anos.

— Nada, apenas pensando em como você me faz feliz.

Ele sorri de volta e antes que eu saia do carro, me puxa pelos cabelos

e me beija com vontade.

— Se não tivéssemos uma festa de criança agora, eu te mostraria exatamente como me faz feliz.

— Não seja pervertido! — Rio, saindo do carro.

Henry segura minha mão e seguimos pelo jardim.

Uma festa está acontecendo no fundo da casa dos Morgan, com crianças correndo pelo gramado.

Henry está com sua câmera, já que foi encarregado das fotos.

— Minha nossa, quanta criança — ele sussurra meio assustado.

— Está com medo de uns pirralhinhos, Henry?

— São muitos deles...

— É, é meio assustador mesmo.

— Tio Henry! — Bella vem correndo em nossa direção e Henry a ergue no ar.

Ela é definitivamente apaixonada por ele.

E como culpá-la?

— Como você está linda! — Henry lhe dá um beijo estalado e a põe no chão.

A festa de Bella como não podia deixar de ser tinha como tema as princesas e a própria aniversariante vestia um lindo vestido rosa de realeza.

— Olha seu presente! — Eu lhe estendo a caixa. — Não mereço um beijo também?

— Obrigada, tia Sophia.

Ela me abraça e sai correndo para dar o presente a sua mãe, Peggy, que acena pra gente de longe, ocupada carregando uma grande tigela do que parece ser pirulitos.

— Ei, chegaram — John, o marido de Peggy, nos cumprimenta. — Aqui está uma bagunça como podem ver.

— Estou percebendo — Henry murmura pegando a cerveja que John lhe passa.

— Henry está com medo das crianças — provoco e John ri.

— Eu teria medo também. Cuido de dois e daqui a pouco será três e já estou com vários cabelos brancos.

— De quanto tempo Peggy está mesmo? — indago.

Peggy estava grávida de novo, agora do terceiro filho.

— Três meses.

— Bem, eu vou fazer meu trabalho. — Henry bebe o resto da cerveja e pega a máquina fotográfica, se afastando. — Vamos enfrentar os monstros...

— Vou ver se Peggy precisa de ajuda.

Entro na cozinha e ela está decorando um bolo com confeitos.

— Oi Peggy, precisa de ajuda?

— Está tudo sob controle.

— Onde está Peter? — Eu me refiro ao segundo filho do casal, que agora tinha pouco mais de um aninho.

— Está tirando uma soneca. E aí, como está?

— Ótima, e você? John me disse que entrou no terceiro mês?

— Sim, e graças a Deus os enjoos acabaram.

— Deve ser fácil pra você agora. Já é a terceira vez.

— Cada vez é uma coisa diferente, acredite! E cadê o Henry?

— Foi tirar as fotos, claro. Ele está meio assustado com esse monte de criança!

Ela ri indo para o jardim com o bolo e eu a sigo.

— Pobre Henry.

Avistamos Henry no pula-pula montado mais à frente, tentando tirar foto enquanto um bebê de uns dois anos pula em cima dele e uma garotinha do mesmo tamanho tenta tirar a máquina de sua mão.

Não consigo parar o riso até que ele sai do pula-pula com um olhar assustado de quem foi atacado por zumbis assassinos.

— Meu Deus, Henry! — Continuo rindo e ele me fuzila com o olhar.

— Não é engraçado. Oi Peggy. — Ele a abraça.

— Desculpe-me fazer você passar por isso. Mas eu mesma já não estou aguentando essa gritaria. Já vamos cantar parabéns.

— Ótimo! — Ele respira, aliviado, e John sai da casa segurando Peter, que deve ter acordado de sua soneca.

— Amor, já vamos cantar parabéns. Vou buscar Bella, pode reunir as crianças em volta da mesa? — Peggy diz.

— Claro. Podem ficar com Peter?

Henry se adianta, pegando o garotinho ainda sonolento.

— Você não tem medo do Peter — observo.

— É um só.

— John e Peggy vão ter mais um. É corajoso, né?

— Contanto que eles não tenham um monte como essa amostra grátis aqui. — Ele ri apontando para a criançada que agora se acotovela ao lado da mesa do bolo.

E eu fico observando Henry com Peter. O jeito que ele é carinhoso com a criança e me pergunto como Henry seria como pai.

Quer dizer, acho que ele seria incrível.

A pergunta é se eu seria uma boa mãe.

Opa, que pensamentos malucos são esses?

Eu e Henry estamos juntos efetivamente há menos de seis meses. E apesar de morarmos juntos, Henry nunca deu a entender que pretendia algo mais.

Devo dizer que, quando me levou para Durham, achei mesmo que fosse me propor este algo mais. Afinal, estava ansiosa para ser uma duquesa.

Mas depois eu apenas me contentei em estar com ele, dia após dia, sentindo nossa relação crescer e se solidificar.

Mas estamos firmes agora.

E para onde estamos indo?

Será que a tal liberdade que Henry preza tanto combina com um casamento?

E é isso que eu quero?

Algo como o que os Morgan têm, com bebês e tudo?

Ah caramba. Acho que eu quero.

— Sophia, está no mundo da lua — Henry me chama e eu volto à realidade.

— Oh desculpe.

— Segure o Peter pra mim, tenho que tirar as fotos.

— Claro.

Pego o bebê no meu colo e sorrio, quando ele se aconchega em mim.

Poxa, é bem gostoso.

Acho que posso fazer isso em breve, por que não?

“Posso ser a mãe do próximo Duque de Durham.”, uma voz insidiosa se insinua sem ser convidada dentro de mim e eu me assusto.

Que merda, preciso parar de pensar em Henry nesses termos.

Ele não é mais o Duque de Durham. Quer dizer, ainda era, já que, ao que eu saiba, o título ainda é dele. Não sei o que anda rolando lá no castelo, se Hugh já acionou advogados ou algo assim, mas por enquanto acho que, na

teoria, Henry ainda é um duque relutante.

Voltamos para casa naquela noite e eu tento esquecer aqueles pensamentos bobos sobre casamentos, bebês e afins.

E, sobretudo, tento esquecer que Henry podia ser um duque se parasse de ser tão teimoso.

Mas na tarde seguinte, estou caminhando pela Portobello Road quando paro em frente a uma banca de revista e uma matéria da OK Magazine me chama a atenção.

É uma revista especial sobre o casamento da Princesa Eugenie, filha do Príncipe Edward, prima do Harry.

Suspiro, pegando a revista sem resistir. Se Henry ainda fosse um duque como tem que ser, ele podia ter me levado a este casamento como me levou ao casamento do Harry.

— Isso não é nada justo — sussurro.

— A vida nem é justa, minha cara.

Viro-me assustada com a voz aristocrática e quase caio para trás ao ver a mãe de Henry parada na calçada.

— Duquesa?

Ela veste um casaco de pele maravilhoso e está impecável como sempre. Quase me dá vontade de fazer uma reverência.

— Olá, Sophia.

— O que... O que faz aqui?

Será que ela veio tentar arrastar Henry de volta a Durham?

Por um momento, acho que seria uma ótima ideia, mas me recordo da briga terrível que ouvi dos dois e as merdas que ela tinha dito de mim.

— Se veio atrás do Henry, perdeu seu tempo. Ele não quer falar com você! — esbravejo. Bem, eu não sei se Henry quer ou não falar com a mãe, porque nunca mais tínhamos tocado no nome dela.

— Eu sei. Mas não vim procurar Henry. Vim falar com você.

— Eu?

— Sim, pode me acompanhar? Para um chá?

Eu a encaro, desconfiada.

Como assim a duquesa quer falar comigo?

Será que ela vai me levar para tomar um chá onde serei assassinada

com cianureto?

— Por que ia querer falar comigo?

— Temos assunto a tratar. Acho que é do seu interesse, inclusive.

Ela aponta para um carro preto parado no meio-fio, com um motorista uniformizado abrindo a porta traseira.

Ai caramba, é serio.

Eu sei que devo mandar a duquesa esnobe para a puta que pariu.

Porém, não resisto à curiosidade.

— Tudo bem.

Entro no carro e a duquesa entra em seguida.

— Para Mayfair — ela ordena ao motorista e o carro desliza silenciosamente pelas ruas de Notting Hill.

E ainda estou com medo de estar indo a uma emboscada quando o carro para em frente a uma linda mansão.

O motorista abre a porta e salto seguida pela duquesa.

Admiro a casa vitoriana na minha frente, enquanto a duquesa segue para a entrada e um criado uniformizado, bem parecido com Carson, abre a porta.

— Duquesa. — Ele faz uma reverência.

— Collerman, nos sirva o chá no escritório. — Ela retira as luvas e dá para o mordomo, seguindo em frente.

Praticamente corro atrás dela, meu olhar é deslumbrado pela casa elegante enquanto avançamos por um corredor até um escritório.

Há estantes do chão ao teto, cheias de livros, e uma janela que dá para um jardim de inverno.

A duquesa se senta em uma poltrona e faz sinal para eu fazer o mesmo. Há uma mesa entre nós.

— Onde estamos?

— Na nossa casa, em Mayfair.

Ah, acho que Henry comentou uma vez que a família tinha uma casa na cidade.

— Uau, é linda.

— Acabou de passar por uma grande reforma.

Uma criada entra na sala com um carrinho de chá.

— Deixe que eu sirvo. — A duquesa a dispensa com um aceno e a mulher sai silenciosamente fechando a porta atrás de si.

— Leite? — ela pergunta servindo o chá para mim.

— Não, obrigada — respondo ainda ressabiada — Por que estou aqui?

A mulher acaba de servir seu chá e toma um gole, então pega sua bolsa. Tira de lá um estojo de veludo e coloca entre nós na mesa.

— Isso é para você.

Como é?

Pego o estojo e o abro. E meus olhos se arregalam ao reconhecer a tiara pela qual eu tinha me apaixonado no castelo.

— É a tiara...

— Sim, a joia mais rara e cara do legado Cavendish. Um presente para uma duquesa.

— Não estou entendendo...

— Você a quer?

— Como assim? Você quer me dar essa joia?

— Essa joia pode ser sua sob uma condição. Convença Henry a voltar a Durham.

— O quê?

— Você ouviu. Somente você será capaz de convencê-lo. Se fizer isso, essa tiara é sua. E claro, será uma duquesa um dia. Com minha benção.

Putá merda!

Capítulo 10

Sophia

— Você só pode estar de brincadeira! — exclamo com horror.

A duquesa é louca ou o quê?

— Não estou brincando. — A mulher permanece séria. Como se não tivesse jogado uma bomba em meu colo.

— Deixa ver se entendi. A senhora me insultou de todas as maneiras lá em Durham. Agora está aqui, dizendo que posso ter sua bênção para ser duquesa, mas com a condição de convencer Henry a voltar?

— Sim, é exatamente o que ouviu — responde impassível.

Minha nossa, ela não está brincando!

Respiro fundo, tentando achar algum sentido naquela reviravolta.

— Sei que é inesperado — a mulher continua —, mas estou desesperada.

— A senhora? Desesperada?

— Sim! Meu único filho, o herdeiro do legado Durham, está jogando toda sua herança pela janela! Ou pior: jogando no colo interesseiro de Hugh!

— Olha, eu já saquei que o Hugh não é grande coisa, mas ele é da família. E se o Henry não quer mais ser duque...

— Ele tem que querer! Achei que você entenderia.

— Por quê?

— Porque eu reconheço você. É exatamente como eu era com a sua idade. Sedenta por algo extraordinário. Somos muito parecidas.

— Eu acho que não... — Até parece que eu tenho algo em comum com aquela megera.

— Assim como você, eu nasci numa família comum. Mas sabia onde queria chegar. E conhecer o pai do Henry e virar duquesa foi a realização de um sonho. Tenho certeza que você sentiu o mesmo quando estava em Durham. Eu vi em seus olhos quando olhou para essa tiara. Estou vendo agora.

— Não, você está enganada. Confesso que sempre quis ser de uma família nobre. Queria um conto de fadas e cheguei a sonhar anos com o

Príncipe Harry.

Ela sorri com indulgência.

— Bastante ambiciosa devo dizer.

— Mas eu me apaixonei pelo Henry. E mesmo se ele fosse um Zé Ninguém eu continuaria o amando. Fiquei triste quando ele desistiu do ducado sim. Porque achei mesmo que era a realização de um sonho. Mas Henry não quer ser duque. Ele quer ficar aqui, então é onde vou ficar. Ao lado dele.

— Você não entende do que Henry está abrindo mão?

— Claro que entendo e não vou mentir que preferiria que ele não abrisse. Mas não posso obrigá-lo!

— Não vai obrigá-lo. Vai convencê-lo.

— A senhora está apostando muito em mim. Henry está decidido.

— Henry está com medo! Ele não quer ser comparado ao pai, que foi um duque excelente. Ele não entende que, como duque, pode fazer o que bem entender. Só que há responsabilidades, assim como qualquer trabalho que fazemos. A vida exige sacrifício de todos nós. E Henry herdou muitas obrigações, mas também muitos privilégios. Ele não pode jogar tudo fora! Não vou permitir.

— Acho que não é a senhora quem decide.

— Eu sei disso. Por isso vim pedir sua ajuda. Henry vai ouvir você.

— Então agora a senhora me aceita na vida de Henry? Achei que me odiasse. Disse a Henry que ele podia só se divertir com garotas como eu!

— Sinto muito se disse isso. Eu estava errada. E nem achei que ele gostasse de você de verdade. Mas o que o fez desistir de vez de Durham foi exatamente o fato de eu não a aceitar. Eu não a odeio. Apenas achei que não era a melhor opção. E acabei percebendo que tínhamos muito em comum. Além do mais, Henry a ama. E por isso você é minha última esperança.

— Olha, mais do que ninguém eu queria que Henry considerasse, mas não acho que tenho este poder.

— Você tem. Por favor, me ajude.

Acaricio a tiara sobre a mesa, tentando assimilar a proposta da duquesa.

Claro que eu queria aquela tiara. E tudo o que significava tê-la.

Assim como eu queria Henry.

Mas fui sincera com a duquesa, eu duvidava que tivesse este poder

para convencê-lo.

— Hugh já acionou os advogados — ela diz em um tom grave.

— Sêrio?

— Sim. Em breve Henry vai receber a notificação. Ele quer que Henry abra mão oficialmente do legado. E eu temo que Henry concorde.

— Isso seria tão triste.

— Não só triste. Seria uma catástrofe. Hugh é um perdulário, assim como seu pai. Ele já andou jogando aos quatro ventos que pretende vender todas as propriedades. Ele vai delapidar a herança Cavendish em pouco tempo. Não posso deixar que isso aconteça.

— A senhora já tentou falar com Henry?

— Ele não quer falar comigo, desde que deixou Durham. Lexi tentou também, mas ele não quer saber.

— Eu sinto muito. Eu queria mesmo ser capaz de ajudar... — Fecho o estojo, o empurrando para ela e me levanto.

A duquesa faz o mesmo, mas pega minha mão e recoloca a tiara sobre ela.

— É sua.

— Não!

— É um presente.

— Não pode me obrigar a fazer isso...

— Eu sei que ama meu filho e entende mais do que ninguém do que ele está abrindo mão. Então tudo que eu te peço é que tente.

— E se eu não conseguir?

Meu Deus, estou mesmo concordando com o plano da duquesa?

— Eu sei que vai.

— A senhora está confiando demais em mim, por quê?

— Eu sei que me viu com Carson.

— Sabe?

— Sim, Carson me disse que de alguma maneira você sabia. Eu achei que fosse usar isso contra mim. Que fosse entregar meu caso com o mordomo para meu filho. Mas você não o fez. Isso prova que é leal. Prova que não é vingativa e nem venenosa.

— Eu fiquei com medo de como Henry ia reagir, além do mais não é da minha conta.

— Muito obrigada por isso.

— Olha, eu vou fazer o possível, está bem? Ainda não sei como, mas prometo que vou tentar.

— Finalmente estão em casa! — Vovó me abraça quando saio do carro.

Já faz mais de um mês que eu e Henry não vamos à fazenda visitar minha família.

— Que bom ver você, vovó!

— E olha para você, como está bonito. — Vovó abraça Henry também.

Vovô e papai surgem nos cumprimentando e vamos todos para dentro.

— Achei que fossem aparecer só no Natal — papai comenta.

— Eu também, mas Henry disse que queria vir.

Henry havia sugerido há alguns dias que fôssemos visitar meu pai e meus avós.

— E achei uma boa ideia.

— Por quê? Não vão dizer que passarão o Natal com a família de Henry em vez de passar conosco? — vovô sugere.

A menção da família de Henry faz o clima ficar tenso. Ou melhor, Henry fica tenso e eu fico tensa porque ele fica tenso, digamos assim.

— Não, não há a menor possibilidade de irmos ficar com a minha família — Henry resmunga.

Vovó me lança um olhar curioso, mas não fala nada.

Depois que eu e Henry voltamos para Notting Hill, eu tinha contado a eles que estávamos namorando e também sobre o fato de Henry ser um duque.

— Menina, quer dizer que além de bonito ele também é nobre? — Vovó tinha ficado boquiaberta.

— Mas ele não quer a herança da família e muito menos ser duque.

— Como pode? — Papai, sempre pragmático tinha repudiado essas ideias de Henry. — Isso não está certo.

Já meu avô defendeu Henry.

— Deixa o menino! Ele quer ser livre. É uma escolha dele.

Agora fuzilo meu avô com o olhar, por ter citado a família de Henry sendo que ele sabe muito bem que é um assunto delicado.

— Vovó, quer ajuda com o jantar? — ofereço-me para ajudar.

— Pode cortar os morangos?

— Claro.

— Henry pode vir comigo dar uma volta? — papai chama e eu os sigo com o olhar, sem entender o que eles teriam para conversar.

Vovô vai assistir TV e vovó me fita curiosa.

— E aí, pelo visto seu namorado ainda não voltou a falar com a família.

— Não. E a senhora não sabe da maior. A mão dele me procurou.

— Não diga!

Conto à vovó toda a minha conversa com a duquesa, que ocorreu há um mês.

— Menina, mas isso é inesperado. E o que disse a ela.

— Eu hesitei, não concordei a princípio, mas... Ai vovó, eu acabei aceitando.

— Você ficou com a tiara?

— Não só fiquei com a tiara como disse a ela que vou tentar.

— E você tentou?

— Não! Não sei como abordar isso com Henry, ele ainda está com raiva da mãe e da família toda.

— Bem, acho que ele deveria fazer as pazes com a família. Independente de qualquer coisa é a mãe dele. E quanto à herança, é realmente um desperdício jogar tudo fora.

— Eu sei. Queria tanto que ele considerasse.

— Então vai mesmo tentar convencê-lo?

— Eu quero tentar.

— Então tente. Acho que a mãe dele tem razão e você é a única que pode convencê-lo, mas querida, deve ser sincera. Conte que a mãe dele a procurou. Conte que pediu que você o convencesse.

— Henry vai ficar furioso.

— Ele vai ficar mais furioso se descobrir de outra maneira.

— Mas talvez ele nunca precise saber.

— Menina, escute sua avó. Conte a ele, vai ser melhor.

— A senhora não conhece o Henry. Se eu contar, aí que ele não vai querer voltar nunca. Não, eu vou tentar convencê-lo de alguma maneira.

— Se prefere assim... mas me diga uma coisa, acha mesmo que o

melhor é ele ser um duque?

— Se ele não for, o primo vai herdar tudo e destruir o legado da família. Por isso a mãe dele está tão desesperada.

— Bem, eu não ligo para essa coisa de dinheiro, mas não posso negar que ele ajuda bastante. Quando o Henry nos ajudou...

— Espera. Henry ajudou em quê?

— Hum, acho que ainda não sabe?

— Sabe o quê?

— Querida, foi o Henry quem emprestou dinheiro para seu pai, para fazer todas as melhorias na fazenda.

— Eu não acredito! Como ninguém me contou isso?

— Na época o Henry pediu que não contasse. Achei que depois que começaram a namorar, ele tinha te falado sobre o assunto.

— Não, nunca falou!

Retiro o avental e vou atrás de Henry.

Ele está andando por entre as plantações de morango com meu pai.

— Henry, por que nunca me falou?

— Falou o quê? — Ele me encara confuso.

— Aliás, você também pai! — Aponto o dedo para meu pai. — O Henry emprestou dinheiro para você e não me contou nada!

— Achei que já soubesse — meu pai fala, olhando pra Henry —, não contou a ela?

Henry dá de ombros.

— Não achei que fosse relevante.

— Não era relevante? Vocês tinham que ter me contado!

— Bem, eu vou deixar vocês conversarem. — Meu pai se afasta e encaro Henry.

— Por que não me contou?

— Como eu disse, não era relevante.

— Mas você deu dinheiro pro meu pai!

— Foi um investimento. E deu certo, a fazenda está prosperando.

— E por que esconderam de mim?

— Isso não tem a menor importância agora, Sophia, não faça drama.

— Não sei se gosto de saber que deu dinheiro pra minha família...

— E daí? Eu tenho muito.

— Não vai ter por muito tempo, afinal, está dando as costas a sua

herança.

Ele fica sério e percebo que falei demais.

— Quer dizer... Desculpa, é só... — Respiro fundo. — Sei que não quer mais falar sobre isso, mas... às vezes eu penso que talvez esteja cometendo um erro, Henry.

— Sim, tem razão. Eu não quero falar sobre isso.

— Ok, certo. Me desculpe. Eu vou voltar a ajudar minha avó. — Dou meia-volta para me afastar, mas Henry segura meu braço.

— Ei, eu que tenho que pedir desculpas. Fui grosso com você.

— Não pode ficar desse jeito cada vez que tocamos no assunto da sua família.

— Eu sei. Ainda... ainda é confuso lidar com isso. Eu... — Ele segura minhas duas mãos. — Eu ia esperar para fazer isso depois do jantar, mas acho que talvez esse seja o momento perfeito.

— Fazer o quê?

— Sophia, eu nunca tive muitas certezas na minha vida. Nunca me senti feliz com o fato de terem decidido meu destino, mesmo antes de eu nascer, e relutei em ter coragem de romper com tudo e mesmo agora ainda sinto uma pontada de culpa de deixar tudo para trás.

Ai caramba. É agora. Eu posso aproveitar para dizer que conversei com sua mãe, que ainda dá tempo de ele voltar atrás, ele ainda pode decidir ser um duque.

— Você tem dúvida? Então...

— O que quero dizer, é que talvez essas dúvidas ainda persistam por muito tempo. Talvez eu nunca saiba se fiz o certo ou não...

“Não Henry. Você não está agindo certo! Você tem que ser um duque!”

Ele continua.

— Mas a única certeza que eu tenho é você.

— Ah Henry. — Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Então... — De repente ele solta minhas mãos e está se ajoelhando.

Ai meu Deus.

Com os olhos arregalados, eu o vejo tirar do bolso um anel.

— Sophia, quer se casar comigo?

Capítulo 11

Sophia

Por um momento meu coração para de bater.

O mundo inteiro desaparece enquanto Henry está ali, ajoelhado na minha frente, segurando um anel.

Me pedindo em casamento.

— Responde logo! — Escuto minha avó gritando e olho para minha casa, vendo que não só minha avó está ali esperando, como meu pai e vovô.

— Meu Deus, Henry... — murmuro, voltando minha atenção para ele.
— Claro que sim. Mil vezes sim!

Ele põe o anel no meu dedo e no minuto seguinte, está de pé, me puxando para perto e me beijando.

— Eu não acredito! — ainda murmuro atordoada quando ele me solta.

Meus olhos vão para o anel.

E por um momento, sinto um pouco de decepção.

Não é o anel de família. O anel que ele deu a Sienna.

Este anel é lindo. Mas é outro.

— Ei, o que foi, não gostou? — Henry interpreta minha expressão.
— Podemos escolher outro...

— Não, eu amei. — Apresso-me em dizer.

Vovó se aproxima e me abraça.

— Estou tão feliz por vocês.

Vovô me abraça também.

— Agora tem que marcar a data.

— Vovô, não tem tanta pressa assim!

— Sim, tem razão. — Papai me abraça. — Nada de casamento apressado. Não quero falatórios com a minha filha.

Rolo os olhos.

— Que exagero, papai. Mas concordo. Um casamento leva tempo para se organizar tudo.

Henry cinge meus ombros.

— Eu me casaria até agora.

— Nem pensar! Sempre sonhei com um casamento incrível.

“Com um príncipe, mas posso me contentar com um duque, quem sabe um casamento em Durham e...”

Interrompo a linha de pensamentos.

Não. Não posso ter essas esperanças.

Todavia, agora que Henry me propôs, talvez... Deixo meus dedos brincarem com o anel de noivado, me perguntando se haveria a possibilidade de Henry trocá-lo pelo anel da família...

— Vamos jantar! — vovó nos chama. — Hoje é um jantar de comemoração! Desencalhamos nossa Sophia!

— Vovó! — exclamo ofendida, mas no fundo não me importo.

Estou feliz.

Estou noiva!

Meus olhos ainda estão sobre meu anel quando chegamos em casa naquela noite.

— Não vai parar de olhar o anel? — Henry pergunta divertido, quando entramos em casa.

— Ainda parece surreal que me pediu em casamento! — Eu o abraço, feliz. — Desde quando está pretendendo isso? Eu não fazia ideia!

Ele me abraça de volta.

— Eu pretendo há muito tempo.

— Sêrio?

— Sim. Mas decidi no dia em que fez um ano que nos conhecemos.

— Jura que você lembra o dia?

— E depois são os homens que esquecem as datas importantes!

— Eu não esqueci.

— Mentirosa.

— Ok, talvez eu tenha me esquecido. Mas nunca mais vou esquecer essa data. — Eu o beijo.

De repente escutamos um miado e alguém roçando na nossa perna.

— Maldito gato! — Henry resmunga.

— Não fale assim do Harry! — Apanho o gato no chão. — Ele deve estar com fome. Vou alimentá-lo.

— Eu tenho que editar algumas fotos.

— Achei que a gente fosse transar. Pra comemorar e tudo o mais?
Ele ri.

— Isso é trabalho. Depois eu juro que transamos quantas vezes quiser.

— Ele me beija rapidamente e se afasta para seu escritório.

Coloco a comida de Harry e subo as escadas.

Ainda estou atordoada.

Estou noiva de Henry e mal posso acreditar.

Entro no meu antigo quarto, onde ainda ficam algumas das minhas coisas e abro a última gaveta da cômoda, tirando de lá uma caixa.

Henry ainda está no escritório, então acho que tenho um tempinho para fazer isso.

Sento-me em frente ao espelho e tiro a tiara da caixa. Como sempre, sinto meu coração batendo forte quando a pego e coloco em meus cabelos.

Ai caramba. Eu nasci para usá-la. Tenho certeza.

— Duquesa de Durham — sussurro para a imagem perfeita no espelho.

— Sophia, que diabos é isso?

Levanto-me de um pulo quando vejo a imagem de Henry através do espelho.

Ai merda.

— Isso é... a tiara Durham?

— É... — Minha nossa, como vou explicar isso?

Henry me estuda entre confuso e desconfiado.

— O que está fazendo com você?

Retiro a tiara da minha cabeça devagar, tentando achar uma resposta. Mas sei que não tem nada que possa inventar.

Terei que contar a verdade.

— Sua mãe me deu.

— Quando? Quando estávamos em Durham?

— Não. Há pouco mais de um mês...

A expressão de Henry se transforma de confusa para furiosa.

— Você se encontrou com a minha mãe?

— Não fique bravo, mas sim. Nos encontramos, quer dizer. Ela me encontrou e me levou até a casa de vocês aqui na cidade.

— E por que não me disse? — Sua voz está fria como o gelo.

— Eu ia contar, mas...

— Ia? E ia contar que ela te deu essa tiara, eu... não entendo porra nenhuma!

— Eu posso explicar. Ela me levou até sua casa, disse que queria falar comigo e me contou que Hugh está procurando os advogados para requerer o título.

— Que merda está dizendo?

— E ela estava apavorada e pediu que eu te convencesse a voltar.

— Ela pediu o quê?

— Ela quer que você volte. E você não quer mais falar com ela, por isso me procurou.

— E pediu que você me convencesse?

— Sim...

— E você aceitou? Espera... ela te deu essa tiara?

— Ela disse que a tiara seria minha se eu te convencesse — sussurro percebendo tarde demais que fiz um acordo com o diabo.

Posso ver a fúria se multiplicando no olhar de Henry.

— Porra Sophia! Não acredito nisso. — Ele anda de um lado para o outro, furioso como um tigre enjaulado.

— Henry, tem que entender. Ela tem razão.

Ele para me fitando enfurecido.

— Eu podia imaginar minha mãe não desistindo e fazendo o que fosse preciso, mas você? Você? De conluio com a minha mãe!

— Eu não queria, mas...

— Mas aceitou, não aceitou? — grita.

— Sim! Eu concordo com ela, não pode desistir!

— Achei que tivesse me apoiado! Achei que não se importasse mais com essa merda de querer ser da nobreza...

— Não tem nada a ver com meu sonho de ser da nobreza, tem a ver com você desistindo de algo que é seu! Da sua família!

— Tem a ver com a sua ambição e sua vontade de ser da merda da aristocracia!

Dou um passo atrás, sentindo-me atacada fisicamente com sua acusação.

— Não está sendo justo.

— Vai mentir pra mim? Eu devia saber que não tinha mudado! Se

desistiu do Harry foi porque tinha uma chance de ser duquesa...

— Não foi assim e sabe disso! Aceitei ficar com você antes de saber...

— Mas depois que soube achou que tinha tirado a sorte grande!

— Ok, quer saber, não vou mentir! Eu achei sim. Quis ser uma duquesa sim! E acho ridículo você desistir de ser um duque! Não vê o que está fazendo, Henry? Está fugindo das responsabilidades! Quer ficar brincando de plebeu e não encara a vida de verdade! Vai ficar em Notting Hill para sempre nesta vida medíocre?

— Medíocre?

— Você tem tudo! E pode fazer tanta coisa e não quer! Está com medo! Porque seu pai foi um ótimo duque, não quer se comparar a ele! — esbravejo.

— Meu Deus, Sophia, é isso que pensa? — Agora é ele quem dá um passo atrás com a força das minhas acusações.

Mas eu não quero recuar.

— Sinto muito, Henry, mas é verdade. E bem no fundo você sabe que tenho razão!

— Sabe o que percebi? Você nunca quis ficar aqui de verdade. Agora percebo que aquela sua expressão quando viu o anel era de decepção. Queria o anel da família.

— Sim, eu fiquei decepcionada — confesso. — Você é um duque. Como pode virar as costas a isso? Vai deixar seu primo acabar com tudo? Só porque tem medo? No fundo não passa de um menino rico mimado e rebelde que precisa crescer e perceber que a vida nem sempre é do jeito que a gente quer!

— É isso que pensa de mim? E sabe o que eu penso de você? Que é uma garota ambiciosa e obcecada pela realeza!

— Eu só estou falando essas coisas porque eu te amo...

— Ama nada! Ama a ideia de ser duquesa! Pois é melhor me devolver este anel e ir embora, porque nunca vai ser.

— O quê?

— Sim, vamos facilitar para você. Assim ainda dá tempo de correr atrás de um algum idiota da aristocracia, já que seu querido Príncipe Harry está fora de cogitação.

— Henry, não faz isso...

— Vai embora, Sophia. Se sou só um garoto rebelde e medroso pra

você, acho que errei muito em achar que podíamos ser felizes juntos. Você nunca vai ser feliz aqui comigo, a não ser que eu seja um duque como almeja, e isso eu não sou mais.

Ele sai do quarto, batendo a porta e eu fico ali, tremendo e sem acreditar no que acabou de acontecer.

Henry acabou de romper comigo.

Me mandou embora.

Sento-me na cama, soluçando.

O que vou fazer?

Por que lhe disse aquele monte de merda?

“Porque é o que você acha de verdade.”, uma voz sussurra dentro de mim.

Sim, eu achava que Henry estava errando feio em abrir mão de sua herança. E só queria que ele percebesse isso.

Agora acabou. Ele está furioso comigo.

“Será que não foi melhor assim? Será mesmo que estava satisfeita em abrir mão dos seus sonhos?”

Depois de um tempo chorando, finalmente minha mente começa a clarear.

Sim, eu amo a ideia de ser duquesa. Mas também amo Henry.

E fui sincera quando vim embora com ele. Tenho certeza que seríamos felizes juntos. Nós já éramos felizes.

Só que não achava justo ele abrir mão de um legado que podia se arrepender um dia.

Henry estava sendo imaturo e não percebia.

Levanto-me e arrumo minha mala.

Pego a tiara e a coloco no estojo junto ao anel de noivado.

Saio da casa de Henry sem olhar para trás, descendo Portobello Road pela última vez.

Não sei quantos passos dou, as lágrimas me cegam.

Sem aguentar mais, eu me sento na calçada, deixando os soluços romperem. Até que de repente um carro para no meio-fio.

Por um momento penso que é Henry.

Mas é Simon quem sai de dentro do carro e vem em minha direção.

— Simon?

— Oi. Mal dia?

Ele pega minha mala e me puxa pela mão, me colocando, ainda atordoada, dentro do carro. Senta-se no banco de motorista e dá partida.

— O que faz aqui?

— Henry pediu que te buscasse.

— Ele contou que rompemos?

— Contou sim. Que merda hein?

Começo a chorar de novo.

Simon apenas dirige em silêncio. Acredito que um cara pragmático como Simon não seja apreciador de lágrimas femininas.

Não faço ideia para onde ele está me levando, e também não presto atenção até que ele para em uma garagem subterrânea.

— Onde estamos? — fungo.

— Na minha casa.

— Não precisava ter me trazido pra sua casa... — murmuro, mas Simon já está pegando minha mala, dando a volta e abrindo a porta para mim e me puxando pra fora.

— E ia te levar pra onde neste estado?

— Desculpe-me. — Começo a chorar de novo e Simon rola os olhos me guiando até o elevador.

O apartamento de Simon é elegante e frio como ele.

— É bonito — sussurro tentando ser educada e gentil, mesmo com o rosto molhado e o nariz escorrendo.

— Você pode ficar com meu quarto. — Ele leva minha mala até um quarto bem masculino.

Eu o encaro com desconfiança.

— Você não está pensando que vou transar com você pra compensar a ajuda, não é?

— Pelo amor de Deus, ficou louca? — Ele parece ofendido.

— Só queria verificar... Afinal esse apartamento chique deve ter mais do que um quarto!

— Eles estão uma bagunça. Foram decorados faz pouco tempo, e a faxineira ainda não colocou lençóis e essas merdas.

— Não posso ficar com seu quarto.

— Não se preocupe. Eu vou trabalhar ainda por mais umas boas horas. E você precisa urgente de um banho e descansar, parece que vai cair a qualquer momento.

— Você estava trabalhando? Sinto muito por estar te atrapalhando.

— Eu que sinto muito por... essa briga entre você e Henry. Ele pareceu está muito mal também.

— Foi horrível. — Sinto o nó na garganta de novo e Simon parece querer fugir pela janela.

— Eu vou... voltar ao trabalho. Descanse.

— Obrigada por ir me resgatar.

— Não foi nada.

Ele sai do quarto e não posso deixar de me lembrar de quando Henry me resgatou na chuva, no dia em que nos conhecemos. Levando-me para sua casa e para sua vida.

E nada mais foi o mesmo.

Agora acabou.

Eu me enrosco na cama, chorando mais um pouco até adormecer.

Acordo no dia seguinte ainda me sentindo péssima, mas acho que não há mais lágrimas para chorar. Apenas uma imensa tristeza.

Era para eu estar feliz. Era para eu estar noiva.

E agora não sei o que vou fazer da minha vida sem Henry.

Tomo um banho no banheiro fino de Simon e me visto, indo para a cozinha.

Não há sinal de Simon e imagino que ele esteja dormindo. Coloco café para fazer na cafeteira e caminho pelo apartamento em busca de um aparelho de som. Preciso de Adele com urgência.

Encontro um escritório e arregalo os olhos ao ver uma estante lotada de vinil.

Será que tem Adele? Começo a fuçar sem querer e um deles escapa da capa e voa pela sala, indo ao chão.

— Que porra pensa que está fazendo?

Levanto a cabeça e um Simon furioso está entrando no escritório e apanhando o vinil do chão com todo cuidado, como se fosse uma criança ou sei lá.

— Desculpa. Caiu sem querer...

Simon me encara mais calmo, provavelmente depois de ver que não causei nenhum dano.

— Não teria caído se não tivesse mexido — resmunga tirando a capa

da minha mão e o guardando.

— Você tem uma boa coleção aqui.

— Sim, eu tenho. E não gosto que mexam.

— Ops, desculpa! — Sorrio.

Ele parece desconcertado, enquanto saímos do escritório, ou ele me põe pra fora, para ser mais exata e seguimos para a cozinha.

— Eu estava caçando um da Adele.

— Não tenho Adele.

— Que pena. Preciso mesmo de uma música de fossa agora.

Ele revira os olhos e pega o celular.

— Vamos achar algo aqui para você. — Conecta o celular às caixas de som e Adele começa a tocar na cozinha.

— Melhor agora. — Sorrio com tristeza, servindo uma xícara de café.

Noto que Simon está arrumado de terno e gravata, enquanto senta na bancada e abre o notebook.

— Está cedo para trabalhar, não?

— Eu acordo muito cedo para trabalhar.

— Você é tipo um *workaholic*?

— Apenas sou dedicado ao meu trabalho.

— Quer que eu faça panquecas?

— Se você quiser... — responde distraído e começo a mexer na cozinha pegando os ingredientes.

Enquanto faço as panquecas, fico observando Simon.

Ele é um cara bonito. Mas viciado em trabalho.

— Você não tem mesmo uma namorada? — indago curiosa.

Ele levanta a cabeça devagar.

— Não.

— Por que não?

— Não tenho tempo.

— Que resposta é essa? Todo mundo tem tempo!

— Eu saio com mulheres. Mas minha prioridade é minha carreira.

Não quero perder meu tempo com relacionamentos.

— Meu Deus, Simon, que frieza! E não sente falta de se apaixonar? Pegar garotas em *Pubs* não é o mesmo que ter alguém.

— Deus me livre ter alguém me atrapalhando e exigindo atenção!

— Aposto que nunca se apaixonou.

— Já me apaixonei sim.

— Quantas vezes?

Ele fica pensativo.

— Acho que quando era adolescente.

— Minha nossa! Então nunca teve um relacionamento longo?

— Tive uma namorada quando era adolescente. Ficamos juntos três anos.

— Isso faz tempo! Nunca vai querer se casar, por exemplo?

— Pra quê? Está parecendo minha família! Eles me torraram tanto a paciência que tive que arranjar uma noiva de mentira.

— O quê? Como assim?

As panquecas ficam prontas e coloco em um prato.

— Ela se chama Kate e estamos praticamente morando juntos. Tudo isso é uma mentira claro. Não existe nenhuma Kate, mas minha família acha que tem. Assim eles me deixaram em paz.

— Credo, Simon, isso é horrível!

— Apenas faço o que tem que ser feito.

— E como vai ser quando se apaixonar de verdade?

Ele ri.

— Não vou me apaixonar.

— Ah vai. E só porque você é tão arisco, vai se apaixonar por alguém que vai te deixar louco.

— Está rogando uma praga em mim?

— Pode apostar! Vai se apaixonar e a garota vai enlouquecer você! Sabe por quê? Vai ser seu castigo.

— Ainda bem que não é uma bruxa ou algo assim!

— Talvez eu seja! — Pisco, começando a comer.

A conversa boba com Simon, focada nele, me ajudou a esquecer o quão atolada em tristeza eu estou. Mas enquanto como, lembro de Henry. Lamento que o tenha perdido. Ainda é surreal pensar que acabou.

Mas no fundo eu sei que é definitivo.

De repente Simon percebe minha tristeza.

— Eu sinto muito por você e Henry. Pareciam felizes.

— E você nem acredita em final feliz!

— Não falei isso. Meus pais são casados e felizes. Meus irmãos também. Eu só não acho que seja pra mim. Mas você e Henry... imaginei que

fosse durar.

— Eu também. Mas acho que queremos coisas diferentes.

— Por que Henry não quer ser duque?

— Não é só isso, acho. Eu percebi que tem muito mais aí. Henry está perdido, está com medo de encarar as responsabilidades. Ele não pode ficar brincando de fotógrafo pra sempre, mesmo achando que é sério. Não é.

— Então acabou mesmo?

— Acho que sim. E... será que pode me levar à estação? Vou pegar um trem para Weybridge.

— Eu te levo a Weybridge.

— Não tem que trabalhar?

— Hoje é festa de confraternização da empresa. Todos vão estar só enrolando.

— Duvido que você enrole.

— Não mesmo. Mas posso tirar umas horas para levá-la.

De repente o interfone toca nos interrompendo e Simon atende e me encara sério quando dá autorização para alguém subir.

— É o Henry.

Na hora o riso morre em meu rosto.

Meu coração se aperta. Quero vê-lo e ao mesmo tempo não quero.

— Fique calma. Acho que ele só veio ver se está tudo bem.

— Ele podia não ter me colocado para fora da casa dele ontem — resmungo, perdendo a fome.

A campainha toca e Simon abre a porta.

Henry está péssimo e isso me deixa mal.

Tenho vontade de abraçá-lo.

Nós nos encaramos por alguns instantes.

— Vocês precisam conversar. Eu vou acabar de me arrumar.

Simon desaparece corredor adentro.

— Sinto muito — Henry diz por fim.

Eu o encaro, tentando não chorar.

Vejo a dor no seu olhar.

Vejo que está tão confuso quanto eu.

— Eu sinto mais.

— Não queria que acabasse assim... Mas acho que não ia dar certo, Sophia. A briga que tivemos... as coisas que dissemos... acho que percebemos

que talvez não sejamos feitos um para o outro.

— Acha mesmo?

— Você quer ser da nobreza. É seu sonho. Não é justo eu tirar isso de você.

— Henry, você é meu sonho. Mas tem razão. Acho que não é justo para nenhum de nós se ficarmos juntos neste momento. Você está perdido, sei que não vê isso agora, mas vai ter que se achar. Diz que não quer o legado Durham, mas não vi até agora você abrir mão de verdade. Fica em Notting Hill, fugindo de sua mãe, com quem tem vários problemas. Talvez o problema maior não seja Durham e nem o ducado e nem o dinheiro, os castelos e os cavalos, o problema seja você não saber quem é. E não quero ficar com alguém assim. Porque eu sei quem eu sou e o que eu quero ser. Mas você não faz ideia. Então se decida. Se não quer Durham, assumo isso e abra mão de vez.

— Então isso é mesmo um adeus?

— É sim. — Consigo dizer isso com a voz firme.

Henry sacode a cabeça, as mãos no bolso. Parece miserável.

— Certo. O que vai fazer agora?

— Vou para Weybridge. Simon vai me levar.

— Tudo bem. Adeus, Sophia.

Ele se vira e quando está na porta, eu não resisto em dizer.

— E eu fui feliz com você, lá em Notting Hill. Seria feliz em qualquer lugar com você. Em um castelo ou em um casebre. Adeus.

Ele fecha a porta atrás de si.

E eu me permito chorar de novo.

Acho que agora é o fim mesmo.

Capítulo 12

Henry

— Henry, que bom que você veio. — Mila, a irmã de Simon, me abraça quando saio do carro, mas não demora para que seu olhar recaia criticamente sobre meus trajes nada apropriados para uma festança chique dos Bennett. — Que diabo de roupas são essas?

Eu rio com vontade.

— Esqueci o *smoking*. — Não é de todo uma verdade. Eu só não estava a fim de pôr um *smoking* mesmo. Na verdade, nem estava nos meus planos ir à festa dos Bennett, mas Lexi apareceu para tomar café da manhã e disse que recebeu o convite na nossa casa de Londres.

— Sua casa — eu tinha resmungando de mau humor.

Na verdade mau humor era meu estado de todos os dias ultimamente.

— Ainda é sua casa, já que ainda é duque. Embora relutante!

— De novo esse assunto?

— Sério, Henry. Quando vai decidir? Hugh está mesmo achando que já é duque! Mamãe está apavorada, porque todo dia ele diz que está se reunindo com advogados! E que você vai ter que tomar logo a decisão.

Cruzo os braços, irritado.

Se aquele assunto me irritava antes, depois da briga com Sophia me irritava muito mais, porque suas palavras não saíam da minha cabeça e me atormentavam constantemente.

Desde que ela tinha ido embora, eu só trabalhava direto, tentando esquecer. Tentando convencer a mim mesmo que fora a melhor decisão.

No fundo, Sophia não era uma menina inocente. Ela era ardilosa e ambiciosa e tinha compactuado com a minha mãe para que eu voltasse a Durham e ela pudesse ser duquesa, como tinha sonhado.

A merda é que nem sempre eu conseguia me convencer que Sophia era aquela vilã que eu pintava. Porque ela também era doce e gentil. Tinha um sorriso adorável e me deixava louco.

E eu morria de saudades dela e sempre acabava o dia me embebedando no *Pub* mais próximo, lutando contra a vontade de ir a

Weybridge buscá-la e pedir perdão por ser um idiota.

Só que não podia durar, porque para Sophia eu só prestava se fosse a porra de um duque.

E ela tinha me chamado de menino rico mimado e rebelde. Tinha dito que eu fugia das responsabilidades. Que eu tinha medo.

Eu tinha rechaçado todas aquelas acusações. Sophia não sabia de nada.

Mas a verdade é que quando estava na minha cama, o mundo girando enquanto o álcool fazia efeito, me perguntava se ela não tinha razão.

Ainda não tinha chegado a uma conclusão. E já fazia mais de um mês que ela foi embora.

Tinha sido um mês miserável.

— Foi só isso que veio me dizer? — Corto o assunto com Lexi.

— Eu vim ver como estava. E também avisar da festa dos pais do seu amigo Simon. Vai ser hoje à noite. Acho que devia ir, Simon é muito legal e precisa se distrair ou, sei lá, conversar com um amigo.

Eu não via Simon desde o dia em que ele abriu a porta pra mim e me deixou sozinho com Sophia.

Ele havia me enviado uma mensagem depois, dizendo que a deixou na fazenda da família e que podíamos nos encontrar para conversar, mas que naquela noite seria impossível porque tinha a festa de confraternização da empresa.

Só que eu não queria falar com ninguém, nem com Simon e ele também não havia insistido mais.

Mas talvez fosse a hora de eu tentar voltar ao normal. Parar de sentir pena de mim mesmo para variar.

Então decidi de última hora vir à festa dos Bennett.

— É uma festa *black tie*, Henry! — Mila reclama. — Talvez você possa usar algum terno do papai?

— Deixa o Henry em paz, Mila. — Meggie Bennett se aproxima me abraçando. — Como vai, querido? Está tão abatido.

— As coisas andaram meio encrocadas para o meu lado.

— Oh pobrezinho. Mas fico feliz que tenha vindo a nossa festa. Venha tomar um chá conosco. Estamos esperando Simon chegar com a noiva.

Franzi a testa.

Que diabos, Simon está noivo? Desde quando.

— E aí você já conhece ela? — Mila me cerca, curiosa.

O que eu posso dizer?

Será que estavam falando da noiva de mentira que Simon inventara? Como era mesmo o nome? Kate?

Entramos na sala de estar do Bennett e Florence, a cunhada de Simon, se aproxima.

— Oi Henry, nossa, que cabelo é esse? Precisa cortar urgente. Aposto que Simon vai te chamar para ser padrinho e espero que já tenha dado um jeito nessa aparência de homem das cavernas. Não vai ficar bom no altar.

— Verdade — Mila concorda.

— Simon então está noivo?

— Achei que soubesse, querido. — A senhora Bennett sorri confusa.

— É, claro, mas não sabia que estava sério assim, de data marcada e tudo... — Tento sair pela tangente.

— Não marcaram a data, mas acho que vai ser em breve. Precisa ver como Simon e Julie são apaixonados! — Florence suspira.

Minha nossa, quem era Julie? E o que Simon estava aprontando?

— Vocês... conheceram a noiva do Simon? — pergunto com cuidado.

— Claro que sim, e achei que a conhecesse também.

— Não tive a oportunidade — respondo surpreso que a tal Julie exista mesmo.

— Olha esses castelos, Henry. — Mila se senta ao meu lado, mostrando várias fotos de castelo. — Acho que, como você é nobre e tal, talvez nos indique um bem bonito?

— Talvez Durham fosse um local perfeito — Meggie se intromete. — Será que estaria disponível?

— Talvez, quem sabe — respondo, evasivo e me levanto. — Acho que preciso ir ao banheiro.

Afasto-me rápido, pegando o telefone e mandando algumas mensagens para Simon, para entender que loucura estava acontecendo.

Quando saio do banheiro, Sean, o irmão de Simon, me chama pra beber.

Conversamos sobre amenidades, até Simon aparecer.

— Henry, não sabia que viria!

— Nem eu. Minha irmã avisou hoje de manhã... Será que podemos

sair e dar uma volta?

— Vão lá — Sean diz. — Eu vou me arrumar antes que minha mulher me mate.

Saímos para o jardim e quando estamos longe da vista da família eu o intercepto.

— Que porra está rolando aqui? Parece que entrei em um mundo paralelo onde você tem uma noiva!

Simon ri.

— Eu tenho uma noiva.

— Quê?

— Lembra da noiva de mentira?

— A tal Kate? Falaram que era Julie...

— Sim, eu inventei uma Kate e aí na festa da empresa acabei achando uma garota bêbada no meu carro.

— Que diabos?...

— Eu a levei pra casa, pois percebi que era uma funcionária.

— A tal Julie?

— Sim.

— E como ela passou a ser sua noiva?

— Minha família apareceu e a viu lá, tirando conclusões. Ai eu tive a brilhante ideia de pedir para ela fingir ser minha noiva.

— Ah, agora entendo. Estão fingindo?...

— No começo sim. Mas nos apaixonamos e eu a pedi em casamento de verdade depois do Natal.

— Porra, Simon, como assim? — Espero que ele vá começar a rir e dizer que é uma piada.

Porque Simon Bennett não se apaixona e muito menos se casa!

— É, parece bizarro para mim também.

— Minha nossa, é mesmo um mundo paralelo! Então está noivo de verdade da tal Julie?

— Sim, estou. — Ele continua sorrindo.

— *Cara*, estou... chocado! Você nem namorada teve depois da Lorna e agora em um mês está noivo!

— Pois é. Às vezes a vida nos surpreende.

— Meu Deus, Simon está apaixonado!

— Sim, estou.

— E sua carreira e... merda, ela é funcionária! Você não transa com funcionárias.

— Estamos sendo discretos. Ou tentando. Ninguém na empresa sabe. Eu ainda levo minha carreira muito a sério. Não vou pôr tudo a perder. Estou disposto a levar isso sem que me prejudique.

— Claro, Simon Bennett, o cara pragmático e controlador. Acho que não mudou tanto assim. Mas estou curioso para conhecer essa garota que virou sua cabeça.

— Você vai conhecê-la hoje. E como você está?

— Está tudo uma merda ainda.

— Nunca mais viu a Sophia?

— Não.

— Achei que fosse mudar de ideia. Que iam voltar.

— Duvido que seja possível.

— Mas você ainda gosta dela.

— Claro que sim. Mas tem toda essa confusão de Durham...

— Olha, nunca me intrometi, mas sério, vai mesmo deixar tudo para Hugh? O cara é um babaca.

— Eu sei. Em parte foi por isso que eu voltei. Porque não queria deixar que ele assumisse tudo. Mas foi um inferno. Me senti tão inadequado e sufocado...

— É seu legado, *cara*.

— Eu sei. Mas não é fácil. A vida em Notting Hill é tão mais simples. Gosto das coisas descomplicadas. Sem amarras, sem...

— Responsabilidade?

Sinto-me mal de repente. Lá vem aquela palavra.

Recordo-me das acusações de Sophia.

— Acha que sou só um menino mimado e rebelde que foge das responsabilidades? — questiono Simon, usando as acusações de Sophia.

— Quer ouvir a verdade?

— Pode mandar.

— Eu entendo que deva ser uma merda todas essas responsabilidades de aristocrata. Entendo que tenha medo de ficar preso pelo resto da vida e que isso te impeça de fazer o que realmente é importante para você. E sabe por que eu entendo? Porque era exatamente como eu me sentia em relação a me apaixonar.

— O que isso tem a ver?

— Eu tinha pavor de que, a partir do momento que deixasse alguém entrar na minha vida, eu teria que abrir mão da minha carreira.

— Isso é ridículo. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Exatamente. As duas coisas podem convergir. Podem encontrar um equilíbrio.

— Está comparando a sua Julie a Durham?

— Pode parecer meio sem noção, mas estou sim. É do que tem medo. E o medo te fez ficar teimoso. O fez ficar cego. Assim como eu era.

— Está me assustando, Simon. Parece um daqueles pastores ou líder de Seita.

Simon ri.

— Só estou tentando fazer você entender. Assumir sua herança. Ser o duque que esperam que seja, não precisa ser uma prisão.

— Não sabe do que está falando.

— Como eu disse, claro que vai haver responsabilidades chatas. Mas isso é a vida adulta, porra. Não só ficar brincando no parquinho. Dito isso, sim, está sendo um menino mimado. Além do mais, você é a merda de um duque! Quem manda naquela porra é você. Acho que não entendeu ainda que não tem mais dezessete anos, não precisa abaixar a cabeça pra sua mãe. Você tem o poder. E pode transformar Durham no que quiser. E pode ser o duque que quiser ser. Se quiser tirar um tempo pra tirar foto? Que tire. Deve ter alguém pra fazer o trabalho chato pra você por um tempo.

As palavras de Simon caem em mim como um muro de concreto, me soterrando.

Será que ele tem razão e estou sendo um idiota mimado e teimoso?

Eu fui feliz em Notting Hill. A liberdade foi incrível.

Mas a verdade é que desde que conheci Sophia a felicidade tinha mais a ver com ela do que com o local que eu morava.

Sem Sophia, a vida não tinha graça nenhuma.

— Sophia me chamou de mimado e irresponsável. E medroso. Disse que eu tinha medo de ser duque, porque meu pai foi um incrível.

— É um ponto — Simon concorda. — Seu pai era mesmo incrível. Mas ele não está mais aqui. E acha que ele ficaria feliz de ver o que está fazendo?

— Isso é golpe baixo.

Simon ri.

— Aposto que pensa nisso.

— Sim, penso sim. Sinto falta dele.

— Eu sei, *cara*. Mas a vida continua. E tem que tomar uma decisão.

— Sim, eu tenho...

— E Sophia? Acha que ainda tem jeito?

— Já faz um mês. E ela não estava muito feliz comigo. Além do mais, ela mentiu pra mim.

— Sim, mas ela só quer o seu bem, porque ama você.

— Eu a amo também e ficar sem ela é uma merda.

— Então acho que tem muita coisa pra fazer, hein? — Simon olha a hora. — Bem, preciso ir me arrumar para a festa. Nos vemos mais tarde.

Simon se afasta, me deixando pensativo.

E no fim Lexi tinha razão. Conversar com Simon foi como se um peso saísse das minhas costas.

E agora eu tenho várias coisas no que pensar.

E permito que alguma esperança renasça em mim.

Naquela noite, conheço a noiva de Simon, Julie Harris. Ela é linda e vê-la perto de Simon, a maneira que interagem, faz com que eu sinta um pouco de inveja do que tinham.

Sério, Simon era mesmo um filho da puta. Nunca quis se apaixonar e quando acontecia, era em uma semana!

Tudo bem, que Julie Harris parece ser afeita a atos impulsivos e de caráter um tanto duvidoso, como o show que deu quando subiu ao palco movida pelo ciúme da ex-noiva de Simon, que também está na festa, e fez um discurso sem pé nem cabeça. E para completar, ela ainda derruba uma mulher da escada, causando a maior confusão. Parece que a mulher em questão também trabalha da DBS e Simon fica furioso, sendo obrigado a levar a funcionária ao hospital, me pedindo para levar Julie pra casa.

E depois de deixar a noiva de Simon, dirijo sem rumo por um tempo. E quando amanhece o dia e estaciono em frente à casa da família de Sophia em Weybridge, ainda não sei o que vou fazer.

Mas preciso vê-la.

— Henry, o que faz aqui, rapaz? — O pai de Sophia abre a porta pra mim ainda com cara de sono.

— Desculpe a hora. Mas eu queria ver a Sophia.

O homem coça a cabeça com uma cara esquisita e faz sinal para eu entrar.

— Acho que preciso de um café. — Ele coloca o café no fogo e me sinto um tanto impaciente, mas Oliver só se senta à mesa comigo com duas canecas de café.

— Sei que é inesperado aparecer aqui — explico — não sei o que Sophia contou sobre nosso rompimento.

— Contou-me o bastante.

— Está bravo comigo?

— Se magoa minha menina, é claro que não posso ser um grande fã.

— Sinto muito, não era minha intenção magoá-la.

— Mas eu sei o que Sophia fez. Escondendo a conversa com a sua mãe e tudo o mais. Não foi certo.

— Mesmo assim. Eu perdi a cabeça quando brigamos, fiquei furioso. E lhe disse coisas horríveis.

— Aposto que Sophia também te disse poucas e boas.

— Algumas eu acho que eram verdades, embora só comece a perceber agora. Por isso queria conversar com ela.

— Para que, meu jovem? Para brigarem mais? Se magoarem mais?

— Não quero brigar com a Sophia.

— E o que quer?

— Eu não sei.

— Ainda gosta dela.

— Mais que a minha vida.

Oliver toma um gole de café, pensativo.

— Sophia não está aqui.

— Não? Onde ela está?

— Não estou autorizado a dizer.

— Por favor, eu prometo que só quero conversar.

— Sinto muito, mas antes quem tem que conversar com você sou eu. Primeiro, o que decidiu quanto a sua herança? Sophia disse que ia abrir mão mesmo. Decidiu?

— Eu achava que era o que eu queria. Mas... Começo a ver as coisas de maneira diferente. Só não tenho ainda muitas certezas de como consertar tudo. E... acho que preciso da Sophia para isso.

— Antes de mais nada, acho que até antes de tentar acertar os pontos com Sophia, precisa acertar com a sua família e seu legado.

— Eu sei.

— E você acusou Sophia de ser interesseira.

— Eu não me orgulho disso.

— Talvez tenha razão. Sophia tem mesmo uma obsessão em ser da nobreza.

— Sim, mas eu nunca poderia colocar em xeque o que ela sentia. Eu sei que estávamos mesmo apaixonados. Mas é difícil achar que ela só me amava por eu ser um duque. Que eu não serviria pra ela sendo menos.

— Acha mesmo isso?

— Na hora eu achei. Mas estava furioso.

— Olha, Henry, tem algo que não sabe sobre Sophia. Algo que nem ela sabe. — Oliver faz uma pausa, me deixando confuso. — O que eu vou te contar agora, é um segredo de família. E nunca tive coragem de contar a Sophia.

— Como assim?

— A mãe da Sophia era filha de barão.

— O quê? Ela nunca me disse isso.

— Porque ela não sabe.

— Não sabe?

— O pai dela era contra nosso casamento. Nos conhecemos na faculdade e nos apaixonamos. Quando nos formamos, ela virou as costas a sua família e veio morar comigo. O pai dela a deserdou. Ann morreu um pouco depois que Sophia nasceu, de complicações decorrentes do parto. E me fez prometer que eu iria criar Sophia e nunca deixar o pai ficar com ela. Fiquei com medo que algum dia o barão pudesse tirá-la de mim e guardei esse segredo. Nem meus pais sabem das origens de Ann.

— Minha nossa, que história!

— Eu sei. Eu acho que é por isso que Sophia é assim, que tem esses anseios de nobreza.

— Faz sentido. E nunca vai contar a ela?

— Eu achei que não. Mas talvez tenha chegado a hora.

— Sim, eu acho que tem que contar.

— Então, meu caro. Meu conselho é que vá para sua casa e acerte as contas com a sua família. E depois, talvez ainda tenha uma chance com a

minha filha.

— Não vai mesmo dizer onde ela está?

— Sinto muito, mas não.

Despeço-me de Oliver e entro no carro.

Mas em vez de ir para Londres, tomo o rumo do norte.

O rumo de Durham.

E durante o caminho, coloco Adele pra tocar. Sophia em razão. Adele ajuda quando estamos na fossa.

Chego a Durham no começo da tarde.

Desço do carro e contemplo o castelo que está na minha família há tantas gerações.

Porém, agora admiro com outros olhos. Talvez pela primeira vez na vida da maneira como deve ser. Como um legado que me pertence. Com certo orgulho e não a opressão que sentia antes.

Subo as escadas e entro no castelo.

Carson passa pelo hall segurando uma bandeja, que quase derruba quando me vê.

— Sua graça!

— Porra, Carson, corta essa!

— O que faz aqui, quer dizer... Não fomos avisados de seu retorno...

— Eu sei. Nem eu sabia do meu retorno...

De repente mais alguns garçons passam pelo hall com bandejas.

— O que está rolando? Alguma festa?

— Um chá beneficente, senhor. No jardim de inverno.

— Minha mãe está lá?

— Sim, mas...

— Obrigado, Carson.

Atravesso o hall e abro as portas do jardim de inverno, onde várias mesas elegantes estão dispostas com senhoras de todas as idades e bem vestidas bebericando chá.

Minha mãe está em pé no centro falando com uma mulher que está de costas. Uma mulher que usa um vestido azul royal e tem os cabelos ruivos presos em um elegante coque.

De repente, eu sei quem é aquela mulher.

Mas não pode ser...

Então se vira e eu tenho certeza quando meus olhos reconhecem Sophia.

Ela está com uma prancheta na mão e para um garçom quando ele passa, lhe passando algumas... ordens?

Que diabo está acontecendo aqui e o que Sophia está fazendo em Durham?

E... conversando com a minha mãe que sorri pra ela.

— Sophia?

Ela levanta o olhar e me vê, empalidecendo enquanto vou a sua direção.

Capítulo 13

Sophia

Por um momento perco o ar quando avisto Henry me encarando fixamente.

Ai caramba, acho que sempre soube que este reencontro estava fadado a acontecer mais dia menos dia, mas confesso que não imaginei que fosse hoje e não estou preparada para ver Henry vindo em minha direção, ainda mais lindo do que nunca.

E agora quando ele para na minha frente, com seu olhar confuso indo de mim para sua mãe, eu só penso no quanto senti sua falta.

— Que diabos está fazendo aqui? — ele indaga por fim.

— Henry, isso é maneira de falar? — a duquesa o repreende.

— Margareth, acho que Henry só está confuso com minha presença aqui.

— Margareth? — Henry agora está mais chocado ainda.

As senhoras presentes no chá estão cochichando curiosas e a duquesa percebe a comoção.

— Henry, aqui não é o lugar e nem o momento...

— Uma ova que não é! Que porra Sophia está fazendo aqui?

A duquesa não perde a pose e se vira para mim.

— Sophia, continue aqui, supervisionando tudo. Eu vou conversar com Henry em privado.

Henry não parece querer arredar o pé dali.

— Não. Eu quero falar com a Sophia.

Suspiro, vencida.

— Tudo bem. — Encaro a duquesa. — Acho que eu devo uma explicação a ele mesmo.

— Certo. Mas não demore. Vamos começar o leilão em uma hora.

— Eu retorno antes, pode deixar.

Caminho pelo salão e não preciso olhar para trás para saber que Henry está me seguindo.

Ainda parece inacreditável que ele esteja aqui.

Paro quando chegamos ao jardim e me viro.

— Sei que está surpreso de me ver aqui, mas posso explicar...

Por onde começar?

Talvez por um mês atrás, quando estava na minha casa em Weybridge sentindo-me miserável e tentando esquecer que tinha estragado minha única chance de ser feliz. Embora minha avó insistisse que eu estava sendo fatalista demais e com certeza eu ia me apaixonar de novo.

— Acha que vou achar outro Henry? Até parece!

— Querida, a vida pode te surpreender.

— A vida não me surpreende, ela faz pegadinhas de mau gosto comigo! Primeiro faz eu me apaixonar por um duque, mas, surpresa! Ele vai renunciar a tudo! Faça-me o favor!

E numa tarde após o Natal, eu estava ajudando minha avó na cozinha, quando escutamos um carro estacionando.

Saí para a varanda e quase caí para trás ao ver um motorista uniformizado abrindo a porta do carro para ninguém menos que a mãe de Henry.

— Duquesa?

Ela fixou o olhar em mim, caminhando em minha direção, trajando um rico casaco de pele preto.

— Minha nossa, quem é essa, a rainha? — vovó perguntou atrás de mim.

— Não senhora, uma duquesa. É a mãe de Henry!

— Olá, Sophia, como vai? — A mulher finalmente me alcançou. — Não vai me convidar para entrar e tomar um chá? Não é educado ficarmos congelando aqui.

— A madame tem razão — vovó se adiantou — Olá, sou Marina, a avó de Sophia e a senhora é a mãe do Henry?

— Sim, eu sou.

— Então é muito bem-vinda, vamos entrando! Não só tem chá como acabamos de assar uma torta de morango!

A mãe de Henry entrou em casa, e foi realmente muito esquisito ver a elegante duquesa ali, na nossa simples cozinha.

— Sente-se, por favor — ofereço a cadeira remendada da minha avó e a duquesa retira o casaco, sentando-se.

— Hum, que pitoresco aqui — comentou. Pareceu um tanto esnobe. Mas não maldoso.

Vovó serve a torta de morango com chá.

— Foi essa torta que fez lá no castelo? — a duquesa questiona.

— Sim, essa mesmo — respondo.

— Uma receita de família. — Vovó sorri com orgulho.

— É deliciosa, parabéns.

— Vovó, pode nos deixar a sós, por favor.

— Claro, fiquem à vontade.

— O que está fazendo aqui? — indaguei à duquesa quando vovó se afasta.

— Fiquei sabendo que você e Henry romperam.

— Sim, já faz alguns dias.

— Lexi me contou que ele foi à nossa casa em Londres devolver a tiara e estava furioso.

— Sim, ele descobriu que a senhora me deu a tiara e tive que contar que pedi que eu o convencesse a voltar a Durham. Ficou enfurecido, tivemos uma briga terrível e ele rompeu comigo, me mandando embora.

— Lexi me contou que ele a pediu em casamento.

— Sim, é verdade. Mas acabou.

— Eu sinto muito — ela disse muito séria e me pareceu sincera. — Acha que realmente não tem chance de voltarem?

— Eu duvido. Eu lhe acusei de ser medroso e mimado.

— Não mentiu.

— Ele ficou magoado comigo com certeza. Mas também me chamou de ambiciosa e obcecada pela realeza.

— Ele mentiu?

— Não sou uma interesseira. Mas é verdade que sempre quis ser da nobreza.

— Era o meu sonho também.

— Era?

— Sim. Minha família tinha dinheiro, mas nem um pinga de sangue aristocrático. E eu só queria fazer parte das melhores rodas. As mais exclusivas. Aquelas que só lordes e ladies podem entrar.

— Aristocracia.

— Sim. Fiz planos bem elaborados para conquistar algum homem

com título. E o escolhido foi o pai de Henry. Então, temos muito em comum. Só que diferente de você, que ama Henry de verdade, eu não amava o pai dele.

Fico em silêncio com aquela confissão.

— Charles era um bom homem. E dentro do que era esperado, nós fizemos um bom casamento. Mas não sei se ele foi feliz comigo. Talvez Henry tenha razão em ter ressentimentos sobre mim.

— Henry sabe disso?

— Ele e o pai eram muito amigos. Acho que ele contou a Henry.

— Sinto muito.

— Eu posso não ter sido a melhor das esposas, mas fui uma excelente duquesa. E fui muito rígida com Henry. Sempre o criei para ser um duque, um homem forte e ciente de suas obrigações. Quando entrei na família, eu disse a mim mesma que iria honrar este legado. E é o que venho tentando fazer. Só que acho que o tiro saiu pela culatra. Henry apenas se tornou rebelde e pronto para fugir de tudo. E acho que a culpa é minha, da minha repressão.

— É, acho que foi mesmo. — Optei por ser sincera, já que a duquesa também estava sendo.

— Aprecio a sua sinceridade. Você seria uma excelente esposa, Sophia. Porque tem o essencial. Amor. E também uma excelente duquesa, porque sabe o valor de um título de nobreza.

— Ainda não entendo porque está aqui e me falando essas coisas. Não faz mais diferença.

— Eu vim te pedir desculpas. Acho que por minha culpa você e Henry terminaram.

— Não foi culpa sua. E... Henry tomou uma decisão?

— Ainda não. Mas o tempo está se esgotando.

— O que vai fazer se ele desistir de verdade?

— Eu vou ficar muito decepcionada. Mas sei que Henry tem direito de escolher. Mesmo que seja uma decisão de merda.

Meu Deus, a duquesa era capaz de praguejar!

— E você, o que pretende fazer? — ela pergunta.

— Por enquanto estou por aqui, ajudando meus avós e meu pai na propriedade. Mas não acho que aqui seja meu lugar. Eu vou ter que decidir o que fazer, arranjar um emprego, não sei.

A duquesa ficou pensativa por um momento.

— Acho que posso te fazer uma proposta.

— Proposta? — Eu a encarei, desconfiada.

— Fique tranquila. É apenas uma proposta de trabalho.

Volto ao presente, depois de quase acabar de contar a Henry como eu tinha vindo parar no castelo.

— Você está trabalhando aqui? — Henry questiona, ainda surpreso.

— Sim, estou.

— Isso é... Inesperado!

— Pode ser. Mas a duquesa disse que ia demitir o antigo administrador porque desconfiava de que ele era muito fiel a Hugh.

— Roger foi demitido?

— Foi sim. Uma pena para ele, bom para mim.

— Espera, isso não é um plano seu e da minha mãe de novo é?

— Fala sério, Henry! Agora você está se achando demais, minha vida não gira mais em torno de você. Eu aceitei a proposta da sua mãe porque precisava de um trabalho e achei mesmo que eu seria perfeita para o cargo. Você há de convir que alguém com meus conhecimentos de nobreza podia ser muito útil aqui em Durham — digo com orgulho.

E eu me sinto mesmo orgulhosa.

Quando a duquesa propôs que eu me mudasse para Durham para trabalhar lá, achei que estivesse louca. Mas ela disse que eu podia mesmo ser útil e que eu era muito perspicaz e determinada.

Confesso que curti muito aqueles elogios. E a ideia de trabalhar diretamente com uma família nobre em um castelo começou a parecer bem promissora.

Porém, ainda era a casa de Henry e eu tinha dito isso à duquesa.

— Henry não está lá, então ele não manda em nada.

— Mas e se ele voltar?

— Se ele voltar vai ter uma surpresa! — Ela sorriu.

— E se não voltar?

— Talvez eu e você tenhamos que procurar emprego.

Assim, eu tinha viajado com a duquesa para Durham e comecei a ajudá-la na administração do castelo e na organização de todos os eventos.

E devo dizer que estava amando!

E quem diria que eu poderia me dar muito bem com a mãe de Henry?

— E onde está Hugh? — Henry pergunta.

— Hugh está viajando com sua última namorada. E acho que ainda não faz ideia que estou trabalhando aqui. Assim como sua tia Claire, que está em um retiro religioso.

Henry desvia o olhar para o horizonte, passando os dedos pelos cabelos, ainda parece confuso.

E a pergunta que não quer calar é. O que ele está fazendo aqui?

Com certeza não esperava me achar em Durham, afinal não sabia que eu estava aqui.

— E o que você veio fazer aqui? Já... Tomou sua decisão?

Ele descansa o olhar em mim.

— Sim.

Prendo a respiração, mas antes que ele possa responder, Carson aparece.

— Senhorita Sophia, a duquesa requer sua presença no jardim de inverno.

— Estou indo, Carson.

Encaro Henry com um olhar de desculpa.

— O dever me chama.

Quase corro de volta ao jardim de inverno e a duquesa me aborda na porta.

— O que está acontecendo?

— Ainda não sei. contei a Henry como vim parar aqui, acho que ele está em choque.

— E ele falou o que veio fazer aqui?

— Ele disse que tomou uma decisão.

A duquesa leva a mão ao coração.

— Mas ainda não me disse qual. — continuo. — Precisamos terminar este leilão e depois acho que você pode conversar com ele.

— Sim, tem razão. Vamos terminar aqui.

Caminho até a área na frente do salão e começo o leilão beneficente que eu tinha dado a ideia de fazer com alguns dos vestidos antigos da duquesa, em prol de um orfanato na região.

Em um dado momento, noto que Henry está parado no fundo do salão observando tudo.

É um custo terminar o evento, minha cabeça está a mil, imaginando o que foi que ele decidiu.

Algumas senhoras me cercam ao fim do evento, para elogiar como tudo foi incrível e me sinto muito bem por todos terem se divertido e ainda vamos ajudar as crianças do orfanato.

Caramba, sou quase uma Lady Diana!

“Para de ser ridícula, que nem nobre você é. Está aqui apenas fazendo um trabalho.”, minha consciência me estapeia com vontade e levanto o olhar para ver Henry se afastando com sua mãe.

Será que eu não ia poder participar da conversa?

Não é justo!

Por fim, a última convidada vai embora e eu abordo Carson, que supervisiona a limpeza.

— Cadê o Henry e a mãe?

— Estão nos aposentos da duquesa, senhorita.

— Obrigada, Carson.

Droga, eu queria muito participar daquela conversa!

Bem, talvez eu possa tentar.

Olho em volta e ninguém parece notar minha presença quando saio para o jardim. Ainda lembro onde é a janela da duquesa, quando confundi com o quarto de Henry.

Então, subo pela mesma árvore, até que esteja em frente à janela. Infelizmente tem uma droga de cortina tapando minha visão, mas estendo a mão e abro um pouco o vidro e escuto a voz da duquesa.

— Acho que deveríamos ter tido essa conversa há muitos anos — a duquesa diz.

Ai inferno, acho que cheguei no fim e perdi todo o assunto principal!

— Sim, tem razão.

— Então é essa sua decisão?

— Sim, é.

Qual? Qual? Dá pra repetir?

— Droga! — exclamo sem querer.

— Que foi isso? — a duquesa diz e escuto passos se aproximando.

Ai merda!

Largo a janela e começo a descer pela árvore, e estou no meio dela quando escuto a voz de Henry.

— Sophia?

Assustada, despenco o resto do caminho, indo parar nos arbustos.

E ainda estou ali, tentando recuperar o fôlego quando Henry surge no meu campo de visão.

— Você precisa parar de despencar desse jeito! — diz exasperado enquanto me puxa, até que consiga ficar de pé. — Se machucou?

— Acho que não...

— Estava escutando nossa conversa?

— Claro que não!

— E estava fazendo o que pendurada na janela do quarto da minha mãe?

— É, eu... Está bem, eu queria ouvir! Mas cheguei no fim e acabei não ouvindo nada!

De repente ele sorri.

— O que é engraçado?

— Você despencando aos meus pés de novo. Foi assim que nos conhecemos.

Eu sorrio de volta e, enquanto estamos ali sorrindo um para o outro relembrando nossa louca história, sinto como se meu coração quebrado estivesse se consertando de novo, pedacinho por pedacinho.

— Você foi legal de não me dedurar.

— Eu sabia que devia ter te dedurado, mas não resisti a esse seu sorriso.

— Eu sei.

Henry abaixa a cabeça e faço o mesmo, mirando nossas mãos ainda unidas.

— Sabe do que sinto mais falta? — confesso baixinho. — De como éramos amigos. Você foi meu melhor amigo, Henry.

— E eu achando que ia dizer que sentia falta do sexo incrível.

— Isso também. — Entrelaço meus dedos nos dele. Ousando ter esperança, porque, inferno, eu ainda sou louca por ele.

Mas ainda preciso saber o que Henry decidiu.

— Henry, o que faz aqui? Que decisão tomou?

— Vem comigo, quero te mostrar uma coisa.

Ele me puxa pela mão pelos corredores do castelo até que estejamos dentro da sala onde guardam as joias.

— O que estamos fazendo aqui?

Henry caminha até um dos armários o abrindo.

— Não deveria ter permissão para mexer aí?

— Foda-se eu mando aqui.

— Você... Ai meu deus, você decidiu ficar?

Ele se volta e sorri pra mim e perco o ar quando vejo o que está em sua mão.

É o anel de família.

— Acho que vou desmaiar... — sussurro e Henry segura minha mão, me impedindo de ir ao chão, feito geleia.

— Sim, eu não vou abrir mão da minha herança. Então, acho que sou um fodido duque de novo, e a pergunta é... você quer ser minha duquesa, Sophia?

— Está falando sério?

— Claro que sim!

— Henry... Quando... como...

— Mudei de ideia? Acho que teve uma pessoa que me disse algumas verdades.

— Eu?

— Sim, você. Sempre você. Tinha razão, eu estava agindo como um moleque mimado. No fundo ainda não sei como vou lidar com isso, ou que tipo de duque vou ser, mas não vou decepcionar todas as gerações passadas de Duques de Durham. E nem vou deixar que meu filho não herde este título.

— Filho? — Ai minha nossa, agora ele está indo longe demais.

— Sim, eu quero ter filhos com você, Sophia.

— Henry, estou passando um pouco mal aqui, não estava preparada para tanta emoção.

— Você ainda não respondeu.

— Claro que sim! Eu quero ser sua esposa, sua duquesa, sua amiga. Pra sempre.

Henry desliza o anel em meu dedo e uma lágrima cai por meu rosto.

— Eu te amo, Henry.

— Eu sei. — Ele sorri e me beija.

— Pode me levar pra cama agora? — sussurro contra seus lábios.

— Pensei que nunca ia pedir! — Ele me pega no colo e sai me carregando assim pelos corredores, alguns criados ficam chocados quando

passamos.

E quase morro de vergonha ao ver a duquesa no caminho.

Mas Henry passa direto.

— Ai nossa, sua mãe!

— Eu já falei pra ela que não vai mais ditar as regras por aqui.

Ele entra em seu quarto e me joga na cama.

— Sério que peitou sua mãe?

— Fiquei com um pouco de medo de ela me pôr de castigo, mas sim, eu o fiz. E tivemos uma ótima conversa.

— Eu imagino como foi...

— Além do mais, para quem dorme com o mordomo, acho que não tem muita moral...

— Você sabe?

— Minha mãe acabou de confessar.

— E não ficou bravo?

— Fiquei meio chocado, mas acho que não é da minha conta. E Carson é um cara legal.

— Sim, tem razão.

— Agora chega de falar da minha mãe... — Ele arranca meu vestido e no minuto seguinte, estamos ocupados em retirar todas as roupas do caminho.

— Nós vamos mesmo nos casar? — sussurro entre beijos cada vez mais quentes.

— Sim... e o mais breve possível... — Henry se coloca entre minhas pernas, me penetrando devagar.

— Um casamento com tudo o que tem direito?

— Um casamento digno de realeza... — sussurra em meu ouvido.

— Com a rainha e tudo?

— Acho que podemos dar um jeito.

Alguns dias depois Hugh e Lady Claire retornam ao castelo e têm uma nada agradável surpresa quando encontram Henry.

— Primo. — Hugh não parece nada satisfeito. — Veio se despedir do seu legado?

— Não, Hugh. Eu decidi assumir minha herança e meu título.

— Mas...

— Estou lhe comunicando que, a partir de agora, eu sou definitivamente o Duque de Durham.

— Até quando se cansar de novo? — Hugh dardeja, irritado.

— E o que essa garota está fazendo aqui? — Lady Claire aponta o dedo pra mim.

Henry segura minha mão.

— Eu e Sophia estamos noivos.

— Que blasfêmia! Vai deixar isso, Margareth? — Ela se vira para a mãe de Henry que apenas sorri satisfeita.

— Sophia será uma ótima duquesa.

— Você enlouqueceu?

— Veja como fala, tia! Aliás, tenho novidades para vocês. — Ele sorri pra mim e conta à família o que tinha decidido e o que vínhamos conversando há dias sobre o futuro de Durham.

— Durham será aberto ao público.

— O quê? — Hugh está indignado. — Vai se rebaixar a isso?

— Melhor do que vender para alguma cadeia de hotel como você pretendia — rebato.

— Sim, temos muitas obras de arte e muita história aqui. Eu e Sophia decidimos transformar parte de Durham em um museu.

— Isso é um desatino. Vai deixar isso, Margareth? — Lady Claire questiona.

— Essas decisões não cabem mais a mim, e sim ao meu filho, o Duque de Durham.

— Eu e Sophia vamos morar em Londres. E, claro, parte do castelo ficará privado para a família. Poderemos voltar quando necessário.

— Agora vai dizer que vai morar em Notting Hill...

— Eu posso morar lá ou onde bem entender, primo. Mas Sophia quer morar na casa da família em Mayfair.

— Ah, e aproveitando — eu me intrometo — vocês não são mais bem-vindos nem lá e nem aqui!

— O quê? — Lady Claire parece que vai ter uma síncope.

— Está nos colocando pra fora do castelo? — Hugh indaga perplexo.
— Somos da família e...

— Sim, por isso que estou dando a vocês a propriedade em York.

Será passada para seu nome Hugh — Henry anuncia.

— Aquele chalé minúsculo? — Lady Claire exclama ultrajada.

— Tia, aquele chalé minúsculo tem seis quartos! E vários hectares de terra.

— E a senhora como religiosa não deveria ser mais desapegada? — digo com ironia.

— Isso é absurdo! — Hugh ainda está revoltado.

— Pode ficar com isso ou nada, Hugh. Acho que estou sendo muito generoso — Henry é enfático.

— Meu filho tem razão. Nós estamos indo para Londres e espero que, quando voltarmos, não estejam mais aqui. — A duquesa dá o assunto por encerrado.

— Então é aqui que vive. — Lady Margareth, como havia pedido para ser chamada agora, contempla a casa de Henry em Notting Hill.

— Simples demais para seus padrões? — Henry brinca.

— Pitoresco... — Ela me encara. — Concordaria em morar aqui se Henry pedisse?

— Eu gosto daqui, mas claro que estou louca para morar lá na casa de Mayfair. Não vejo a hora!

— Ainda estou em choque! A duquesa está em Notting Hill — Lexi brinca.

— Não me chame mais de duquesa, Lexi, em breve este título será da esposa de Henry, a Sophia.

Ai caramba. Ela tem razão.

Sinto meu coração disparado de emoção.

— Bem, o chá estava ótimo — Lady Margareth se levanta —, mas tenho muitas coisas a fazer. A começar por pedir que anunciem o casamento do duque nos jornais.

Henry revira os olhos, impaciente, mas não fala nada.

— Eu também já vou. — Lexi segue Lady Margareth e as duas se despedem.

Antes de eu fechar a porta, a Senhora Crawford acena pra mim.

A primeira coisa que eu tinha feito quando cheguei foi contar a ela as novidades.

Volto para dentro e Henry vem até mim.

— Pronta para fazer as malas?

Envolvo meus braços em volta do seu pescoço.

— Não vejo a hora de me casar com você.

— Você não vê a hora de virar duquesa isso sim.

— Isso também. Mas eu só quero ter certeza que vamos estar juntos para sempre.

Ele sorri.

— Isso eu posso garantir. Nós somos pra sempre.

Henry me beija e eu suspiro.

Sabia que meu conto de fadas ainda ia ter final feliz!

Nota da autora

Ainda teremos um conto para concluir o conto de fadas da Sophia!
Em breve “Um brinde a realza”



Sobre a autora

Juliana Dantas



Apaixonada por livros, séries e viagens, a paulista Juliana Dantas envolveu-se com a escrita em 2006, produzindo fanfics dos seus seriados e livros preferidos enquanto trabalhava em uma grande rede de livrarias. Estreou como autora independente na Amazon em 2016 e hoje possui 30 títulos na plataforma Kindle. Com mais de 60 milhões de páginas lidas e com dois títulos na lista de mais vendidos da *Veja*, sua escrita transita livremente entre dramas surpreendentes e romances leves e divertidos.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street

Vendetta – Livro 1

Vendetta – Livro 2

Vendetta – Livro 3

Vendetta – Livro 4
A Verdade Oculta
Segredos que ferem
Linha da Vida
Longe do Paraíso
Espinhos no Paraíso
Juntos no Paraíso
Espera – Um conto de O Leão de Wall Street
Cinzas do Passado
Trilogia Dark Paradise (Box)
A Outra
Segredos e Mentiras
Uma vida extraordinária
Por um sonho
O Highlander nas sombras
Quando você chegou
O segurança de Wall Street
Box Vendetta
Uma noiva de natal
Um noivado nada discreto
O dia dos namorados de Julie e Simon
Um sonho de Princesa
As infinitas possibilidades do nunca
Desastres sexuais (Conto Amor, amizade e outros desastres)
Box Romances Inesquecíveis
No silêncio do mar
O que escolhemos esquecer
Um bebê Inesperado
Um bebê de natal (conto da série Julie & Simon)

Livros físicos

A verdade oculta – Editora Pandorga
Segredos e Mentiras – Editora Volúpia
Quando você chegou – Editora Volúpia

Uma noiva de natal – Independente
Um noivado nada discreto – Independente
No silêncio do Mar – Harper Collins – Harlequin
As Infinitas Possibilidades do nunca – Independente

Contatos

E-mail julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage fb.com/@JulianaDantasAutora

Instagram @julianadantas_autora

WebSite: www.julianadantasromances.com

Caixa Postal: 76964 CEP 05412-972 São Paulo SP